

Cristina Alexandra Ramos Cardoso

**Jovens, museus e redes sociais – Intervir em prol da
relação através de um serviço educativo**

**Relatório apresentado à Faculdade de Psicologia e de Ciências da
Educação da Universidade do Porto, para a obtenção do grau de Mestre
em Ciências da Educação.**

**Realizado sob a orientação do Professor Doutor
Henrique Malheiro Vaz**

Resumo

Este relatório de estágio apresenta a intervenção realizada nos serviços educativos do Museu Quinta de Santiago com o objetivo de promover a criação de uma ligação entre os/as jovens e os museus, tendo como base de apoio o recurso às redes sociais. Pretende-se, inicialmente, apresentar a problemática em questão refletindo de que forma evoluíram os museus, que preponderância têm na vida dos/as jovens e como as redes sociais podem influenciar a conexão entre ambos. Estamos na era da globalização, onde os “gadgets” da Web se assumem como a extensão dos membros dos nossos/as jovens e lhes permitem uma ligação permanente aos conteúdos que lhes parecem mais interessantes. Os museus sofreram evoluções ao longo dos séculos até chegar aos dias de hoje, em que vivemos numa aldeia global, e por conseguinte importa perceber em que medida estão incluídos na mesma.

Posteriormente, pretendemos demonstrar como a intervenção é vista como um processo privilegiado de mediação entre a cultura museológica e os seus públicos. A partir da utilização inicial de instrumentos metodológicos (Focus Group e entrevista com a técnica dos Serviços Educativos) pudemos desenvolver o plano de intervenção pela qual nos guiamos durante todo o estágio e compreender como funcionava o serviço e o local onde este foi implementado. Era importante compreender como funciona a instituição na sua promoção através dos meios de comunicação para, assim, fazer chegar o seu nome e o que por esta é desenvolvido a toda a população. A participação de um grupo de jovens no desenvolvimento e divulgação de atividades direcionadas aos seus pares foi preponderante e culminou na realização das mesmas no dia 18 de maio de 2013, o dia e noite internacional dos museus. Entrevistas aos/às jovens visitantes no dia da atividade e o relatório dos inquéritos realizado pelo museu no mesmo dia foram os instrumentos avaliadores dos resultados desta intervenção.

A intervenção atraiu pessoas de um leque variado de idades, alguns já familiarizados com o espaço, outros trazidos pelos/as jovens e atraídos pelas dinâmicas inovadoras desenvolvidas pelo/as mesmos/as, permitindo ao museu dar a conhecer os seus espaços, demonstrando que é possível fazer algo diferente e colocando o espaço museológico nos circuitos de lazer dos/das jovens, muito embora a utilização das redes sociais tenha ficado aquém do pretendido.

Resumé

Ce rapport de stage rend compte d'une intervention aux services éducatifs du Musée *Quinta de Santiago* avec le but de promouvoir la création d'un lien entre les jeunes et les musées, axée sur l'utilisation de réseaux sociaux. On prétend, tout d'abord, présenter la problématique en question, en réfléchissant a propos de la façon dont les musées ont évolué, quel est son but dans la vie des jeunes et comment les réseaux sociaux peuvent influencer les liens entre eux. Nous sommes à l'époque de la mondialisation, où le " gadget " Web se présente comme une extension des membres de nos jeunes et leurs permet un lien permanent aux contenus qui leurs semblent les plus intéressants. Les musées ont expérimenté des évolutions au cours des siècles jusqu'à nos jours, où nous vivons dans un village global et, par conséquent, il faut comprendre dans quelle mesure ce sont-ils inclus dans les dynamiques de cette village globale.

Nous avons l'intention de discuter comment l'intervention est considérée comme un processus privilégié de médiation entre la culture muséologique et ses publics. Axés dans l'utilisation initiale d'outils méthodologiques (groupe de discussion et entretien avec la technicienne des Services Educatifs), nous avons construit un plan d'intervention par lequel nous nous sommes guidés tout au long du stage et de comprendre comment fonctionnait le service et l'endroit où il a été implémenté. On envisageait comprendre le fonctionnement de l'institution dans sa propre promotion à travers les médias, rendant ainsi connaissable le nom du musée et tout son travail. La participation d'un groupe de jeunes dans le développement et la diffusion d'activités destinées à leurs pairs a été essentielle et elle a abouti à leur réalisation le 18 mai 2013, le jour et la nuit international des musées. Des entretiens avec les jeunes visiteurs le jour de l'activité et le rapport d'enquêtes mené par le musée le même jour, ont été les instruments évaluateurs des résultats de cette intervention.

L'intervention a attiré des gens de différents âges, dont certains étaient déjà familiarisés avec le lieu, d'autres amenés par les jeunes et attirés par les nouvelles dynamiques développées par eux-mêmes, permettant au musée de faire connaître ses endroits, ce qui démontre qu'il est possible de faire quelque chose de différent et de mettre l'espace du musée dans les circuits de loisirs des jeunes, même si l'utilisation des réseaux sociaux n'était pas ce qu'on avait pensé au début de ce stage.

Abstract

This internship report presents the intervention that was undertaken in Museu Quinta de Santiago's Educational Services, its main objective was promoting the creation of a bond between the youth and museums making use of social networks as a support. Firstly, it is intended to present the subject considering the way museums have evolved, their preponderance in young people's lives, and how social networks can influence the connection between both. We are in the era of globalization, in which Web's gadgets stand as an extension to young people's limbs, conceding them a permanent link to data and content that seem the most interesting to them. Museums have faced evolution throughout the centuries leading to what they are today, in the age of the "global village", therefore, it is important to understand in which way they are included in it.

Secondly, we intend to demonstrate that the intervention is seen as a privileged process in the mediation between museology's culture and its audiences. Due to an initial use of methodological tools (Focus Group and an interview with the head of the Educational Services) we were able to develop an intervention plan that was the guideline for our internship and to comprehend how the service and the place it was applied to did work like. It was important to understand how the institution works concerning its self-promotion through the *media*, so that its name and knowledge of what is being developed there can reach the entire population. The participation of a group of young people in the development and publicity of the activities aimed for their peers was paramount, culminating in the carrying out of said activities on the 18th of May 2013, the International Museum Day and Night. Interviews to the young visitors and reports of the surveys directed by the museum on the same day were the evaluation instruments applied to the results of this intervention.

The intervention attracted people of a myriad of ages, some of them already familiarized with the place and the institution, others brought by the youth and captivated by the innovative dynamics developed by said youth. This enabled the promotion of the museum's facilities and demonstrated that it is possible to do something different while placing museology's facilities in young people's leisure tours and plans, yet the usage of social networks fell short of its objective.

Agradecimentos

O trabalho aqui apresentado não é apenas resultado de dedicação e empenho individual, mas sim de um conjunto de esforços que o tornaram possível e sem os quais teria sido mais difícil chegar ao fim desta etapa. Deste modo exprimo assim a minha gratidão e apreço por aqueles que direta ou indiretamente prestaram o seu contributo.

Ao meu orientador, Professor Doutor Henrique Malheiro Vaz, pela forma como me orientou, pela sua disponibilidade, apoio e confiança.

À Professora Doutora Sofia Marques da Silva, pelo entusiasmo, motivação e apoio na escolha do tema e do local de estágio. É de igual modo importante referir, ainda, a disponibilidade para me orientar no período de licença do meu orientador.

À Câmara Municipal de Matosinhos por proporcionar o estágio.

À orientadora no local de estágio, Ana Paula Costa, pela orientação no terreno, apoio, amizade e confiança.

A todos os técnicos dos serviços educativos e funcionários do Museu Quinta de Santiago, pela disponibilidade e acompanhamento ao longo do estágio.

À Escola Secundária Augusto Gomes, pela abertura e disponibilidade em nos receber e pela colaboração de materiais para a realização de determinadas atividades.

À Professora Helena Viana, Coordenadora do grupo de artes visuais da Escola Secundária Augusto Gomes por acreditar neste projeto e facilitar a nossa entrada na escola e envolvimento com os/as jovens alunos/as, e ainda, pelo carinho e apoio dado.

Às/aos Jovens alunas/as da Escola Secundária Augusto Gomes, que participaram neste projeto, pela sua disponibilidade tempo, pela confiança no projeto, dedicação e amizade.

Ao Nuno e à Mónica, pela amizade, apoio e disponibilidade na participação dos trabalhos desenvolvidos no âmbito do projeto.

Ao Thomas Back, pela amizade, apoio e disponibilidade na participação dos trabalhos desenvolvidos no âmbito do projeto.

À olívia, pela amizade, pelo carinho e disponibilidade, apesar do seu horário preenchido, na tradução do meu resumo para Francês.

Ao Tiago e ao Hugo, colegas de mestrado, pela amizade, apoio e partilha de materiais importantes para a realização deste trabalho.

A todos os meus amigos que me acompanham nesta viagem da vida, pela amizade incondicional, carinho, apoio, incentivo, preocupação com o meu bem-estar, por acreditarem em mim e estarem presentes em todos os momentos.

Ao meu gato, Tumias Balboa, pelo mimo e companhia nas longas noites de trabalho.

Ao meu sobrinho Gabriel, pelo carinho, apoio e disponibilidade na tradução do meu resumo para inglês e na participação dos trabalhos desenvolvidos no âmbito do projeto.

Aos meus irmãos, cunhados e sobrinhos, pela ausência nestes tempos conturbados, pelo apoio, incentivo, amizade e carinho.

À minha irmã Sofia pela sua disponibilidade para me ajudar nas revisões do texto, e ainda, pela amizade, pelas palavras de incentivo, pelo carinho e pela preocupação com o meu bem-estar nos momentos de fadiga. E ainda pela participação nos trabalhos desenvolvidos no âmbito do projeto.

Aos meus Pais, que sempre acreditaram no meu empenho, pela amizade, amor, motivação, carinho e pela preocupação com o meu bem-estar nos momentos de fadiga.

Em especial ao Daniel, o meu companheiro de aventuras, pelo amor incondicional com que sempre me apoiou nestes momentos difíceis de exaustão, pela compreensão, pelo tempo que não lhe concedi, pela confiança depositada, pela paciência e carinho.

Lista de abreviaturas

SE – Serviço educativo

CB – Casa do bosque

MQS – Museus Quinta de Santiago

FB – Facebook

ICOM – The International Council of Museums

Índice

Resumo	2
Resumé	3
Abstract.....	4
Agradecimentos	5
Lista de abreviaturas	7
Introdução	11
Capítulo I – Jovens, museus e redes sociais	13
1. Espaços museológicos e serviços educativos	14
1.1. Origem dos museus	14
1.2. História dos museus em Portugal	16
1.3. Contextualização histórica dos serviços educativos.....	20
1.4. Estratégias desenvolvidas pelos serviços educativos na atração de novo público	22
2. Caracterização da entidade acolhedora de estágio	24
2.1. História do Museu Quinta de Santiago	25
2.2. Caracterização do serviço educativo	26
2.3. Principal Objetivo	27
2.4. Oferta educativa	28
3. Juventudes, espaços culturais e redes sociais	29
3.1. Conceito de Juventude(s)	30
3.2. Culturas juvenis.....	33
3.3. Circuitos juvenis.....	34
3.4. Os jovens e os espaços culturais	39
3.4.1. A visão que os jovens têm dos museus	39
3.4.2. Com que frequência visitam os museus	42
3.4.3. Porque não são os museus interessantes para os jovens.....	44
3.4.4. Que propostas e estratégias têm os jovens.....	46
3.5. Os jovens e as redes sociais.....	49
3.5.1. Definição de redes sociais	52
3.5.2. A importância das redes sociais nos dias de hoje.....	53
3.5.3. Como veem os jovens o seu relacionamento com as redes sociais	55
3.5.4. O uso das redes sociais como estratégia.....	59
Capítulo II - Questões Metodológicas	63
1. Pressupostos epistemológicos	64
2. Porquê da intervenção com jovens	65
3. Porquê da intervenção num contexto cultural	66

4. Metodologia utilizada.....	68
4.1. Estratégia Metodológica – Princípios da intervenção.....	68
4.2. Opção metodológica – Abordagem qualitativa.....	70
4.3. Procedimentos metodológicos de recolha de dados.....	71
4.3.1. Entrevista.....	72
4.3.2. Focus group.....	73
4.3.3. Inquéritos da instituição.....	73
4.3.4. Fotografias.....	74
4.3.5. Análise de conteúdo.....	74
Capítulo III – Descrição e análise do Trabalho desenvolvido.....	75
1. Apresentação do projeto de estágio – “Faz-te ao Museu”.....	76
1.1. Objetivos.....	76
1.1.1. Objetivos gerais.....	76
1.1.2. Objetivos específicos.....	76
1.2. Atividades.....	77
1.2.1. Propostas/Desenvolvidas.....	78
1.2.2. Limitações.....	79
1.3. Cronograma das tarefas.....	80
1.4. Descrição e análise das tarefas.....	82
2. Caracterização dos/as jovens participantes.....	85
3. Parcerias.....	85
Capítulo IV – Apresentação e discussão dos resultados.....	87
1. Resultados das Entrevistas.....	88
1.1. Entrevista à técnica dos SE.....	88
1.2. Entrevistas a jovens realizadas no dia das atividades (18 de maio).....	90
2. Resultado do focus group aos alunos participantes.....	91
3. Resultados dos inquéritos elaborados pela equipa do SE no dia 18 de maio.....	92
Capítulo V - Reflexão final.....	96
Reflexão.....	97
Referências Bibliográficas.....	101
Anexos.....	106

Índice de anexos

Guião da entrevista técnica dos serviços MQS.....	108
Entrevista técnica dos serviços educativos do MQS.....	109

Conteúdos Casa do Bosque	117
Guião do Focus Group jovens	123
Focus group jovens (grupo 7 elementos)	124
Focus group jovens (grupo 5 elementos)	133
Guião das entrevistas dia 18 de maio	139
Entrevistas dia 18 de maio	140
Relatório dos inquéritos do MQS do dia 18 de maio	148
Cartaz do Dia e Noite Internacional dos Museus	149

Índice de quadros

Quadro 1 – Atividades propostas/realizadas	78
Quadro 2 – Cronograma das tarefas	80

Índice de figuras

Figura 1 e 2 (Atividade (Re)fashion)	94
Figura 3 e 4 (Atividade Pin's)	95
Figura 5 e 6 (Atividade Concertos)	96
Figura 7 e 8 (Atividade Conta-me Histórias)	96
Figura 9 e 10 (Atividade Capoeira)	96

Introdução

O presente relatório de estágio foi realizado no âmbito do 2º ano do Mestrado em Ciências da Educação, do domínio “Juventude, educação e cidadania”. No presente mestrado podíamos enveredar por duas diferentes vias: científica, através de um objeto de estudo do nosso interesse; ou profissional, através da realização de um estágio. Optámos pela segunda via, a de realizar um estágio, por considerarmos importante para o nosso desenvolvimento pessoal e profissional. Como tal foi-nos possibilitado a realização do mesmo nos serviços educativos “Casa do Bosque”, da Câmara Municipal de Matosinhos e sediado no Museu Quinta de Santiago em Leça da Palmeira, por um período compreendido entre outubro de 2012 e maio de 2013.

Nessa perspetiva, tínhamos já desenvolvido no 1º ano do Mestrado e de acordo com o domínio escolhido, um projeto de intervenção intitulado “Faz-te ao Museu”, com o objetivo de atrair público jovem ao museu, diminuindo a distância existente entre a instituição e os/as jovens e promovendo uma relação mais próxima através do uso de redes sociais. Este projeto nasceu a partir da identificação de um problema e da possibilidade de realização de estágio num serviço educativo sediado num museu, após consciencialização desse problema enquanto técnica superior a desempenhar funções numa escola, que se apercebia, em todas as visitas de estudo que englobassem a ida a museus, que os/as jovens alunos/as com quem trabalhava, direta e indiretamente, demonstravam aborrecimento.

Portanto achamos pertinente a escolha do título “Jovens, museus e redes sociais – Intervir em prol da relação através de um serviço educativo”, uma vez que o estágio de que o presente relatório dá conta procurou explorar as relações dos/as jovens com os museus e as redes sociais, através do contacto com um grupo de jovens alunos/as de 12º ano de uma turma de artes da Escola Secundária Augusto Gomes. A intervenção desenvolveu-se assim tomando por base os testemunhos dos/as alunos/as e as suas propostas de estratégias para tornar os museus mais atrativos, apelando para tanto ao uso das redes sociais. O projeto englobava, em colaboração com os/as jovens alunos/as referidos/as, o desenvolvimento de atividades que captassem a atenção dos mais jovens e a criação de interação e conteúdo atualizado na página do facebook do museu (pese embora o projeto de intervenção ter sido homologado nestes moldes, o mesmo não se veio a verificar devido a constrangimentos institucionais na gestão do facebook do museu por parte da estagiária).

No que concerne à estrutura do relatório, este divide-se em cinco capítulos. No primeiro capítulo intitulado “Jovens, museus e redes sociais”, fazemos uma

contextualização do local de estágio e um desenvolvimento dos conceitos teóricos centrais neste trabalho. Este capítulo subdivide-se em três pontos: o primeiro abordando os espaços museológicos, a origem e a história dos museus, bem como os serviços educativos, história e estratégias desenvolvidas; o segundo ponto fala da história do MQS, e da caracterização da entidade acolhedora, dos serviços educativos, dos seus principais objetivos, passando pela oferta pedagógica, o seu funcionamento, a caracterização dos técnicos e o trabalho desenvolvido; o terceiro e último ponto deste capítulo aborda conceitos relacionados com a(s) juventude(s), os espaços culturais e as redes sociais, bem como a relação existente entre eles.

O segundo capítulo descreve a fundamentação metodológica que se sustentou a elaboração do nosso projeto de intervenção. Apresentamos os pressupostos epistemológicos, a opção de fazermos uma intervenção, o porquê da intervenção ser para jovens e num contexto cultural e os instrumentos metodológicos utilizados.

No terceiro capítulo apresentamos o nosso projeto de intervenção, com os objetivos e trabalhos propostos, fazemos uma descrição e análise do trabalho desenvolvido ao longo do estágio, dos constrangimentos, das parcerias que conseguimos, e da caracterização dos/as jovens alunos que participaram e proporcionaram o desenvolvimento do projeto.

O quarto capítulo é dedicado à análise de resultados obtidos na realização das entrevistas, nomeadamente: à técnica criadora dos SE do MQS e ao jovem público no dia em que se desenvolveram as atividades por nós propostas (Dia e Noite Internacional dos Museus, dia 18 de maio); do *focus group* com os/as jovens alunos/as de uma turma de artes do 12º ano da Escola Secundária Augusto Gomes, participantes nas atividades propostas, e no qual nos dão conta da visão e da relação que têm com os museus e as redes sociais; do relatório dos inquéritos realizados pelo SE do MQS no dia 18 de maio.

No quinto e último capítulo, a discussão final enquadra a nossa reflexão sobre o contributo do estágio para o desenvolvimento de competências e para a construção da profissionalidade em Ciências da Educação.

Capítulo I – Jovens, museus e redes sociais

1. Espaços museológicos e serviços educativos

1.1. Origem dos museus

Museu deriva da palavra grega “museion” – “templo das musas” local de contemplação, onde se procurava a inspiração para a criação artística ou científica. Ao longo dos anos foi adquirindo novos sentidos, tornando-se cada vez mais um local ligado às artes e à memória cultural, hoje definido como “uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberto ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade”, (ICOM,2001)¹.

O museu começa um processo de transição logo após a Idade Média, período em que esteve quase esquecido, fins do séc. XIV e início do séc. XV, e com a entrada no período do Renascimento, momento em que se dá uma grande transformação na cultura, na sociedade, na economia, na política e na religião. O homem tem necessidade de romper com as estruturas medievais, resultado dos conhecimentos do novo mundo proporcionados pela expansão marítima, e começa a colecionar antiguidades, curiosidades e objetos trazidos de outros continentes, assim como as criações artísticas da época financiadas pela nobreza. Porém essas coleções estavam apenas reservadas aos seus detentores e às pessoas que lhes eram próximas, estando interdito o acesso a estas pelo público. É já no séc. XVII e com a doação de algumas dessas coleções particulares que surgem os museus modernos, o primeiro data de 1679, o conhecido Ashmolean Museum, provém da doação feita por Elias Ashmole, da coleção de John Tradescant à Universidade de Oxford:

“The idea of accumulating everything, of establishing a sort of general archive, the will to enclose in one place all times, all epochs, all forms, all tastes, the idea of constituting a place of all times that is itself outside of time inaccessible to its ravages, the project of organizing in this a sort of perpetual and indefinite accumulations of time in a immobile place, this whole idea belongs to our modernity” (Foucault 1986:26).

A 15 de janeiro de 1759 e pela aprovação do Rei Jorge II da Grã-Bretanha, aparece o primeiro museu público, completamente gratuito em todo o mundo, o Museu Britânico. Este espaço combinava exposições para o público em geral, e uma biblioteca para o público erudito e académico. O segundo museu público foi criado em 1793, aquando a

¹ICOM – Primeiro organismo internacional exclusivamente vocacionado para a realidade museológica, dependente da Unesco, é criado em Paris em 1946, pós Segunda Guerra Mundial.

revolução francesa, inaugurado como museu central das artes, hoje conhecido por Museu do Louvre, um dos maiores e mais famosos museus do mundo. Tinha um acervo formado principalmente por pinturas confiscadas à família real e aos aristocratas que haviam fugido da revolução, era acessível a todos, independentemente do estrato social e detinha finalidades recreativas e culturais. É aqui que surge o museu com o conceito de patrimônio público opondo-se à visão tradicional do museu como coleção privada.

É já no séc. XIX que emergem, a partir de coleções particulares, e pelas mãos de muitos monarcas, muitos dos mais importantes museus de todo o mundo, de que são exemplo: o Museu Real dos países Baixos (Amesterdão, 1808); o Altes Museumm (Berlim, 1810); o Museu do Prado (Espanha, 1819); o Museu Mauritshuis (Holanda, 1822); o Museu Hermitage (São Petersburgo, 1852); o Museu Egípcio (Cairo, Egito 1858); o Museu do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano (Pernambuco, Brasil 1862); o Museu Metropolitano de Arte (Nova York, EUA 1870), etc. Rompendo com a curiosidade e o amontado de objetos sem descrição, surgem munidos de uma ambição pedagógica; a de formar o cidadão através do conhecimento do passado. Contudo, é só após a Segunda Guerra Mundial que o museu surge como uma entidade dinâmica, com uma atividade social e cultural centrada no público:

“A instituição distante, aristocrática, olímpica, obcecada em apropriar-se dos objetos com fins taxionómicos vai dando lugar cada vez mais a uma entidade aberta ao meio, consciente da sua relação orgânica com o seu próprio contexto social. A revolução museológica do nosso tempo, que se manifesta no aparecimento de museus comunitários, de museus “sem muros”, de ecomuseus, de museus itinerantes ou museus que exploram as possibilidades aparentemente infinitas da comunicação moderna, tem as suas raízes nesta nova tomada de consciência orgânica e filosófica” (Mayor, 1972² in Barbosa, 2006: 20).

A par com as mudanças sociais, que suscitam as preocupações da UNESCO e do ICOM, acentua-se a preocupação com a oferta pedagógica das instituições museológicas, transformando o museu num recurso educacional. O Louvre foi o primeiro museu a criar um serviço permanente em 1880, e o Victoria and Albert Museum em Londres, criou entre 1914 e 1918 umas oficinas artesanais para que os estudantes e visitantes pudessem experimentar a arte através das peças do próprio museu. Em 1920 dá-se a explosão das

² Federico Mayor, diretor geral da Unesco, XV Conferencia Geral do ICOM, sobre a adequação das estruturas museológicas às condições da sociedade contemporânea.

experiências pedagógicas nos museus dos Estados Unidos e em 1960 este país já contava com 35 museus dedicados exclusivamente a estudantes.

Esta preocupação pelas questões educativas está presente até aos dias de hoje levando a que os museus criassem serviços educativos de forma a desenvolver estratégias nesse sentido. Pelo facto de o nosso estágio se ter desenvolvido no contexto de um serviço educativo e para melhor compreendermos o processo de criação destes serviços, damos conta dos factos históricos que estiveram na base da criação dos museus em Portugal e dos respetivos serviços educativos, assim como, dos objetivos e das funções dos técnicos que fazem parte desses serviços.

1.2. História dos museus em Portugal

Para falarmos do percurso dos museus em Portugal, temos de recuar até ao séc. XVI, com o surgimento dos primeiros registos dos espaços de exposições, as galerias³ e gabinetes privados destinados apenas a uma elite social. Quase a par com a Europa e já no séc. XIX, surgem em Portugal os primeiros museus, processo desencadeado pela extinção da Companhia de Jesus e das ordens religiosas promotoras da separação Igreja-Estado, levando à nacionalização de um importante acervo de bens culturais, “sendo a transferência de propriedade de coleções (da posse privada para a posse pública) e sua gestão pelo Estado para benefício e educação das populações” (Semedo, 2004:131), permitindo o acesso às coleções pelo público em geral, através da criação de Museus Nacionais. Se em períodos anteriores a cultura surgia agregada ao culto e inspiração por parte dos estudantes e cientistas e, mais tarde, destinada a uma elite social, com a criação dos museus ela surge destinada a um serviço público, aberto a toda a comunidade, mudanças que levam a adaptações institucionais.

A primeira expressão museológica nasce com o Príncipe D. Pedro, aquando do cerco do Porto pelas forças absolutistas (1832-1833). A mudança do regime político leva a que as coleções privadas sejam transferidas para o domínio público e a sua gestão feita pelo Estado para benefício e educação das populações. Com um acervo constituído pelas coleções do mosteiro de Tibães, que tinha sido extinto pelo Liberalismo, pelas coleções de Santa Cruz de Coimbra e de outras ordens religiosas e casas sequestradas, criou-se o Museu de Pinturas, Estampas e outros objetos de Belas Artes no Convento de Santo

³ Uma das primeiras galerias surge em meados do séc. XVIII no Convento de Tibães, pelas mãos do pintor José Teixeira Barreto, que reuniu um fundo artístico nas suas viagens pela Europa. Extinto pelo Liberalismo dá lugar a um museu público.

António na cidade do Porto, institucionalizado como Museu Portuense em 1833⁴. Era destinado essencialmente aos artistas e alunos de Belas Artes e o seu aparecimento foi um marco importante na história da Monarquia Portuguesa, permitindo a criação e promoção da arte, propagando conhecimentos artísticos, e desencadeando a sensibilidade no povo para o belo, o amor e para um sentimento artístico. Definiam-se os projetos museológicos do Liberalismo como um instrumento de instrução pública, um programa de Estado focado na generalização da educação social como condição de progresso e necessidade democrática da prática artística, ação enquadrada num conceito de Governação pela comunidade, pelo Estado-Nação, manifestando a vontade de dotar o país não só de museus de belas artes, mas também, de museus dedicados à Ciência e Tecnologia, à Indústria e ao comércio, e de Bibliotecas, para a formação da vida das nações, e das diferentes classes sociais, nas ciências, nas indústrias e nas atividades artesanais, de forma a valorizar saberes populares e generalizar a fruição da cultura com trave-mestra de preocupações educativas.

Foi então neste período que começaram a surgir pequenos museus de âmbito regional, e instituições museológicas, como: o Conservatório de Artes e Ofícios de Lisboa (1836); o conservatório Portuense de artes e ofícios (1837), anteriormente referido; o museu Allen (1838), do qual falamos mais à frente; os dois primeiros museus arqueológicos portugueses, o Museu dos Serviços Geológicos (1857) e o Museu Arqueológico do Carmo (1864); o Museu Nacional de Belas Artes (1884); o Museu Etnográfico português (1893); e o Museu dos Coches Reais (1905), atual Museu dos Coches, aquele que seria o último museu da Monarquia Portuguesa.

A criação de museus dedicados à ciência e à tecnologia por parte das instituições governamentais permitiu o acesso a instrumentos científicos, de maquinaria, inventos e modelos, que representavam a história da ciência e da indústria como uma série de inovações progressivas que conduziam aos triunfos contemporâneos do capitalismo (Bennet, 1995). Unidos de uma função claramente pedagógica, estimulavam a adoção das inovações tecnológicas pelos empresários, familiarizando as classes operárias com o funcionamento das máquinas (ibid). O museu na pós-modernidade tornou-se, acima de tudo, um centro de investigação e conhecimento, aproximando-se cada vez mais da comunidade e dos diferentes grupos sociais, através da transformação dos seus espaços e da sua estratégia de comunicação, e com implementação tecnológica e experiencial nas

⁴ Primeiro museu de Estado em Portugal, originou o movimento museológico no país, e apesar de surgir em 1833 só é inaugurado em 1840, devido a questões políticas que atrasaram o processo.

suas exposições, transformando por completo mentalidades e a imagem de museu de outros tempos.

“The birth of the museum is coincident with, and supplied a primary institutional condition for, the emergence of a new set of Knowledges – geology, biology, archaeology, anthropology, history and art history – each of which, in its museological deployment, arranged objects as parts of evolutionary sequences (the history of the earth, of life, of man, and of civilization) which, in their interrelations, formed a totalizing order of things and peoples that was historicized through and through”, (Bennett, 1995:95).

Em 1836 João Allen, artista e maior colecionador nacional da sua época, manda construir um museu, Museu Allen, mais tarde Museu Municipal do Porto, na rua da Restauração, junto a sua casa, criando um grande impacto na cidade, despertando o interesse da sociedade portuense e de visitantes estrangeiros. Servindo para expor todo o seu acervo, recolhido ao longo dos anos, nas viagens que fazia pelo mundo, nele constavam curiosidades, objetos de história natural, numismas, medalhas, antiguidades greco-romanas e pintura, com um espólio superior a 600 quadros, como refere na obra que escreve sobre a sua coleção, uma coleção de lavas e minerais recolhidos aquando da sua visita à cratera do vulcão Vesúvio, em Itália. Comprou curiosidades dos vestígios arqueológicos de Pompeia, aproveitando as viagens para “...observar, comprar e recolher objetos úteis às ciências e artes desconhecidas ou pouco comuns n’este reino...” (Allen, 1958:271)⁵. Ao público em geral só abria ao domingo e gratuitamente, durante a semana dedicava alguns dias para as visitas de estudiosos e artistas. Em conjunto com o museu criou também uma biblioteca, para uso público, vindo mais tarde a integrar a Biblioteca Municipal do Porto.

No início do séc. XX o Museu Municipal do Porto estava virtualmente morto, e devido à antiguidade das instalações, o seu espólio é transferido, em julho de 1905, para o convento de São Lázaro, local onde já funcionava a Biblioteca Municipal e o Museu Portuense. Manteve-se assim até ao ano de 1937, quando foi transferido para o Palácio das Carrancas, imóvel destinado a dar lugar ao Museu Nacional Soares dos Reis, que acabaria por ser inaugurado nesse lugar a 30 de janeiro de 1942, como sendo um museu da cidade do Porto.

Com a proliferação de instituições museológicas, houve a necessidade de adaptar as políticas às circunstâncias vigentes, de modo que em 1965, ano marcante na vida dos

⁵ Alfredo Allen, 1958, nos Apontamentos sobre a família de João Allen.

museus, é criada a Associação Portuguesa de Museologia (APOM), primeira instituição portuguesa dedicada exclusivamente às questões museológicas. No mesmo ano, surge também, pelo Decreto-lei nº46758, a regulamentação geral dos Museus de Arte, História e Arqueologia, a qual define: pretender que os museus sejam organismos vivos, assumindo-se como centros ativos de divulgação cultural; que adotem modernos preceitos museológicos; que desenvolvam mecanismos para atrair visitantes e sobre eles exercer uma ação pedagógica eficiente; que efetuem contactos estreitos e constantes com outros museus e com escolas. O Decreto institui ainda no Museu de Arte Antiga o curso de conservador de museu.

Em outubro de 1969 abre ao público o Museu Calouste Gulbenkian, com uma vasta coleção pessoal de arte, deixada em testamento por Calouste Sarkis Gulbenkian, um industrial de origem arménia, onde constam cerca de seis mil peças de arte antiga e moderna mas apenas cerca de mil se encontram expostas ao público. Está inserido no edifício sede da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, que apoia muitas atividades culturais, contando também, com uma biblioteca, um coro, uma orquestra, salas de espetáculo e o museu, que se divide em dois, um com uma dimensão antiga e o outro mais contemporâneo.

Mais tarde é criada a Rede Portuguesa de Museus, pelo Despacho Conjunto nº 616/2000, de 17 de maio⁶, que visa a descentralização, a mediação, a qualificação e a cooperação entre museus, com objetivos assentes: na valorização e qualificação da realidade museológica nacional; na cooperação institucional e na articulação entre museus; na descentralização de recursos; no planeamento e na racionalização dos investimentos públicos em museus; na difusão da informação relativa aos museus; na promoção do rigor e do profissionalismo das práticas museológicas e das técnicas museográficas.

Para além do museu ser uma instituição em constante evolução, que guarda, conserva e valoriza produções humanas ao longo dos tempos, possui três dimensões: educativa; científica e difusora social (Léon, 1996). Como tal e com a regulamentação geral dos museus, são criados Serviços Educativos para dar resposta a uma ação pedagógica eficiente, potenciadora do contato instrutivo do público com os objetos e obras de arte. “A museum is a non-profit making, permanent institution in the service of society and of its development, and open to the public, which acquires, conserves, researches,

⁶ Informação consultada no site: <http://www.imc-ip.pt/data/documents/rpm/despacho%20conjunto%20-%20616-2000.pdf>

communicates and exhibits, for purposes of study, education and enjoyment, material evidence of people and their environment” (ICOM, 2001).

1.3. Contextualização histórica dos serviços educativos

Com a transformação sociocultural e política do país, a par com a preocupação educativa que surgia dentro da instituição museológica, foi ganhando espaço a necessidade de adaptação desta aos públicos. “A transformação das atividades do museu exige uma mudança progressiva da mentalidade dos conservadores e dos responsáveis dos museus, assim como das estruturas de que eles dependem” (ICOM, 1972).⁷

É a partir do início da década de 50, através da direção de João da Silva Couto (1892-1968) historiador de arte e especialista em pintura portuguesa, e da sua conceção da “Educação pela Arte”, que em Portugal surge a prestação dos primeiros serviços de caráter educativo, através da criação do “centro infantil”, no Museu Nacional de Arte Antiga de Lisboa. O centro realizava com regularidade exposições temporárias, cursos e aulas, mais tarde subordinadas à designação genérica de “serviço educativo”. É também por esta altura que surgem os serviços educativos na Fundação Calouste Gulbenkian.

Esta mudança de atuação dos museus perante a educação, originou a necessidade de se formarem profissionais com a responsabilidade da preservação e educação museológica, definido no Decreto-Lei nº 46758/1965⁸ do Regulamento Geral dos Museus de Arte, História e Arqueologia: “A partir da década de 60, a educação nos museus converte-se numa matéria de reflexão e de estudo. Passa-se de uma política museística, centrada no objeto, na sua aquisição e na conservação, para uma política centrada nos sujeitos que dele podem usufruir” (Gonçalves, Fróis & Marques, 2002: 120).

Esta visão pedagógica foi criando um movimento crescente ao longo da década de 60-70, e os serviços educativos nos museus foram proliferando, originando um novo espaço para a Cultura. Só no fim da década de 70 é que se torna legítima a categoria de Serviços Educativos nos museus, pelo Decreto-Lei nº 45/80⁹, que diz: “Cria-se nos quadros dos museus do Estado a carreira de monitor do serviço educativo. O monitor colabora na

⁷ Palavras do diretor geral da Unesco, Federico Mayor, na inauguração da XV Conferência geral do ICOM, quando se referiu às adequações das estruturas museológicas às condições da sociedade contemporânea.

⁸ Consulta efetuada no site do Diário da República: <http://www.dre.pt/cgi/dr1s.exe?t=dr&cap=1-1200&doc=19652354%20&v02=&v01=2&v03=1900-01-01&v04=3000-12-21&v05=&v06=&v07=&v08=&v09=&v10=&v11='Decreto-Lei'&v12=&v13=&v14=&v15=&sort=0&submit=Pesquisar>

⁹ Informação consultada no site do ICOM: http://www.icom-portugal.org/multimedia/Ficheiros/CECA2011_CMoura.pdf

ação cultural do museu, exercendo junto do público, funções de educação, animação e informação”.

Com o fim da época do regime político do Estado Novo (1933-1974) e com a introdução do Governo Constitucional e de um regime de acesso à educação e cultura para todos, é criada a Secretaria de Estado para a Cultura, porém a tutela dos museus até 1983 foi entregue ao Ministério da Educação e só com o IX Governo Constitucional (1983-1985) com Mário Soares como primeiro-ministro, é criado o Ministério da Cultura que assume a tutela dos museus, sofrendo contínuas alterações à medida que o governo se ia reformulando. Com o X Governo Constitucional (1985) é absorvido pelo Ministério da Educação, voltando a surgir com o XIII Governo (1995) conforme estabelecido no preâmbulo Decreto-Lei nº 42/96 de 7 de maio¹⁰: “ (...) É neste sentido que na área da cultura se impõe – nomeadamente no momento em que novos desafios se perfilam com a emergência da chamada sociedade da informação – a reestruturação dos organismos existentes e a definição de novos organismos, que se pretende que sejam não só dotados de elevada autonomia funcional como capazes de garantir as necessárias articulações transversais”.

Por esta altura, o conceito museológico ganha um novo estatuto, com a introdução de mudanças significativas nos museus do Estado. Através da direção de Simonetta Luz Afonso¹¹, são levadas a cabo obras de conservação nos edifícios, renovação de estruturas, com a conceção de lojas e cafetarias, promovendo mega exposições (êxitos de bilheteira), criando uma maior visibilidade do espaço e uma maior circulação de pessoas. O momento marcante na vida dos serviços educativos, chega por fim, em abril de 1993, aquando da reunião organizada pelo SE do palácio da Ajuda, com a finalidade de conhecer colegas, partilhar preocupações inerentes ao funcionamento dos SEs. Nesta altura os museus contavam com 61 SEs em Portugal, que até ao ano 2001, foram organizando reuniões, quase mensalmente, discutindo questões sobre as dinâmicas desenvolvidas e traçando perfis de técnicos de SE. Mais tarde é criada a Rede Portuguesa de Museus¹², pelo Decreto-Lei nº 398/99 que vem dignificar e assumir os SE, com a responsabilidade de

¹⁰ Informação recolhida do site de arquivos do Diário da República: http://dgarq.gov.pt/files/2008/09/42_96.pdf

¹¹ Museóloga e gestora Cultural, Entre 1991 e 1996 foi Diretora-Geral do então recém-criado Instituto Português de Museus, tendo iniciado uma campanha a nível nacional, com recurso a fundos comunitários, de reestruturação e modernização dos Museus portugueses, com especial atenção para os problemas da conservação e da preservação das coleções, angariação de novos públicos, inventariação e informatização do património cultural móvel e apresentação regular de exposições.

¹² A Rede Portuguesa de Museus (RPM) é um sistema organizado de museus, baseado na adesão voluntária, configurado de forma progressiva e que visa a descentralização, a mediação, a qualificação e a cooperação entre museus. A RPM é uma entidade, por definição, com tutela autónoma e composta pelos museus que a integram. Constituída atualmente por 137 museus.

“[a]veriguar da profundidade e clareza com que a entidade museológica definiu os seus objetivos e a sua missão, designadamente no que toca ao seu papel de agente social, cultural e educativo. (...) deve ainda ficar patente (...) a sua ligação à comunidade e aos públicos-alvo a quem o seu trabalho se destina”.

Atualmente, o caminho de uma sociedade da informação para uma sociedade do conhecimento e da aprendizagem, requer o desenvolvimento de estratégias de mediação e comunicação com os diferentes públicos, devendo assumir o museu como principal missão a função educativa, pois “a educação está no coração dos museus” como afirmou David Fleming, diretor dos Museus de Liverpool, rematando ainda que, “a educação é a única razão de ser dos museus!”. (Instituto Português de Museus, 2002:21)

Com a atribuição de um papel significativo na educação aos museus, é importante perceber que estratégias têm vindo a ser desenvolvidas pelos serviços educativos na captação de públicos através de práticas educativas.

1.4. Estratégias desenvolvidas pelos serviços educativos na atração de novo público

As questões relacionadas com a mediação entre espaços culturais e os diferentes tipos de público tem vindo a ganhar relevância nos discursos políticos, que apelam à atração dos coletivos para as artes e cultura. Estas inquietações vêm atreladas aos SEs, que procuram desenvolver projetos e estratégias de sensibilização e participação dos públicos, não só em Portugal mas a nível mundial. Vamos referir algumas das estratégias que têm vindo a ser implementadas pelos SE de diferentes museus.

Muitas atividades são comuns a grande parte dos museus, por exemplo, as conferências, a exibição de filmes, palestras, ações de formação, mas a verdade é que se têm tornado rotina. Hoje em dia, os museus que se conseguem destacar, são os que adotam estratégias inovadoras, os que se “reprogramaram”:

“Reprogramar é uma ação institucional de rever conceitos e passar a entender os públicos, não como visitantes sem rosto ou desejos com os quais não há compromisso, mas como clientes. Indivíduos com quem desejamos estabelecer relacionamentos, propor diálogos e ouvir com atenção para prestar o melhor serviço” (Mendes, 2012:18).

Em Portugal podemos destacar, como um bom exemplo de “reprogramação” o Museu de Serralves, com a realização do evento “Serralves em Festa”, 40 horas seguidas

com mais de 50 eventos, ligados à música, ao teatro, ao cinema, ao circo, à agricultura, a exposições, entre outros, cujo objetivo é quebrar as barreiras entre a cultura e a população. Teve início no ano de 2004, contabilizando 42 mil visitantes só nesse fim de semana, tendo-se repetido até à data, e superando este ano todas as expectativas ao contar com mais de 100 mil visitantes. Outra das suas atividades é a “Festa do outono” também conhecida como “festa da família” que vai já na 5ª edição. Realiza-se no primeiro domingo de outubro, e promove atividades ligadas à estação do ano, para toda a família. Ambas as atividades são gratuitas. Em Lisboa, realiza-se desde 2012 o Belém Art Fest, que conta já com a 2ª edição este ano. Durante um fim de semana do mês de abril apresenta uma programação noturna de concertos, cinema e *workshops* em quatro museus da cidade, o Museu de Arqueologia, o Museu dos Coches, o Museu Coleção Berardo e o Centro Cultural de Belém, porém não é gratuito.

Outro exemplo incrível, mas noutra dimensão urbana, em Nova Iorque, é o MoMA, o sétimo museu mais visitado do mundo, que contabiliza mais de 3 milhões de visitantes por ano, tem cerca de 1,5 milhões de fãs no Facebook e um número semelhante no Twitter. Inovou na criação de conteúdos expandidos em plataformas móveis, na programação de filmes, em produtos de alta qualidade disponíveis na sua loja e, em abril de 2012 promoveu a atuação de música eletrónica de uma Banda Alemã, os Kraftwerk, com transmissão *online*. Contabilizava mais de 4 milhões de citações no Google no fim do 1º dia.

O museu de Arte Contemporânea de Denver, oferece desconto nos bilhetes para todos os físicos e metafísicos, promove *cocktails* nas sextas-feiras de verão ou degustação de *waffles* durante os debates presidenciais. Alterou completamente a sua programação, integrando uma espécie de palestras com assuntos improváveis chamados de “Mixed Tastes”, misturando temas como “Wittgenstein e Dança Hula-Hula”, ou então, “Piratas e o conceitualismo Russo”, com 20 minutos para cada tópico e 20 minutos para o debate onde tudo pode acontecer. O grande objetivo destas sessões é envolver os participantes em discussões em torno do universo das artes e das ideias, promovendo a criatividade dos artistas e do público.

Modelos análogos, são o New Museum de Nova Iorque, que no seu 30º aniversário abriu as portas gratuitamente ao público, durante 30 horas consecutivas. O Walker Art Center organizou pela 1ª vez em agosto de 2012 o festival Internet Cat Film Festival, com uma seleção de 70 filmes de gatos postados em *sites* como o You Tube, exibindo-os numa tela gigante nos jardins do museu para 10 mil pessoas. O Tate Modern em Londres organiza visitas guiadas e atividades lúdicas, sempre de forma gratuita. O Museu do

Louvre em Paris fecha mais tarde à sexta-feira, com exposições de música e dança. O Museu Imperial, em Petrópolis, Rio de Janeiro, conta a História do Brasil em espetáculos de Luz e som, etc..

Caetano (2005: 42) diz que estamos perante a mediação socioeducativa, que rapidamente proliferou para outros contextos além do escolar, especialmente com o aparecimento de serviços educativos em diversas instituições, especialmente nas museológicas com o objetivo de sensibilizar e motivar os diferentes públicos para as temáticas da arte, da arquitetura, do ambiente e da cidadania, integrando momentos de formação, de partilha de conhecimentos, emoções e valores, que estimulam uma aproximação de um espaço com características singulares. “Museus são laboratórios de conhecimento de arte, tão importantes para a aprendizagem da arte como os laboratórios de química o são para a aprendizagem de química” (Barbosa, 2011:63).

A arte foi a primeira forma de expressão do ser humano, como comprovam as figuras gravadas pelo homem nas cavernas. O contacto com a arte possibilita ao indivíduo ampliar o seu conhecimento histórico, artístico e técnico, e ainda o desenvolvimento de uma personalidade mais integrada e harmoniosa. É através dos serviços educativos que os museus desenvolvem estratégias para chegar aos públicos possibilitando-lhes o contacto com a arte numa apropriação e produção cultural.

Além das questões educativas, a atração de público jovem é outra das grandes preocupações dos museus. Apesar dos protocolos existentes entre instituições e de uma programação organizada de acordo com essas visitas, os/as jovens não pensam nos museus como parte dos seus circuitos de lazer. Como tal achamos importante desenvolver o nosso projeto de intervenção “Faz-te ao museu”, possibilitando a participação ativa dos/as jovens no desenvolvimento de estratégias que atráíssem os seus pares aos museus, mais especificamente ao Museu Quinta de Santiago, local onde decorreu o estágio.

2. Caracterização da entidade acolhedora de estágio

O projeto de intervenção proposto pôde ser desenvolvido, e aplicado, durante o estágio curricular, nos Serviços Educativos Casa do Bosque, situado no Museu Quinta de Santiago, pertencentes à Câmara Municipal de Matosinhos. Num primeiro momento abordaremos a história do Museu e posteriormente falaremos sobre a entidade acolhedora e as suas características para melhor compreensão do funcionamento dos serviços, dos seus principais objetivos e preocupações, bem como, das estratégias desenvolvidas na captação

de público, especialmente dos/as jovens, o que mais nos interessava saber no âmbito do nosso trabalho. Para melhor compreensão do funcionamento dos SE e dos trabalhos desenvolvidos na captação de público jovem, realizamos uma entrevista a uma das técnicas do SE onde decorreu o estágio.

2.1. História do Museu Quinta de Santiago

O MQS é um edifício histórico datado dos finais do séc. XIX (1896), mandado construir por João Santiago de Carvalho para servir de residência à sua família. Trata-se de uma casa ao gosto da época, de arquitetura revivalista e eclética, misturando elementos de vários estilos desde o manuelino, o neo-barroco ou o romântico. O edifício foi projetado pelo veneziano Nicola Bigaglia. Foi adquirido pela Câmara de Matosinhos em 1968, que mantém a sua tutela, sendo restaurado na década de 90 sob a direção do Arquiteto Fernando Távora. Abriu ao público no ano de 1996.

A casa compõe-se de um primeiro piso térreo, onde se situava a cozinha e a carvoaria (e hoje a cafetaria do museu); um segundo que corresponde à entrada principal e no qual se localizavam dois salões, a sala de jantar e o jardim de inverno, destinado à receção de visitantes e a encontros sociais (e que é hoje um espaço dedicado à arte, procurando recriar o ambiente original da casa); um terceiro piso destinado aos quartos (atualmente vocacionado para exposições de arte do museu); e, finalmente, as águas furtadas, anteriormente uma área destinada aos criados (hoje ocupada pelos serviços administrativos do museu).

O MQS é um marco das transformações urbanísticas e sociais que a cidade de Matosinhos sofreu nos últimos cem anos, não só por se manter com grande parte da sua estrutura original, mas também por proporcionar ao visitante um regresso ao passado e o contato com obras de artistas do concelho, que registam a evolução e a história do mesmo. O conjunto dessas obras, todas pertencentes ao espólio da Câmara de Matosinhos, alberga três tipos de coleções – mobiliário, pintura e escultura – e, para além de exposições, desenvolve um conjunto diversificado de atividades como: concertos de música, apresentações teatrais e de dança, conferências, ateliers artísticos, entre outras.

O Museu Quinta de Santiago onde, como já referido anteriormente, funciona o Serviço Educativo – Casa do Bosque, fica situado na Rua de Vila Franca, nº 134 em Leça da Palmeira. Conta com mais dois edifícios para além da CB, o MQS e um espaço onde funcionavam originalmente as antigas cavalariças, agora dedicado à escultura e batizado

com o nome de Irene Vilar em homenagem à Escultora, Pintora e Medalhista nativa do concelho. Este espaço inclui um auditório, uma exposição dedicada à artesã e oficinas para artistas, tudo inserido num maravilhoso jardim verdadeiramente notável e encantador. A mancha verde envolve os edifícios, assegurando um perfeito equilíbrio: o desenho dos canteiros, as árvores, os arbustos e o empedrado “rimam” com os edifícios, numa conjugação de rara beleza, capaz de motivar os visitantes para agradáveis e assíduos passeios. Este jardim estende-se ao Porto de Leixões e à Quinta da Conceição, com esculturas, espreguiçadeiras e baloiços que permitem aos visitantes apreciar a beleza e pureza da arte em comunhão com a natureza. A CB é o polo funcional dos SE, é um projeto criado em 2003 e pretende dinamizar os equipamentos culturais do município. Os seus propósitos são: divulgar e estimular a identidade e o desenvolvimento cultural, fomentar a troca de ideias e opiniões apostando na interatividade e diálogo, desenvolver a apetência cultural em diversos públicos e promover a defesa e o respeito pelo património do Concelho.

2.2. Caracterização do serviço educativo

O Serviço Educativo CB surge a partir da proposta apresentada em Assembleia Geral de Câmara, pela técnica superior Rute Alves, através da chefe de divisão da cultura, Dr.^a Clarisse Castro e é aprovado oficialmente pelo Vereador Fernando Rocha com o despacho nº740/MQS do dia 6 de agosto de 2003. A Missão central do SE, tutelado pela Autarquia de Matosinhos, seria preservar e divulgar a memória histórica de Matosinhos e Leça da Palmeira através da arte.

É composto por uma equipa de quatro técnicos de diferentes áreas de formação - Dança; Gestão do Património, Belas Artes e Desporto - potenciadoras de diferentes visões sobre os serviços, a educação e a cultura mas também promotoras de diferentes propostas nesse âmbito. A técnica do SE que entrevistamos diz-nos como é importante ter uma equipa com uma formação tão variada:

“É sem dúvida até mesmo porque os diferentes aspetos, os diferentes lados de um objeto de uma árvore (risos) ou seja, é importante realmente trabalhares com pessoas que têm visões diferentes para poder enriquecer a tua e, ao mesmo tempo, para podermos apresentar um conjunto de visões que possa ser partilhada com o público.” Técnica do SE

Os técnicos do SE, CB são responsáveis pela definição e aplicação da programação, mantendo e primando sempre por dinâmicas pedagógicas. Desenvolvem

práticas educativas que consistem na transmissão e experimentação de técnicas e conceitos relacionados com a arte, procurando sempre aliciar o público e desenvolver nele a capacidade de observar o mundo através de diferentes pontos de vista:

“Pretendemos sim incitar a dúvida e o pensamento livre e a criação de opiniões e de pontos de vista em redor de uma coisa, de um objeto ou até de um conceito.” Técnica do SE

Construindo e desenvolvendo parcerias com escolas, autoridades locais, universidades e outras instituições, visa: trabalhar com artistas e curadores no desenvolvimento de programas associados às exposições dos museus e outros; produzir materiais de apoio para melhor compreensão dos conteúdos artísticos e desenvolver atividades relacionadas com as exposições e ações de aprendizagem, para os diferentes grupos de público. Conta ainda com a colaboração dos diversos técnicos do MQS para a realização de várias atividades, inerentes ou não ao museu¹³.

2.3. Principal Objetivo

No início esta ideia de criar os serviços educativos surgiu da vontade, formação e colocação da técnica criadora ao ser destacada como técnica profissional de museografia no MQS. Nos primeiros tempos trabalhou focada no principal objetivo, o de atrair mais público ao MQS.

“Foi-me dada bastante liberdade a nível de propostas, que na altura até seriam entendidas como propostas de uma técnica superior, mas sempre me foi dada muita liberdade a nível superior, então fui fazendo algumas propostas com o objetivo de chamar mais visitantes ao MQS.” Técnica do SE

O objetivo central do SE é a criação de novos públicos através do contacto com diferentes expressões culturais e simultaneamente, a manutenção de públicos já conquistados. O SE procura sensibilizar os munícipes, para pensarem a autarquia não só como agente cultural, na sua vertente de patrocinador, mecenas, ou criador de infraestruturas culturais, mas também como ator cultural, detentor de um património vivo, construído por heranças do passado e vivências presentes e futuras. As suas linhas de ação visam contribuir para o desenvolvimento cultural, estimulando o gosto, a crítica e um maior conhecimento das expressões; desenvolver a "apetência" cultural em diversos

¹³ Os Serviços Educativos Casa do Bosque servem todo o concelho de Matosinhos e não apenas o Museu Quinta de Santiago.

segmentos de público, com um inerente desenvolvimento de capacidades de observação e análise - estímulo de uma educação estética e, simultaneamente, cívica; estimular a curiosidade das profissões artísticas, fornecendo a possibilidade de criar um público mais jovem (futuros atores culturais); contribuir para o reconhecimento da importância da proteção ambiental (nas dimensões biológicas e paisagísticas); promover atividades para as vivências dos equipamentos, tendo como estratégia o envolvimento: criação de laços afetivos do visitante e da comunidade para com o espaço. Contudo o público a quem chegam com mais dificuldade é o jovem:

(...) mas é sem dúvida o público que eu julgo que está mais em falta a nível de ser trabalhado, só jovens(...) Técnica do SE

“Falta-nos uma estratégia de comunicação direcionada para o público jovem, isso sem dúvida. O FB não é só pelo FB, é necessária uma estratégia mais diversificada de comunicação e promover, que também é uma das propostas do SE, promover na área da música, julgo que a música é uma boa arte para captar público jovem.” Técnica dos SE

A técnica identifica um problema comum a muitos outros museus, a falta de público jovem e de uma forma de comunicação mais apelativa através de redes sociais, nomeadamente o facebook. Esta questão afeta os museus na medida em que necessitam repensar toda uma estratégia educativa na abordagem a públicos com características tão específicas como os/as jovens.

2.4. Oferta educativa

O SE desenvolve diversas atividades, em diferentes áreas e para grupos de idades distintas. No MQS e dentro das visitas que se podem fazer ao espaço contamos com as “especiais”, “teatralizadas”, “animadas”, “literárias” e “às escuras”. Realizam os “ateliês” que têm por objetivo o desenvolvimento de conhecimentos nas artes plásticas; as festas de aniversário que se intitulam “o museu é mais velho que Eu”, onde o aniversariante escolhe as atividades a realizar nesse dia; o *workshop* “1 museu, 5 sentidos”, Ver (reinterpretação das obras da exposição), Ouvir (música e canto dos pássaros), Tocar (escultura e tecidos) Saborear (culinária), Cheirar (essências); “A criança traz adulto” atividade onde se constrói uma história e um museu de papel e ainda “Trilhos do amor”, realizada apenas no mês de fevereiro, trabalha a escrita, o recorte, a colagem e a reciclagem.

A Galeria Municipal e Galeria Nave oferecem-nos as “visitas guiadas e ateliês de exploração das exposições temporárias”: “descobrir – papers - fichas de conhecimento e observação para o visitante” e ainda “Juntos pela arte”, que é provavelmente umas das mostras em que mais se suporta a definição de Arte como elemento unificador, apelando ao sentido cívico e à solidariedade, à defesa dos direitos das pessoas quaisquer que sejam as suas problemáticas ou condição, e que surge no âmbito da proposta da Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental (APPACDM) – Centro Leonardo Coimbra, com o lema de que todos somos pessoas. Como atividades complementares, a CB promove ateliês orientados pelos utentes e professores da APPACDM, explorando e trabalhando áreas temáticas como as artes decorativas, madeiras, bordados, tapeçaria, papel, cestaria, pintura, terapia ocupacional, decoração ecológica, música, serigrafia e dança criativa.

Na dimensão da rede MUMA concretizam atividades lúdico-pedagógicas para todos: “A MUMA vai...” à escola, ao parque, à praia, ao lar, ao hospital, ao estabelecimento prisional, (...); o ateliê “A carta vai dentro do envelope” com o objetivo de adaptar a linguagem escrita à pictórica, criar cartas codificadas (...) atividade que acontece na Casa-Museu Abel Salazar; o ateliê “Mosaico Romano” no Museu Paroquial de Lavra Padre Ramos, para reconhecer a importância do mosaico nas habitações romanas, abordando e trabalhando a técnica do mosaico; no Museu dos Bombeiros o ateliê “Uma Medalha Merecida”, visando reconhecer a importância da profissão de bombeiro, sensibilizar para a preservação ambiental e para a reutilização e reciclagem de resíduos; o ateliê “A Mitra”, construção de componentes de vestuário, baseada no espólio de paramentos do Museu da Santa Casa da Misericórdia no Museu da Misericórdia de Matosinhos e, por último, no Museu do Linho e do Milho com o ateliê “Da Mó ao Biscoito de Milho”, que visa fomentar a responsabilização da criança e simultaneamente a aprendizagem dos hábitos alimentares e costumes das sociedades agrícolas, confeccionando biscoitos de milho.

3. Juventudes, espaços culturais e redes sociais

Este capítulo procura dar conta do trabalho desenvolvido, no âmbito da aplicação do projeto “Faz-te ao Museu”, que surgiu num contexto cultural de jovens, mais especificamente da relação destes com os museus. Para dar conta do desenvolvimento e

resultados dos trabalhos obtidos é necessário falar do contexto em que este foi concebido e colocado em prática.

Cremos que, além dos museus serem responsáveis pela preservação e exposição das peças, é também seu dever divulgá-las aos seus públicos proporcionando momentos pedagógicos e lúdicos e fomentando a sua aprendizagem. É portanto essencial, que desenvolvam estratégias criativas para a captação de novos públicos, especialmente dos mais jovens. Acreditamos que a utilização das redes sociais possa ser uma boa estratégia de comunicação, visto auxiliar a aproximação e captação de novo público, tornando-se mais atrativa para os jovens.

Este trabalho foi traçado tendo por base a(s) juventude(s), conceito pelo qual começaremos a nossa abordagem.

3.1. Conceito de Juventude(s)

Conceito promotor de diferentes visões entre sociólogos, quanto ao seu nascimento, para uns a juventude sempre existiu como uma fase da idade (Galland, 1991). Outros, como Bourdieu (1983)¹⁴, acentuam que “a juventude e velhice não são dados, mas construídos socialmente”, tendo de ser avaliadas não só as questões biológicas, mas também, as sociológicas para definir o ser como jovem, pois “somos sempre o jovem ou o velho de alguém”. A juventude é ainda uma categoria social emergente, produto histórico da modernidade (Cruz et alli, 1984; Wallace e Kovatcheva, 1998; Dubet, 1996 e Pais, 1993). Discutir sobre juventude(s), leva-nos a uma questão principal, isto é, situá-la historicamente tendo em conta os contextos sociais e culturais que permitem a construção do conceito, sujeito a alterações ao longo do tempo. Desta forma, quando falamos em juventude(s) temos de ter em conta o contexto social, situação económica, a religião, o género e a raça, (razão pela qual não tem sentido falar de “uma” juventude, mas sim de juventude(s)).

Num período que remonta aos tempos medievais, onde a idade dos indivíduos era importante para determinar a fase da vida em que se encontravam, surgiram então diferentes fases, a infância do 0 aos 7 anos; dos 8 aos 13 anos a puberdade; dos 14 aos 21 anos a adolescência; dos 22 aos 30 anos a juventude; e a partir dos 30 anos a idade adulta, embora os homens só fossem considerados responsáveis e livres do período de perigos aos

¹⁴ Uma das afirmações que Bourdieu faz quando fala sobre a noção da juventude num artigo intitulado “juventude é só uma palavra”, demonstrando como as divisões entre as idades seriam arbitrárias.

40 anos, idade a partir da qual era permitido desempenhar funções políticas. Mais tarde a juventude surgiu como uma construção social ligada a uma determinada fase da vida, que marca a transição de ser criança para ser adulto, num período referente à adolescência. Durante séculos não existia esta fase de transição, simplesmente entre os 10 e os 14 anos, e dependendo do desenvolvimento físico, as crianças deixavam de usar calções para usar calças, no caso dos homens, e passariam a vestir-se e a assumir compromissos destinados aos mais velhos, imitando em tudo os adultos, momento de transição também associado ao momento em que a criança começava a trabalhar. Na maioria dos povos, o momento em que se deixava de ser criança e se passava a ser adulto era associado a uma idade específica, simbolizada em cerimónias que registavam essa transição, como as festas de Debutantes, muito comuns nos EUA, os Bar Mitzvah na tradição Judaica, e no caso dos católicos o Crisma, imputando a responsabilidade dos seus atos ao jovem, considerado um adulto. O mesmo aconteceu com as leis, que definiram uma idade para o momento em que se deixa de ser julgado como uma criança e se passa a ser julgado como um adulto.

Já num período pré-industrial, não existia adolescência como a conhecemos hoje, nem a passagem de crianças para adulto, por esta altura só os jovens de famílias abastadas gozavam deste estatuto, que terminava após o casamento. No caso das famílias mais carenciadas, estas enviavam os seus filhos de 7, 8 anos para casa de outros como aprendizes. Nesta época a juventude era uma conceção corporativista em cujo perfil só se enquadrava uma elite masculina de filhos da pré-burguesia (Zinnecker, 1987).

Mais tarde, durante a Revolução Industrial e a implementação no setor produtivo industrial de um sistema capitalista, surgiram diversos movimentos através dos quais os jovens se fizeram ouvir na luta pela liberdade e contra as restrições da sociedade. Apareceram então as primeiras representações juvenis em massa, jovens que se reúnem em grupo e promovem movimentos revolucionários por toda a Europa, ficando alguns destes para a história, como por exemplo os “Sturm und Drang” (movimento literário romântico que se opunha ao racionalismo do iluminismo), os “Wandervogel”, termo que traduz “a juventude enfatizando a liberdade”, ambos na Alemanha, e a “Juventude Dourada e Queimada” na França, levando a que a sociedade não mais conseguisse calar os/as jovens.

Numa fase mais contemporânea surge a obra “Adolescense”, de G. Stanley Hall (1904), o primeiro autor a abordar o tema como uma fase importante do desenvolvimento humano, considerando que o caminho para o sucesso da vida adulta assentava no percurso de maturação da adolescência, pois “nenhuma idade é tão sensível aos melhores e mais sábios esforços dos adultos. Não há um único solo em que as sementes, tanto as boas como

as más, atinjam raízes tão profundas, cresçam de forma tão viçosa ou produzam frutos com tanta rapidez e regularidade” (p. 15). O autor caracteriza a adolescência como uma fase em que o indivíduo sofre transformações ao nível físico, social e mental, que lhe confere características e competências que o capacitam para o desempenho do seu papel enquanto adulto.

Mas a juventude tal como a conhecemos hoje, nasce com a revolução cultural, na mesma época em que surge o rock and roll pelos anos 40-50, considerado um estilo rápido, dançável e pegajoso, e pela revolução da moda, provocada pelas alterações políticas, económicas e sociais, estilo desprezado pelos adultos e capaz de levar as classes mais jovens à loucura, libertando as mentalidades reprimidas há muito tempo. Esta diversão ou os motivos que a precedem têm a ver com uma afirmação no plano social, que se opõe a políticas definidas pelos adultos (a guerra do Vietname nos EUA, por exemplo, o maio de 68 contestatário de uma organização do sistema de classes, por outro, ou ainda a contestação ao regime e à guerra do Ultramar em Portugal). Este período dá-nos igualmente conta do início da visão do adolescente enquanto consumidor (Savage,1947), com o lançamento da revista americana “Seventeen” de origem no termo adolescente em inglês “teen”, e direccionada para as meninas do ensino médio. Em 1985, no Ano Internacional da Juventude, a Assembleia Geral da ONU definiu juventudes como grupo etário entre os 15 e os 24 anos.

Isto leva-nos a identificar duas concepções distintas de juventude, uma que a define como um grupo de indivíduos pertencentes a uma determinada idade biológica, a outra que a define como um grupo social de indivíduos na mesma fase de vida, que partilham das mesmas questões sociais e culturais e que os diferenciam dos adultos. Pais (1993:52) refere que existe uma tendência sociológica que observa a juventude sobre dois prismas distintos: como conjunto de indivíduos pertencentes a uma dada fase da vida, englobados num todo homogéneo (teoria geracional), ou, de outra forma, como um conjunto social diversificado através da origem de classe (teoria classista). Considera ainda que não devemos ficar reféns de uma única teoria, e que para dar conta dos “paradoxos da juventude” deve conseguir-se articular as duas perspetivas. Desse modo, propõe libertar-se “de ter de encaixar factos empíricos em teorias pré-estabelecidas” (ibidem).

3.2. Culturas juvenis

“La cultura juvenil global forma parte del más amplio fenómeno de la globalización” (Nilan 2004:39), acompanhando as mudanças sociais e culturais. Enquanto conceito socialmente construído, na sua abordagem destaca-se a condição de jovem como etapa de socialização que só pode ser compreendida em referência ao contexto em que é vivida, refletindo experiências com diversos agentes de socialização, de entre os quais se salientam a família, grupo(s) de pares, a escola e outras instituições (Pais,1999). Outra definição do autor acentua a existência de múltiplas culturas juvenis, formadas a partir de diferentes interesses e inserções na sociedade, tendo em conta a situação social, económica, cultural, etc.

A verdade é que os/as jovens criam espaços próprios, culturalmente expressivos que promovem a construção de diferentes identidades ligadas a práticas, símbolos e representações com a atribuição de sentido ao grupo, com características comuns mas tão heterogêneos, denominados de “micro-tribos” (Maffesoli (1990). Conhecer e entender a arte produzida por esse grupo cultural, assim como, a das outras culturas permite ampliar a visão do mundo e construir a sua identidade. “É a diversidade cultural que faz com que os indivíduos possam articular suas experiências em tradições e valores, construindo identidades cujas fronteiras simbólicas não são demarcadas apenas pela origem de classe”. (Dayrrell, 1992, in Damasceno 2008:6).

Mas esta visão de culturas juvenis só surge em meados do séc. XX, até então os jovens eram vistos pela sociedade como seres imaturos e ignorantes. Sendo só a partir da década de 60 que o papel do jovem começa a ocupar outro lugar, resultado das manifestações culturais e das políticas juvenis, Coleman (1961) após o seu estudo sobre jovens, apoia a ideia da existência de uma cultura juvenil (importaria perceber, no entanto, que este resultado é determinado mais ancestralmente pelo próprio projeto social quando favorece a concentração dos jovens num espaço comum não determinado pelos adultos, isto é, a escola, onde aqueles se apropriariam de valores diferentes dos transmitidos pela sociedade adulta, construindo assim uma outra forma de cultura social).

Neste período assistimos a várias manifestações culturais juvenis, que nos dão conta de um novo lugar para a juventude, expressas entre outros pelo movimento Hippie em oposição à guerra do Vietname com apelos de “Peace and Love”, caracterizado pelo

consumo de alucinógenos e do Rock and Roll, da geração Woodstock¹⁵. A partir do fim da década de 70, surge um novo conceito de “cultura Punk”, como forma cultural deliberadamente marginal e alternativa à cultura tradicional vigente na sociedade ou como manifestação de segregação e autoafirmação por gangues de rua, designados de “tribo urbana”¹⁶, um claro exemplo de ação juvenil de uma juventude que se sente calcada por um sistema que visa padronizar comportamentos em torno de um mundo cada vez mais atrelado aos resultados imediatos e à eficiência. Os anos 80 foram responsáveis por alterar profundamente a ideologia e as relações pessoais entre os grupos de jovens adultos, dando lugar a uma nova geração chamada de “Yuppies”¹⁷, cultura mais conservadora, e que rompe com a emulação do dinheiro e do trabalho. A queda do muro de Berlim consolida a hegemonia do Capitalismo e a competitividade do mercado de trabalho, levando os jovens a estudar cada vez mais tempo, na busca de uma carreira profissional proeminente, que lhes permita o conforto material. Segue-se a geração que nasce junto com a Web, “Z” de “Zapping”¹⁸ é a definição sociológica para definir as pessoas nascidas no final da década de 90, caracterizadas pela ligação às novas tecnologias consumidas em simultâneo.

Existem portanto muitos e diversos grupos juvenis, com características específicas, moldadas pela condição sociocultural em que se encontram, e deste modo podemos considerar que não há apenas uma cultura juvenil homogênea; a “identificação de diferentes relações e consumos juvenis, mostra[m] a diversidade de condições sociais que tornam a experiência de ser jovem tão heterogênea” (Pais, 1993:189), tão comum da sociedade moderna, onde traços como individualismo, a amizade, o lazer e os consumos (Conde, 1998) ou a experimentação e a realização (Pais, 2001) se tornam tão centrais.

3.3. Circuitos juvenis

Importa abordar o conceito “circuitos juvenis”, para procurar compreender as suas preocupações referentes à inclusão dos museus nos seus espaços de lazer. Uma vez que a nossa intervenção é centrada nos jovens, a lógica será dar-lhes voz, para melhor

¹⁵ Festival Woodstock, exemplificava a era Hippie e a contracultura do final dos anos 60. Realizou-se nos EUA, em agosto de 69 na cidade rural de Bethel, estado de NY, teve apenas uma edição e ficou conhecido pelo retrato comportamental exibido pela harmonia social e a atitude do seu imenso público.

¹⁶ Também chamadas de subculturas ou subsociedades (metropolitanas ou regionais), constituídas por microgrupos que têm como objetivo principal, estabelecer redes de amigos com base em interesses comuns, em conformidade com pensamentos, hábitos e maneiras de vestir.

¹⁷ É a derivação da sigla “YUP”, da expressão inglesa “Young Urban Professional” que significa Jovem Profissional Urbano.

¹⁸ Pelo ato de mudar, neste caso define a relação que os jovens têm com os sistemas de informação, “zappiando” sistematicamente de um para outro.

compreensão das suas opiniões e sentimentos sobre as instituições museológicas: “aquilo que a voz oferece é a oportunidade dos jovens descobrirem e afirmarem a sua perspetiva pessoal e também de aprenderem a cooperar e a negociar” (Rudduck & Fielding, 2006: 223). Deste modo, orientaremos o nosso trabalho, de forma, a identificar possíveis mudanças práticas das instituições museológicas.

Realizamos duas sessões de Focus Group com jovens alunos/as com idades compreendidas entre os 17 e 21 anos, de uma turma de 12º ano de artes da Escola Secundária Augusto Gomes, pertencente ao conselho onde realizamos a nossa intervenção, com o intuito de perceber como os/as jovens se relacionam com os museus e as redes sociais. Além de partilharem as suas preocupações, foram parte ativa de todo o projeto de intervenção, propondo e desenvolvendo atividades, com a preocupação de atrair os seus pares aos museus.

Outra questão importante referenciada pelos jovens é que os espaços de lazer museológicos devam conter espaços de convívio e ocupação dos tempos livres:

“A componente relacional e convivial destaca-se no universo de aspirações e de práticas dos públicos estudantis. Nos seus tempos livres, os jovens tendem a procurar as relações/contactos/experiências com os seus grupos de pares mais próximos. Privilegiam atividades de fruição imediata e coletiva, quer no espaço da cidade, quer no espaço da escola e da família” (Fernandes et al 1998:217).

Querem estar em espaços ativos e de convívio, espaços de lazer e não apenas uma ocupação do tempo livre, Alice conta:

“Quando nós vamos sair, queremos é ir para as coisas que estejam a acontecer, um concerto ou uma festa, nós queremos é que esteja a acontecer alguma coisa. Por exemplo se o museu tiver um café, uma pessoa vai lá convive, porque uma pessoa ir a um museu simplesmente dá uma volta e depois o que é que faz, queremos fazer alguma coisa na mesma, uma pessoa não pode ir só ver o museu à tarde, tem de fazer mais coisas, ou seja, se uma pessoa pudesse ir a um museu como uma experiência quase para o dia todo, vai lá, toma um café, vê o que estava a acontecer lá, era muito melhor.” Alice

“As pessoas não vão aos museus porque não se interessam, não sentiram essa necessidade de ocuparem os tempos livres com idas ao museu, é melhor ir para a praia!”
Mário

Para a maioria dos jovens os museus não são só um espaço de exposições para a contemplação de obras, os museus deveriam ser sobretudo um lugar de encontro com uma oferta mais variada. Dando como exemplo Serralves.

“Eu vou muito a Serralves porque fazem workshops e feirinhas que me interessam e eu gosto de ir lá, também um pouco para conhecer, porque o ambiente é calmo, e quando estamos num dia assim mais atribulado é bom relaxar, e depois também temos o jardim, estamos ali rodeados de verde, o silencio e é bom”. Carina

“Por exemplo eu vou muito mais a Serralves do que a outro museu, porque tem ali o jardim ao lado.” Mário

“Exato, um espaço onde tu podes conviver e por acaso tem exposições, tu acabas por ir ver.” Alice

“E Eu acho que as pessoas se interessavam mais assim.” Daniel

Como tal podemos afirmar que os espaços e as estratégias desenvolvidas por Serralves na captação de público funcionam com os jovens, muito à semelhança do que acontece no Tate Modern em Londres por oferecer um ambiente descontraído com uma linguagem visual acessível e atual. O museu tem a política de mudar com frequência as obras expostas e oferece ainda diferentes salas de exposições temporárias, cinema, restaurantes, lojas e diversos espaços onde o visitante pode assistir a pequenos filmes sobre a vida dos artistas mais famosos; outro com dispositivos electrónicos nos quais se apresentam quatro movimentos (surrealismo, expressionismo abstrato, cubismo e minimalismo); um que alberga um conjunto de livros dedicados às artes, entre outros. Criando uma vasta oferta educativa e de entretenimento, importa salientar que a maior percentagem de visitantes do Tate Modern são jovens que utilizam o espaço como ponto de encontro e de lazer.

“ (...) até porque se funcionassem todos mais como Serralves que tem um espaço de lazer além da galeria”. Beatriz

“E faz sentido, senão estamos apenas ali parados a olhar para as coisas, por isso é giro porque nós interagimos e divertimo-nos imenso porque podemos ter contato com as coisas, que no nosso dia a dia não temos acesso, e lá fazemos parte, é giro”. Carina

“Não me passa pela cabeça ir para sítios onde não se passa nada, é tudo muito parado, muito silencioso, estou sempre atenta ao que está a acontecer, não vamos de propósito ver uma exposição se não se passa lá mais nada, isso está fora de questão...” Alice

Com a interação os museus despertam nos/as jovens um sentimento de partilha, um local de convívio do qual fazem parte: “indivíduos inseridos numa rede estável de relações sociais podem beneficiar-se da sua posição ou gerar externalidades positivas para outros membros”¹⁹ (Bourdieu e Coleman, 1980). Estas relações estabelecidas entre indivíduos pertencentes a um determinado grupo não advém apenas da troca de relações ou da proximidade no mesmo espaço económico e social, estas redes dão aos indivíduos um sentimento de pertença a um determinado grupo social. A esfera do consumo cultural torna-se um momento importante para as trocas sociais (Giddens, 1995).

Os/as jovens referem também a necessidade de as exposições serem interessantes, afirmando que muitas das exposições não suscitam o interesse de pessoas da sua idade pela falta de modernidade na oferta artística, apelando ao uso de culturas urbanas com as quais se identificam, como forma de atrair os jovens.

“A maior parte dos museus quer por exemplo um Van Gogh ou então um artista que já morreu há mais de 500 anos atrás, em que é que isso atrai um rapaz ou uma rapariga da nossa idade ...” Miguel

“As exposições têm de ser muito interessantes para nos atraírem aos museus, as melhores experiências são as que partilhamos, depende muito de com quem vamos, de como estão dispostas as obras, porque por exemplo há museus que propõem atividades e há outros museus que não, porque captam mais o interesse da pessoa que está ali a interagir com a obra.” Mário

“ (...) mas o que está a sobressair agora não são os artistas antigos não é mesmo a pintura, o que está a sobressair agora é o Hip Hop, são os graffitis, talvez este tipo de arte fizesse os jovens ir mais aos museus, se calhar explorar mais esta vertente...” Miguel

Quando falamos de circuitos juvenis, falamos dos diferentes espaços onde os/as jovens constroem os seus circuitos de lazer. Esta construção surge em torno de diversas manifestações culturais, como por exemplo: o hip-hop; o graffiti; o skater, etc. como projeções de “culturas de rua” onde os/as jovens constroem os seus espaços culturais, “A verdadeira magia da cidade vem de baixo e não dos arranha-céus onde a vida social parece

¹⁹ Tópico específico que conduziu o estudo do conceito de “capital social” de Bourdieu e Coleman

estar enjaulada. Porque é que os jovens tomam a rua como palco de muitas das suas manifestações culturais, como o skater, o graffiti, o street basket, etc.? Porque a rua é pelos jovens reivindicada como um palco de cultura participativa.” (Pais:2006)²⁰

“E graffiti há na rua!!” Carla

“Eu vi um graffiti mesmo giro e depois tentei pô-lo no meu diário gráfico, eu adorei aquilo, eu vi-o no meio da rua e adorei mesmo aquilo.” Amélia

“ (...) mas agora se meteres lá algo ligado ao Hip hop”. Miguel

Portanto para os jovens pertencentes a esta realidade, e que percorrem estes circuitos culturais, faz todo o sentido, que algumas destas representações sejam valorizadas e ganhem espaço na qualidade de reproduções artísticas e, implicitamente, do seu reconhecimento nos espaços privilegiados de cultura que são os museus, vontade que manifestaram, como lógica, do ponto de vista deles sobre a arte.

“A arte tem muito que se lhe diga, não é só pegar num lápis ou num pincel e fazer. Por exemplo um grupo que dança Hip Hop, nós temos na nossa turma um rapaz que dança Hip Hop, vê aquilo e diz ah eles fizeram uns trabalhos são jovens da nossa idade porque é que nós não vamos tentar, se calhar nós podemos dar alguma coisa aos museus que chame a atenção de outros.” Miguel

Falam também de como é importante valorizar os artistas da atualidade, especialmente da arte produzida pelos jovens, criando oportunidades para que se possam promover.

“Eu acho que falta dar valor ao artista de hoje, ao artista de agora, pronto, apesar de os de antigamente serem muito bons, sem duvida alguma, estão a deixar e como ela disse e muito bem, estão a deixar de lado os jovens e quando eu digo jovens refiro-me a pessoas até aos 40, os de agora que ainda estão vivos, estão a deixá-los de lado apesar dos trabalhos deles serem, não digo tão bons, mas a um nível bastante razoável, e neste momento nós temos é de dar valor àquilo que temos e, sem deixar de parte como é lógico os míticos não é, eu acho que os museus têm mesmo de dar valor ao que têm, e há artista portugueses jovens com imenso talento e que têm ficado à margem.” Miguel

²⁰ Excerto da entrevista, ao Observatório jovem da UFF e Observatório da Juventude da UFMG, José Machado Pais fala sobre sua trajetória de pesquisa, a realidade dos jovens em Portugal e a importância da pesquisa para as políticas públicas. Informação consultada no site: <http://www.uff.br/observatoriojovem/materia/entrevista-com-jos%C3%A9-machado-pais>

Chamam a atenção para a sua situação enquanto estudantes de artes e jovens, sentem que não têm participação ativa, sentem-se excluídos. Reclamando oportunidades não só para eles enquanto estudantes de artes mas também para os seus pares, jovens com talentos que não são valorizados, propondo-se como agentes de mudança.

“Por exemplo, eu gostava que os museus fizessem uma espécie de concurso e, que por exemplo, numa semana pusessem exposições das pessoas que participassem no concurso. Concursos abertos a novos artistas tipo novas oportunidades.” Amélia

“Nós estamos em artes e por exemplo queríamos expor os nossos trabalhos e não temos essa possibilidade mesmo nos museus, não temos onde expor o nosso trabalho.” Verónica

No mundo contemporâneo as culturas urbanas assumem um lugar de destaque na vida dos/as jovens, porque revelam a capacidade de atuação dos indivíduos e grupos à margem das instituições, atribuindo-lhes a noção de apropriação de espaços citadinos para as suas manifestações culturais, como referência o Grafitti e o Hip hop. “Essas inscrições fornecem uma série de informações ao habitante urbano, servindo de suporte à construção da imagem dos territórios por onde circula” (Campos, 2008:6). Entendemos que a adoção das artes urbanas pelos museus os colocaria como um espaço pertencente a um território de circuitos juvenis.

3.4. Os jovens e os espaços culturais

O ponto anterior faz uma abordagem aos circuitos juvenis e se os museus estão presentes nesses circuitos de lazer dos/as jovens. Mesmo sendo alunos/as de artes a maior parte dos/as jovens questionados não vai aos museus, apenas em determinadas circunstâncias como visitas de estudo e viagens em família. Neste ponto falamos da relação que os/as jovens têm com os museus, o porquê de não os frequentarem e das estratégias que do ponto de vista destes/as jovens os museus deviam adotar para os/as atraírem e aos seus pares.

3.4.1. A visão que os jovens têm dos museus

Nos últimos tempos tem sido dada uma grande atenção aos museus, e não só por fatores como a crise, mas também, verifica-se uma grande diminuição de visitantes, especialmente de jovens. As entrevistas de Focus group que realizamos, iniciaram com

uma ação em que os/as jovens alunos/as participantes teriam de escrever num papel a primeira palavra que lhes vinha à cabeça quando se falava de museus e de redes sociais. O primeiro grupo a realizar a sessão apresentou uma opinião bem diferente do segundo grupo, referiram-se aos museus através de adjetivos que de algum modo refletem os seus sentimentos. Mais uma vez lembramos que são jovens alunos/as de artes, apesar disso referiram-se aos museus como:

“ «Seca», porque os museus ultimamente não têm nada que chamem os jovens a irem lá!”
Verónica

“Eu pus tédio! Porque é aquilo que normalmente sinto, e eu falei com os meus primos sobre isso, os mais novos, e não gostavam nada quando tinham uma pessoa a falar para eles tipo: “aqui passou-se isto blá blá blá, ali foi aquilo blá blá blá (...)” tornando a exposição por si só mesmo entediante!!! Tem de ter algo que chame mais à atenção dos jovens, apesar de ser importante, nós não queremos nada estar a ouvir o “Em 1900 aconteceu trálalá, passou-se isto e aquilo”, chega a uma altura em que as datas e o que ele diz já nos passa ao lado!” Miguel

A noção de que os factos históricos são importantes está presente, o modo como esse conhecimento é transmitido é que não agrada. Os museus têm a necessidade de se adaptar aos contextos e às exigências dos/as consumidores/as. Está presente a necessidade de mudar ideias, de “reprogramar”, “acompanhar as grandes transformações na cultura global e as novas formas de pensar, fazer e distribuir produção artística” (Mendes, 2012:17), no sentido de mudar a oferta tornando-a mais apelativa para os/as jovens.

“Antiguidade! Daquilo que Eu me lembro de museus é que só tem coisas mais antigas e muito mais aborrecidas!” Vanessa

Importa referir que o museu quando criado foi com um objetivo pedagógico de formar o cidadão através do conhecimento do passado, tão importante para a compreensão de determinados factos do passado mas também da atualidade. Era importante trabalhar uma estratégia atrativa e dinâmica que despertasse o interesse dos/as jovens pela história, pois eles sentem que a antiguidade se torna monótona.

“Monotonia! Porque quando vamos a um museu estamos a ver os quadros, ou seja, cada um por si, cada um faz a sua observação do quadro, raramente conseguimos visitas guiadas porque tem de se pagar mais um bocado, também é chato porque as visitas guiadas é em grupo e quando é em grupo não conseguimos ouvir tudo, porque os guias

não usam microfone não é, e acho monótono estarmos a olhar para um quadro sem termos atividades ou sem ter algo lúdico.” Maria

Já no segundo grupo a realizar a sessão de focus group, todos os/as jovens alunos/as pertencem à mesma turma, referiram-se aos museus com uma opinião um pouco diferente com o recurso a nomes que traduzem o que se pode ver nos museus.

“Eu associo logo a exposições, não sei se era suposto ser isto?!” Carla

“Quadros. Eu foi porque me lembrei, quando me lembro de museus lembro-me logo de quadros na parede, tipo “Mona Lisa” e coisas assim, foi a imagem que me veio à cabeça neste momento.” Alice

“Arte. Eu foi porque os museus estão cheio de arte e, é tudo o que se vê num museu.” Carina

Estes jovens falam dos museus como uma instituição estática de representação artística, fazendo-nos lembrar o museu na sua origem, a instituição aristocrática que se apropriava dos objetos única e exclusivamente para fins taxionómicos.

“Eu também escolhi essa palavra, porque também é o que se vê nos museus.” Daniel

“Eu escolhi arrumação porque é o que sinto, quando chego lá aos museus está sempre tudo muito arrumadinho, muito estático e muito certinho, não há nada desorganizado, se fosse por exemplo uma instalação artística gostava mais, pois a organização dos sítios onde têm as coisas expostas é diferente.” Beatriz

Ao darem conta dos seus pontos de vista os/as jovens fornecem informação aos museus que podem e devem reunir esforços para mudar a imagem que lhes atribuem, pois a sociedade poderia desfrutar muito mais dos seus museus se pudessem compreendê-los melhor e vice-versa: “frequentemente há uma grande distância entre a mensagem externa e a realidade interna de um museu” (Mendes 2012:34).

“É o problema dos museus que querem conservar tudo direitinho...” Beatriz

“Eu não gosto nada disso, é muito silencioso, tens de ter muito cuidado...” Daniel

“... às vezes também tem a ver com a decoração, com o espaço! Já fui a museus, por exemplo, Serralves que os quadros estão todos direitinhos, seguidos naquela ordem, se a disposição deles fosse em diferentes posições a aleatória seria mais criativo!” Amélia

Ao longo desta discussão percebemos, que a visão que estes/as jovens têm sobre alguns museus, apesar de cursarem uma formação artística, é muito semelhante ao que o museu era no princípio da sua existência. Isto faz-nos pensar na visão que outros jovens sem formação artística terão dos museus, portanto não há dúvida que os museus precisam mudar pois o mundo está em mudança: “era inevitável que em algum momento os museus tivessem que se repensar nesse novo cenário onde o público não é apenas plateia mas produtor ativo de cultura ao seu modo” (Mendes, 2012:17).

3.4.2. Com que frequência visitam os museus

Quando questionados sobre se eles ou jovens como eles vão aos museus a resposta de uma grande maioria é: “Não”, justificando rapidamente o porquê de não irem. Os que vão, só vão aos que a oferta permite boas experiências.

“Raramente.” Mário

“Não vou.” Daniel e Alice

Muitos só vão aos museus aquando das visitas de estudo e de acordo com a responsabilidade educativa dos mesmos, através da programação que os serviços educativos desenvolvem para as Escolas.

“Gostava de ir porque só vou a Serralves e com a escola.” Amélia

“Gostava de ir mais, mas não tenho companhia e também é monótono ir sozinha.”
Maria

Outros, só vão aos museus durante as férias e em outras cidades que não as suas, de uma forma cultural, visitam outras cidades visitam os seus museus.

“Eu aqui não vou aos museus, só vou aos museus quando vou assim a uma terra diferente, se for a Lisboa por exemplo vou aos museus.” Carla

A falta de conhecimento é uma das principais razões para os jovens não se movimentarem até aos museus e, estratégias como a presença dos mesmo nas redes sociais permitiria a estes jovens pelo menos saber da sua existência, onde se situam, o que têm para oferecer. Apesar de vivermos na era da globalização tecnológica, com fácil acesso à informação, os/as jovens continuam a mostrar-se desinteressados pelos espaços museológicos.

“Eu não vou muito, por falta de conhecimento pelo que está exposto e por falta de curiosidade, e é como ela disse (referindo-se à Beatriz), ir sozinho não é uma das coisas que me agrada muito, é mesmo mais por não saber o tema da exposição ou o porquê, e eu também não procuro muito isso, por exemplo, eu moro na Senhora da Hora e nem sabia da existência de museus lá até tu nos dizeres, eu conheço mais Serralves mas também ir lá é mais complicado.” Daniel

“Para mim a pior parte é não contactar mesmo com a obra de arte, quando vamos a um museu passamos pelos quadros, vemo-los, observamo-los e depois, não nos marcam, eu pelo menos sinto que a mim não me marca de nenhuma maneira, estar ali a peça, olhar simplesmente para ela e depois seguir em frente, é quase como se estivéssemos a ver um centro comercial cheio de montras.” Carla

Vários são os motivos referidos para justificar a falta de visita aos museus, entre elas o facto de em muitos deles ter de se pagar, de facto a crise veio diminuir o número de visitantes nos museus, “a globalização é política, tecnológica e cultural, tanto quanto económica”. (Giddens, 2000:21) Outros não vão por desconhecimento e por os museus não fazerem parte dos seus pontos de interesse.

“Eu não vou porque moro longe de todos os museus, eu moro na Senhora da Hora, antes até ia aqui ao CAM (Centro de Arte Moderna), mas chegava lá e perguntava quanto era, e quando diziam 3€ então eu voltava para trás, e também não tenho ninguém na família que queira ir comigo, ir sozinha não me puxa, é o que eu digo não acho interessante ir aos museus, os museus são uma coisa muito estática, arrumadinha, não puxa...” Beatriz

“É assim (...) só vou tipo a Serralves, acho que não vou, porque quando tenho tempo livre prefiro ir a alguma coisa que esteja a acontecer, do que propriamente estar-me a deslocar para um museu, porque gasta-se dinheiro , pois vou pagar para entrar no museu e depois não se passa nada.” Alice

“... e depois também às vezes não ter um guia à entrada, às vezes é tão...” “...eu prefiro os museus interativos, como quero sempre saber tudo e também gosto de coisas que se mexam, tem mais barulho, mais movimento, por exemplo os museus de Londres além de serem todos de graça, são espetaculares e cheios de coisas gigantes e imensas coisas interativas, e mesmo a forma como as coisas estão expostas não é como aqui em Portugal, é mais dinâmico.” Alice

Não ter dinheiro para entrar nos museus ou pagar a um guia “significa ver-se fora de uma série de circuitos, principalmente o do consumo de bens” (Silva, 2011:251). A questão financeira assume um peso maior numa época de crise, como tal os museus têm tentado combater essa situação oferecendo atividades gratuitas, também já é uma prática comum os museus com entrada gratuita, exemplos disso são: o Museu da Fotografia no Porto; o Museu Coleção Berardo em Lisboa, outros são gratuitos ao domingo ou então num determinado domingo por mês. A par com a questão financeira que afeta os circuitos de lazer dos/as jovens, os hábitos familiares também têm algum peso nos seus hábitos de consumo, através da transmissão de valores, se uma família tem hábitos de leitura, ler será algo natural, o mesmo se passa com os museus e outros hábitos que se transmitem no seio das famílias. Como referem alguns testemunhos, não vão porque a família não os acompanha, ou então vão com a família quando estão de férias em outras cidades.

3.4.3. Porque não são os museus interessantes para os jovens

A falta de interação nos museus afasta grande parte dos/as jovens, um museu pode ter uma equipa maravilhosa, uma construção magnífica, coleções soberbas, uma ótima gestão, ótimos programas, ótimo tudo. Mas se não muda nada para ninguém, se não tem impacto, não chega até onde pretende chegar, ao público.

“Hoje em dia poucos são os jovens que se interessam por esse tipo de coisas.”, “Mas muita gente acha uma seca ir a museus, acham aborrecido...” Carina

“Não há nada que os chame para lá ir.” Daniel

“... a maior parte eu diria que não porque não têm absolutamente interesse nenhum, as razões podem ser as mesmas que as minhas ou então porque não se interessam por museus, e também porque algumas pessoas não gostam de sair da sua zona de conforto e preferem fazer coisas que já conhecem e já estão habituadas.” Mário

“Açam uma tremenda seca, o problema é que nos museus não se pode fazer barulho, para mim é muito difícil, se houver muito silêncio, Eu até tenho medo de caminhar porque faço muito barulho, e o silêncio incomoda-me, não consigo estar em ambientes com muito silêncio e isso incomoda-me bastante, e isso torna toda a exposição aborrecida.” Daniel

Os públicos que antes só frequentavam os museus para “para ir e olhar, agora querem participar, comentar, contribuir, criar” (Mendes 2012:35):

“Eu acho que os jovens só vão aos museus quando há “Serralves em Festa” porque tem atividades que os atraem, tem concertos por exemplo, e tem coisas dinâmicas e alguns vão, nem que seja só para passear no jardim, andam cá fora nas atividades, não sei se vão lá dentro aos museu.” Maria

“Eu acho que alguns vão ver a exposição, é gratuita!” Carla

Referem-se à relação inexistente dos jovens com os museus, à não ligação.

“Amor à distância!”; “De zero a dez -2!”; “Inexistente!”; “Metafórica.” José, Miguel e Verónica quando se referem à relação dos jovens com os museus.

“... para mudar de opinião é preciso passar pela experiência mas se não tiveres vontade de ir lá não mudas.” Alice

“É preciso sentir a necessidade da experiência, da observação, ou seja, a necessidade de sair de nós próprios para aceder à escola das coisas, se as queremos conhecer e compreender” (Durkheim, 1895).

“Se a intenção é captar jovens que não estão nem familiarizados nem sensibilizados para as artes, é importante que lá se coloque algo, com ou sem descrições, mas que lhes permita perceber aquilo que veem e como foi feito!” Miguel

“Eu acho que uma forma de cativar os jovens é pôr coisas mais atuais e com interação.” Vanessa

“Sim, só o fato de interagir com o público, só a questão de interagir com o público já cativa mais.” Verónica

Estamos em pleno século XXI e, como já muitas vezes referenciamos, na era da globalização, internet, redes sociais, gadgets, smartphones (etc), a informação está em todo lado e a toda a hora. Vem carregada de cor, imagem, novidade, dinamismo, uma completa avalanche interativa que coloca em sentido os sentidos das pessoas, especialmente dos mais jovens que nascem com a tecnologia como parte “natural” de si mesmos, característica promotora de uma visão juvenil incompreendida e de um mundo alheio às suas realidades.

“Podia haver uma parte de pintura, uma parte de cinema, outra parte de ciência, outra parte de...” Amélia

“As exposições têm de ser muito interessantes para nos atraírem aos museus.” Mário

“E quando nós queremos ver alguma coisa podemos ir ver à internet, porque por exemplo, se são quadros dá para ver, não é igual mas também sem ser os mais conhecidos, porque uma pessoa tem mais curiosidade de os ver ao vivo, os outros que não são tão conhecidos uma pessoa pode vê-los na internet.” Alice

“Muita informação está na internet...” Daniel e Alice

A Internet coloca a informação à disposição de todos a toda a hora e em todo lugar. Se os/as jovens olham para os espaços museológicos como locais desinteressantes afastando-os dos seus circuitos de lazer, não deixam de admitir que, quando as experiências vivenciadas nesses espaços são positivas, são capazes de promover a diminuição da distância existente entre ambos.

3.4.4. Que propostas e estratégias têm os jovens

Este foi um dos pontos debatidos no nosso focus group, e mesmo antes de ser pedido que os jovens apresentassem as suas ideias sobre que estratégias implementariam, a discussão rumou nesse sentido e os/as jovens falaram sobre o que tornaria um museu interessante.

“Acho que os museus, hum não sei explicar bem isto, mas acho que não devia ser só a exposição do artista, ter só ali o quadro, acho que por exemplo na parede devia haver assim uma intervenção do próprio museu”. Amélia

“Ter por exemplo o pincel que o artista utilizou para fazer aquele quadro, já mudava tudo, ou o resto das tintas, isso já é diferente”. Maria

“Não sei lá está, nós ao explorarmos as obras do artista exploramos o espaço psicológico dele, talvez, eu acho que nós talvez nos interessemos mais pelo espaço físico associado ao psicológico”. José

“Podes ter uma peça de Van Gogh ou outra peça antiga e recriar aquilo para os dias de hoje, para que os jovens possam ter interesse de ir lá ver, sei lá, por exemplo uma instalação, por vezes os museus podiam fazer instalações que chamasse os jovens e, mesmo assim, ter os trabalhos antigos, ter artistas que são antigos”. Verónica

É necessário criar condições de mudança, através da mediação entre contextos: “a mediação, nomeadamente a mediação socioeducativa, é assumida cada vez mais como um slogan mobilizador, um remédio e um referente das políticas sociais, dando conta da sua

importância, ao ser reconhecida como uma atividade para assegurar a gestão das diferenças e dos diferendos e a coesão social” (Silva e Moreira, 2009:7).

“Acho que o que acontece quando entramos num museu, é perceber que ele não era nada daquilo que estávamos a pensar.” Amélia

“E a informação que recebemos lá não é aquela que estávamos à espera de receber, muitas vezes o cartaz é Wooh espetacular e chegamos lá e depois fica um bocado aquém!” Miguel

Importa, por isso, ouvir as opiniões e interpretações que os jovens fazem das realidades sociais em que participam, criando um laço entre jovens e adultos, na resolução de problemas e na criação de estratégias, quem melhor que os jovens sabe o que realmente lhes interessa.

“Eu acho que faria coisas diferentes, eu acho que há muitas formas de mostrar as obras às pessoas e podia-se mudar a forma como se colocam as coisas nos museus, é preciso que as coisas façam parte de algo e não estejam só ali, eu acho que assim ia mais vezes aos museus (...)” Beatriz

“...um museu que tenha uma instalação é completamente diferente, é por exemplo o que ele estava a dizer da parte mecânica e motores, e nós podemos pegar por exemplo em peças de mecânica e fazer uma instalação, fica muito mais chamativo.” Verónica

“Para mudar e atrair os jovens aos museus, a primeira coisa que eu faria é música, é uma coisa que toda a gente gosta, não há ninguém no mundo que não ouça música e que não goste de música, mesmo aquelas pessoas que às vezes dizem que não, ouvem sempre música, por isso, eu tentaria encaixar a música com as obras, para criar ambiente, por exemplo” (...) Mário

A música ocupa um lugar importante na vida das pessoas, especialmente dos jovens, os seus maiores consumidores, e além de ser uma forma de arte, resgata culturas, reúne estilos diferentes, une e inspira novos pensamento.

Eu acho que a ideia de um acampamento é muito boa porque é uma coisa que não costuma acontecer, tentaria sempre inovar, pelo que é mais original, coisas que não costumam acontecer nos museus, que é isso que interessa às pessoas, principalmente às pessoas da nossa idade porque são coisas fora do comum, nós estamos a descobrir tudo ao máximo, queremos todas coisas novas, por isso se eu tivesse um museu tentaria sempre optar pelo mais original pelo mais fresco” Mário

Mário diz que tentaria sempre inovar, "o desenvolvimento de um pensamento vasto e poderoso torna-se desesperadamente urgente" (Sagan, 1994:206). A inovação significa mudança e renovação, é portanto importante, mudar e renovar ideias e ações, mas a mudança a que nos referimos, é de carácter intencional, uma mudança deliberada com foco na melhoria da ação educativa. "A inovação pedagógica traz algo de "novo", ou seja, algo ainda não estreado; é uma mudança, mas intencional e bem evidente; exige um esforço deliberado e conscientemente assumido; requer uma ação persistente; tenciona melhorar a prática educativa; o seu processo deve poder ser avaliado; e para se poder constituir e desenvolver, requer componentes integrados de pensamento e de ação" (Cardoso, 1992).

"Eu pego um bocado na palavra (...) explorar, e penso que talvez se os museus explorassem mais a arte atual, pronto é certo que pode ser importante para o nosso conhecimento ensinar-nos a nós jovens a vida de antigamente, os artistas antigos mais famosos como é lógico, mas o que está a sobressair agora não são os artistas antigos não é mesmo a pintura, o que está a sobressair agora é o Hip Hop, são os graffitis, talvez este tipo de arte fizesse os jovens ir mais aos museus, se calhar explorar mais esta vertente". Miguel

"Eu costumo ver exposições de fotografias, e a fotografia mostra o lado psicológico do fotógrafo, ou seja, ver o mundo sobre a objetiva e o olho do fotógrafo, mas não há nada físico, nós estamos a olhar para as fotos mas não conseguimos imaginar nada em concreto para nos podermos basear, se calhar até ter a própria máquina, fotografei com esta máquina, é este modelo tem estas características e dá para fazer um efeito como o que está naquela fotografia, conseguimos ver sei lá, por exemplo uma fotografia tem uma planta, trazer uma amostra da planta era interessante em vez de se estar só a olhar para a fotografia, porque estar só a olhar para a fotografia só imaginamos aquilo, mas não nos transmite grande coisa. Por exemplo, fotografar um olho, é muito bonito o olho e toda a gente tem olhos, uns de uma cor outros de outra, mas precisamos de saber o que é que ele fez para chegar lá, sei lá, até uma simples descrição debaixo do quadro. Outra coisa, e já que peguei neste assunto, a minha mãe vai ver uma exposição e diz: - Eu olho para aquilo e não percebo nada do que está lá, não sei nada de arte e estavam lá uns rabiscos no quadro! Se tivesse uma descrição, ou mesmo, uma simples frase do artista debaixo do quadro já muda". Maria

A Maria fala num ponto importante quando se refere à mãe, pois muitas vezes os museus promovem exposições que não nos facultam grandes informações, apesar de haver brochuras sobre o tema da exposição e a história do artista, as informações sobre as obras nem sempre são claras e muitas vezes inexistentes. Para um museu ser acessível a todos deve conter informações indispensáveis para a compreensão das obras, não é suposto que toda a população detenha formação artística.

“Faz toda a diferença!” Amélia em resposta à Maria.

“La potencialidad educativa de los Museos hay que ir actualizándola, desarrollando la relación dialéctica entre esta teoría y esa práctica o, lo que puede ser lo mismo, entre las demandas reales y las expectativas utópicas de la sociedad a cuyo servicio está. La oferta del Museo a la sociedad no es algo que está definitivamente establecido. Al contrario, el Museo ha de esforzarse para responder a las nuevas motivaciones de sus usuarios, de modo que há de estar atento y sensible a los cambios sociales y, por ello, a la evolución y a los distintos planteamientos educativos” (Blanco 1988:35).

As mudanças sociais são constantes e delas fazem parte o uso das redes sociais, que desempenham uma função importante no acesso e captação de público. No nosso projeto de intervenção “Faz-te ao museu” propusemos o uso das mesmas com o objetivo de chegar às/aos jovens, promover o Museu Quinta de Santiago, e facultar ao público informação e partilha das atividades desenvolvidas. Como tal de seguida damos conta da relação existente entre as redes sociais e os jovens, bem como, do seu papel nos dias de hoje.

3.5. Os jovens e as redes sociais

As sociedades pós-modernas são caracterizadas, entre muitas outras coisas, pelo encontro crescente entre várias zonas do mundo até então intocáveis e desaproximadas, quer no plano social quer no plano económico (por exemplo, pela adoção generalizada do capitalismo e do princípio do mercado livre como modelo político-económico dominante), (Boaventura, 2002). A Internet surge assim como um dispositivo peculiar que ilustra essa interconexão que acaba por transformar o mundo numa “aldeia global”. (Mcluhan)²¹. A pós-modernidade é também, na conceção de Donna Haraway (1994)²², a junção entre “humano” e “máquina”.

O fenómeno das redes sociais relativas à Internet tem ganho notoriedade sobretudo do ponto de vista do discurso mediático e do senso comum que lhe traça os seus efeitos (positivos e negativos), a sua natureza e, claro, as suas origens, técnicas ou históricas. Nesse sentido, não se pode abordar as redes sociais sem se referenciar a importância que a Internet tem assumido nas últimas (mais ou menos) duas décadas e não se pode abordar a

²¹ Com o intuito de indicar, que as novas tecnologias eletrónicas tendem a encurtar distâncias, e o progresso tecnológico, tende a reduzir todo o planeta a uma situação idêntica a uma aldeia.

²² Uma definição já clássica de ciborgue é a de Donna Haraway em seu Um manifesto para os ciborgues: “um organismo cibernético híbrido: é máquina e organismo, uma criatura ligada não só à realidade social como à ficção.

Internet sem se remontar ao período histórico da pós-modernidade onde o *global* e o *local* se entrecruzam de formas por vezes complexas e fora de sistemas causalistas ou lineares.

Ao longo do século XX, as mudanças documentadas tomaram proporções significativas e um avanço extremamente volátil por oposição a outros períodos históricos onde as mudanças aconteciam de forma bastante regulada e vagarosa, e dentro de contextos institucionais rígidos (Giddens, 1991). Tal volatilidade deve-se em parte à interconexão entre países e nações (ou países que pretendiam ser nações) cada vez mais sistemática e irreduzível. Os processos de mundialização da economia, que tiveram lugar aquando das descobertas marítimas, potencializaram a emergência de um “admirável mundo novo” de trocas culturais e económicas sem precedentes na História da Humanidade. Essa interconexão ganhou tamanhas proporções de tal forma que o século XX (e particularmente o final do século) é o século da globalização.

Embora entendida como um fenómeno exclusivamente económico, a globalização é “multidimensional”. Boaventura Sousa Santos argumenta assim que ela tanto pode ser económica «(...) dominada pelo sistema financeiro e pelo investimento à escala global, processos de produção flexíveis e multilocais, baixos custos de transporte, revolução nas tecnologias de informação e comunicação, desregulação das economias nacionais, preeminência de agências financeiras multilaterais, emergência de três grandes capitalismos transnacionais: EUA, Japão e União Europeia. (...)» (Santos, 2002: 35), mas também cultural ou até simbólica. De facto, “the processes of globalization are a multifaceted phenomenon with economic, social, political, cultural, religious and legal dimensions, all interlinked in a complex fashion” (Santos, 2006: 393).

O processo de globalização surge na esteira do “capitalismo desorganizado” como lhe chama David Harvey (1989) e do *thatcherismo* dos anos 80. Assiste-se pois, particularmente a partir da década de 80²³, à passagem de um “capitalismo industrial ou fordista” para um capitalismo “pós-industrial” ou “pós-fordista”²⁴ e as consequências traduzem-se, entre outras, na liquidação das empresas e na fluidez do capital (i.e., *off shores*), na crescente fragilidade das relações salariais e na transmutação dessas relações,

²³ É nesta época que, sobre a alçada de Reagan (E.U.A) e Thatcher (Reino Unido) o neoliberalismo se imiscuiu como princípio económico global tendo na queda do Muro de Berlim a vitória mais simbólica do capitalismo, “única” alternativa viável (ou como diria Fukuyama, assiste-se ao *fim da História* [Magalhães & Stoer, 2005: 51]).

²⁴ David Harvey (1989) denomina a esta nova faceta do capitalismo de *capitalismo desorganizado*, contemporâneo da época pós-moderna e posto em evidência com a atual *crise económica mundial*, crise económica essa, causada pelo endividamento imobiliário e especulação bolsista nos E.U.A., alastrada ao resto do mundo através da globalização como que um efeito dominó e/ou borboleta.

sob forma residual, em “competências” (Magalhães & Stoer, 2005). A gramática da flexibilidade e adaptabilidade surge neste contexto de precariedade.

A Internet, tendo o seu âmago nos avanços tecnológicos da Guerra Fria, surge também nesse contexto, sendo a década de 90, o período da sua utilização e os finais da década o período da sua massificação. Em pouco tempo a Internet passou a dominar sistemas de trabalho e a produzir outros (por exemplo, os *call centers*), os *media* e a informação e formas de sociabilidade (por exemplo, as amizades ou relações virtuais). As redes surgem neste contexto:

“Internet constituye atualmente a base tecnológica de la forma organizativa que caracteriza a la era de la información: la red. Una red es un conjunto de nodos interconectados. Las redes son formas muy antiguas de la actividad humana, pero atualmente dichas redes han cobrado nueva vida, al convertirse en redes de información. Impulsadas por Internet.” (Castells, 2001:15).

A rede social da Internet que tem vindo a ganhar a hegemonia nesse sentido é, sem dúvida, o facebook (2004) cujo criador é Mark Zuckerberg e que tinha como utilizadores principais os estudantes de Harvard, como se de uma rede interna se tratasse, mas rapidamente se tornou uma das maiores redes sociais a nível mundial, contando hoje com mais de 1 bilião de utilizadores.

Nas últimas décadas, tem-se assistido, certamente amparada por uma utilização massiva da internet e democratização dos meios de informação, a uma massificação no acesso e utilização da internet. O próprio trabalho educativo exige em certa medida o recurso a este grande domínio virtual. As redes sociais (nas quais podemos integrar por exemplo “o facebook”) surgem então no âmbito da criação de “sociabilidades virtuais” (Nicolaci-da-costa, 2005). Nesse sentido, as redes virtuais não são meios cálidos de troca de informação mas estão impregnadas de sentidos e subjetividades das pessoas que delas se apropriam e as manobram.

O facebook, assim como outras redes sociais, tem nos/as jovens os/as seus/suas principais utilizadores/as. De facto, a juventude tem sido reportada muitas vezes à inovação (McRobbie, 2005), o que também ilude o olhar social e negligencia os processos de infoexclusão e a segmentação juvenil (Os/As jovens rurais terão as mesmas possibilidades virtuais que os/as jovens urbanos/as?). Mas um argumento vem de Machado Pais que constrói o seu raciocínio na base dos futuros juvenis desfuturizados (a expressão é do autor). Como explica Pais, “As “realidades virtuais” permitem que em sociedades

dominadas por um desemprego juvenil estrutural, muitos jovens se envolvam em “alucinações virtuais”, “drogas virtuais”, “ociosidades virtuais”, “sociabilidades virtuais”, “aprendizagens virtuais” – enfim, realidades que não o deixam de ser simplesmente porque são virtuais.” (Pais, 2006: 12).

Tendo como ponto de partida esta ligação entre redes sociais (como o facebook) e a juventude, procurei, como estratégia inerente ao meu projeto de intervenção, a captação de públicos através da criação de uma página do facebook que desse conta, por um lado, das atividades desenvolvidas pelo Museu Quinta de Santiago e, por outro lado, que possibilitasse a partilha de sentidos e experiências desses/as jovens face a essas mesmas atividades. Em última instância, pode-se assumir que a ideia da criação de uma comunidade virtual juvenil não é desfasada, tendo em conta que as comunidades na atualidade não têm obrigatoriamente que assumir uma componente de partilha de um espaço físico (um dos critérios para definir “comunidade”²⁵), podendo este ser virtual, e portanto, podem-se converter em “comunidades imaginadas” (Anderson, 1991). Afinal, é o próprio sentido de pertença que se estabelece segundo códigos distintos, é a possibilidade de sair a qualquer momento sem ter de dar satisfação, que lhes retira laços de cumplicidade.

Para melhor compreensão do nosso trabalho, passaremos à definição de redes sociais e, que importância tem nos dias de hoje.

3.5.1. Definição de redes sociais

As redes sociais são espaços virtuais na internet, que possibilitam a partilha de dados e informações com diversos conteúdos, nas mais diversas formas, através de imagens, vídeos, arquivos, textos, etc. Nelas é também possível a criação de “salas de *chat*” (grupos de conversação); de “*blogs*” (locais onde se podem debater diversas temáticas, servindo também como jornal online); de grupos de interesse (*posts* de notícias, debates, encontros, conversas...), através de comunidade virtuais, em *sites* ou fóruns.

São várias as redes sociais que existem a nível mundial, a primeira surge em 1995, a “Classmates.com”. Muito popular nos Estados Unidos e no Canadá, tinha como objetivo

²⁵ A título de exemplo, Gomez e Freitas definem comunidade como a “(...) entidade social espacial determinada por um território e pelos seus habitantes, por uma estrutura social e códigos culturais singulares. É um espaço de vida onde se concretizam os problemas, as necessidades, os projetos e as esperanças de um amplo grupo de pessoas que, a partir da sua organização em diversas instituições, pretendem dar resposta aos desafios do seu meio” (Gómez & Freitas et al, 2007:132).

reunir grupos de pessoas que se conheciam desde o tempo de escola, chegou a ter mais de 50 milhões de utilizadores, hoje agrega mais de cem mil anuários escolares. Muitas foram as que se seguiram, enumeramos apenas as com mais impacto, como a “Cyworld” (1999), muito utilizada na Coreia do Sul; a LiveJournal (1999), muito popular na Rússia, esta rede foi pioneira na criação de *blogs* e diários pessoais; a “DeviantArt” (2000), a maior rede social artística *online*, serve uma comunidade voltada para os artistas e designers, que a usam para expor o seu trabalho e inspirar outras pessoas; a “Habbo” (2000), cria uma “sala de *chat*” direcionada para adolescentes acima dos 13 anos, mantém-se ativa até hoje; a “Fotolog” (2002), a primeira com *site* de partilha de fotos na *web*, está presente em mais de 200 países e tem mais de 100 mil fotos publicadas diariamente; o “LinkedIn” (2003), é a maior rede social voltada para os negócios e destinada a profissionais, está disponível em 17 idiomas, conta com mais de 225 milhões de utilizadores, com uma média de adesão de dois por segundo; “Orkut” (2004), criada por um engenheiro de interface no *Google*, tem mais de 30 milhões de utilizadores e é muito popular no Brasil; a “Flickr” (2004), focada em imagens e fotografia, permite partilhar fotos e álbuns, continua ativa até hoje; o “Facebook” (2004), atualmente é a maior rede social do mundo, tem mais de 1 bilhão de utilizadores; o “Twitter” (2006), conhecida como o maior veículo de informação em atividade no mundo, a tempo real, conta com mais de 517 milhões de utilizadores; e uma das mais atuais, a “Google+” (2011), foi lançada pela Google, tem muitas semelhanças com o Facebook, destina-se a maiores de 18 anos e contabiliza atualmente mais de 250 milhões de utilizadores.

Hoje contamos com inúmeras redes sociais, que vão surgindo todos os anos, para responder às mais variadas necessidades de uma sociedade de consumo, do tempo contado, que tanto valor atribui às redes sociais, muitas vezes através das quais fica a par das notícias do dia.

3.5.2. A importância das redes sociais nos dias de hoje

Vivemos numa sociedade em constante mudança, tão própria da globalização, marcada pelo aparecimento do rádio (1906), como meio de comunicação de massas, com programas públicos e serviço informativo, permitindo-nos saber o que se passava no mundo. Mais tarde surgiu a Televisão (1928), mas só na década de 50 chega a todo o mundo, revolucionando os meios de comunicação de massas pela capacidade de transmissão de imagem. Mais tarde e em plena Guerra Fria (1945-1991), surge a Internet,

da preocupação militar, se por motivos de ataque do inimigo ficassem sem meios de comunicação. Começa a ser usada nas décadas de 70 e 80, aquela que é considerada por muitos, como a maior criação tecnológica, como um meio de comunicação académico, onde professores e estudantes universitários trocavam ideias. Estávamos perante as primeiras comunidades virtuais, sendo somente na década de 90 que a Internet atinge a população mundial, ano em que o engenheiro Tim Lee desenvolveu a *World Wide Web* (WWW), possibilitando a criação de *sites* mais dinâmicos.

Percebemos que estas primeiras comunidades virtuais, que nasceram com a Internet, tinham interesses em comum, muito semelhantes às dos dias de hoje. Assistimos a uma rápida transformação social, a adesão a este novo sistema de comunicação dá-se em massa, pelas possibilidades de contactar com todo o tipo de informação a nível mundial, pela partilha de livros, jornais, bibliotecas, museus, música, imagem, sem terem de se deslocar do local físico onde se encontram, criando a “Sociedade da Informação e do Conhecimento, a Sociedade em Rede”. (Neves 2010:147). Mas como esta também é uma sociedade de consumo²⁶, a necessidade de adaptação por parte destes sistemas de comunicação é constante, numa busca pela saciação das vontades dos utilizadores, com criação contínua de novas ferramentas e serviços, entre elas surgindo as “redes sociais”. Embora já estivéssemos ligados numa grande rede, estas apresentam características mais específicas, centradas no indivíduo e na sua necessidade de pertença.²⁷

Para muitos as redes sociais são vistas como um mecanismo de exclusão social, fomentador de relações superficiais e irreais: “a nossa participação na chamada Internet é sustentada pela promessa de que ela nos possibilite em breve assumirmos ciberidentidades – substituindo a necessidade de algo tão complicado e fisicamente constrangedor como é a interação real” (Hall, in Neves, 2003:120). Para outros, desempenham um papel fundamental na comunicação, pois através de perfis, o comum cidadão ganhou voz e capacidade de influenciar outros, pelo rápido acesso à informação e pela capacidade de partilha dos “*posts*” por milhões de pessoas. É importante não esquecer que a Internet é um modelo sócio-técnico (Castells, 2001). Vejamos casos, como o da candidatura de Barack

²⁶ É um termo utilizado para designar o tipo de sociedade que se encontra numa avançada etapa de desenvolvimento industrial capitalista e que se caracteriza pelo consumo massivo de bens e serviços, disponíveis graças a elevada produção dos mesmos.

²⁷ Na Psicologia e segundo Maslow e a pirâmide das necessidades, o ser humano apresenta cinco níveis de necessidades, em primeiro lugar e na base da pirâmide encontram-se as necessidades fisiológicas, em segundo as de segurança, as terceiras e às quais nos referimos neste ponto as sociais, que se prendem com a necessidade de pertença por sermos seres sociais, pertencemos a uma família, a uma etnia, a um determinado lugar, a um grupo (etc), em quarto lugar a necessidade de estima e em quinto e no topo da pirâmide a necessidade de realização pessoal.

Obama em 2008, a sua “citizen-campaigning”, ou seja, “a new mode of mass involvement in politics that is more self-directing, spontaneous and socially-embedded, occurring largely outside of the formal structures at the local level” (Gibson, 2008:2), permitindo por exemplo, a 5,4 milhões de utilizadores do Facebook irem à página da campanha para seleccionar o botão, “I voted”, e as maiores doações para a sua campanha serem feitas através das redes sociais, arrecadando mais do que todos os outros candidatos juntos. Esta utilização das redes revolucionou o mundo da política. O caso do movimento contra a ditadura denominado de “primavera Árabe”, que começou na Tunísia em 2010 e rapidamente se espalhou para o todo Norte de África e países do Médio Oriente, foi despoletado pelo jovem tunisiano, Mohamed Bouazizi que ateou fogo ao próprio corpo como forma de protesto pelas condições de vida no seu país, dando início a uma série de revoltas que rapidamente se transformaram em mega protestos, organizados através das redes sociais, culminando com a queda de alguns regimes políticos dessas regiões. Há uns meses atrás o caso do Papa Bento XVI, aquando a sua renúncia feita em latim e traduzida por um jornalista, de imediato se tornou “virótica” na internet e alguns cardeais receberam a notícia através dos seus *smartphones* e, em poucas horas a Praça de São Pedro foi invadida por milhares de fiéis e jornalistas.

As redes sociais ocupam um espaço de grande relevância nos dias de hoje, mas para muitas pessoas ainda é difícil entender essa nova lógica: “ainda não está desvelado o fim e potencial dessas grandes redes sociais virtuais, mas sem dúvida elas afetam e promovem modos de relação” (Machado e Tijiboy, 2003). Relevância tanto mais aguda quando falamos de jovens e de uma relação possivelmente mais acrítica com estas mesmas redes. Para perceber de que modo as redes sociais afetam os jovens, tentamos perceber a relação destes com aquelas.

3.5.3. Como veem os jovens o seu relacionamento com as redes sociais

Outra das dinâmicas propostas pelas sessões de Focus Group, é que os jovens participantes falassem sobre as redes sociais, e o papel que detinham na vida quotidiana deles. Quando lhes perguntamos qual a primeira palavra que lhes vinha à cabeça quando falávamos no FB, eles responderam:

“Cusquice.” Miguel

“Invasão.” Amélia

“Inevitável.” José

“Comunicação.” Maria

“Social.” Vanessa

“Facilidade.” Verónica

“Social.” Carina

“Para mim é mais cusquice.” Beatriz

“Eventos.” Daniel

“Festas.” Alice

“Dependência.” Mário

“Eu queria dizer algo que tivesse a ver com privacidade ou a falta de privacidade, mas acabei por pôr desperdício, de tempo. Eu por exemplo continuo a ter facebook só para ter acesso ao grupo da turma, mas depois acabo por passar lá muito tempo, que podia no fim do dia ter aproveitado muito melhor.” Carla

Apesar da opinião de alguns se referir a “cusquices”, a “tempo perdido” e a “falta de privacidade”, todos eles passam grande parte do seu dia nas redes sociais, principalmente no FB, algo tão natural para jovens que nasceram “rodeados de instrumentos eletrónicos (...) que configuram a sua visão da vida e do mundo” (Pais et all, 2011:210).

“Não é só com o Facebook que perdemos tempo mas com outros sites, por exemplo, os sites de imagem.” Maria

“Sim. (risos) Eu não tenho FB e sou completamente viciada nesses sites.” Amélia

“Mas é sempre bom, pois podemos aprender algumas coisas com isso.” Miguel

“Sim, no FB Eu acho que é mais tempo perdido.” Amélia

“Eu acho que é meio meio, por exemplo, eu e a Verónica falamos muito na escola “até amanhã”, e eu já lhe disse que não é até amanhã mas sim até já, porque chegamos a casa e valos logo falar pró FB, e é bom, porque eu vejo uma imagem e digo, podíamos fazer isto e envio-lhe a imagem para ela ver, ela vê outra e manda-me, temos muitas ideias que trocamos ali através do FB, isso não é tempo perdido, mas também passamos, também lá passamos muitas horas à espera que algo aconteça, ou a ver se se passa alguma coisa.”
Maria

O Facebook e outras redes sociais permitem o contacto com o mundo e a rápida circulação de informação. As redes assumem assim uma forma de expressão por parte dos

jovens, de um modo livre e na partilha de ideias, um “meio de participação cívica e política” (Ribeiro, 2008:3), promotores de mudança, da participação em grupos com os mesmos interesses, ou na criação de movimentos e manifestações.

“O FB está associado e é uma maneira, não só mas para além disso, de encontrar pessoas, ficamos a saber de uma série de eventos e conhecemos páginas de artistas ou quem quer que seja, nós vamos conhecendo através do FB, porque o FB não é só para falar com amigos e cuscar, também serve como uma fonte de conhecimento, e hoje tem-se vindo a tornar cada vez mais como uma fonte de conhecimento e a deixar para trás aquela mais estilo Hi5, que era mesmo só para comentar as fotografias dos amigos e partilhar comentários, e também, porque no FB podemos partilhar ideias, imagens de sítios onde vamos, que podem ser interessantes para as outras pessoas, criando mudança na vida delas, passar uma mensagem ou algo que faça as pessoas pensar.” Carina

As redes sociais tornam-se uma ferramenta útil no dia a dia de fácil e imediata comunicação e de forma gratuita, possibilitando aos jovens estar sempre em contato com os seus pares e a par dos acontecimentos e a que muitos recorrem como uma forma de pesquisa e trabalho, mas que se pode tornar desagradável por rapidamente se perder a noção do tempo, o que seria para demorar 5 minutos dura 5 horas.

“...torna-se também muito uma ferramenta da qual nós nos tornamos demasiado dependentes, neste caso, eu acho, eu considero que embora seja uma ferramenta útil já não é a meu ver agradável, aqui não se junta o útil ao agradável, porque eu já dou por mim muitas vezes a abrir o FB e a dizer, bem eu vim cá fazer qualquer coisa, mas eu vou já fechar que é para não, não quero ficar dependente, não quero e não gosto de falar com as pessoas através de uma máquina, porque eu estou a teclar para o ecrã e não a falar com a pessoa...” Mário

“Eu tenho sempre o meu ligado.” Alice

“Eu também, sempre aberto.” Daniel

Demonstram uma consciência no que respeita à utilização dessa ferramenta que apesar de útil causa demasiada dependência, perda de tempo que poderia ser canalizado para outras atividades, assim como, na ligação pessoal, para Mário por comunicar através do ecrã assume um carácter impessoal. A Beatriz é a única jovem do grupo que não tem Facebook, considera que é um desperdício de tempo, referindo algum receio e não acreditar ser uma boa aposta a não ser para motivos profissionais.

“Eu escolhi a cusquice, porque não acho que as pessoas em geral não estão preparadas para aquilo que é o FB, um mundo virtualmente, culturas a mostrarem-se e ideias diferentes e as pessoas a respeitarem-se mesmo assim, Eu acho que não há capacidade ainda para isso e corre-se o risco de se darem mal se forem para lá (FB), Eu tenho mesmo má imagem do FB, eu acho que se for para lá, o que vou criar é um perfil para fins profissionais ou informativos, mas eu não tenho paciência para gerir aquele tipo de página, porque é como ele disse (Mário), acaba-se por se ficar lá muito tempo e eu não quero nada disso, por isso eu não tenho FB.” Beatriz

“Nós não gostamos mas passamos lá a vida!” Maria

“O FB é viciante.” Miguel

“Vou estudar para geometria e entretanto vou só ao FB 5 minutos...5 horas depois...” Maria

As redes sociais ganham cada vez mais espaço na rotina dos/as jovens, ocupam grande parte do seu dia, estão sempre ligados e em contacto com o mundo pois as redes sociais “São janelas abertas para o mundo ao qual todos acedem” (Postman, 1983in Pais, 2005: 63).

“Toda a gente passa lá a vida, as páginas têm cor e imagem. Se um museu tiver página de FB toda a gente vai poder saber o que lá acontece.” Verónica

“As imagens são sempre muito chamativas e o FB é bom por isso, porque tem muitas imagens, espetáculos, concertos, se uma pessoa seguir essa página e aparecer uma imagem que nos chame a atenção nós vamos ler a descrição, o que vai acontecer e quando vai acontecer.” Maria

“Eu às vezes vou sair e aquilo é horrível, porque as meninas passam horas assim a clicar no telemóvel, espera tenho de pôr aqui uma coisa...” Amélia

Os jovens têm consciência que gastam muito tempo nas redes sociais, mas referem não ser capazes de controlar essa situação, usam-nas com o mais variado tipo de fins mas essencialmente como forma de estarem conectados com o mundo. Esta relação assume um carácter natural na medida em que estes/as jovens são fruto da geração tecnológica, como tal, “a Internet assume nos dias de hoje um papel fundamental na vida dos jovens: eles estão à vontade com as novas tecnologias, no geral, e a internet é para eles um meio de comunicação entre pares e até uma ferramenta fundamental para o seu trabalho” (Ribeiro, 2008:2).

3.5.4. O uso das redes sociais como estratégia

O sentido atribuído às redes sociais pelos/as jovens, desencadeia opiniões referentes ao uso destas como estratégia na atração de público jovem aos museus. Pois hoje em dia, as redes sociais são usadas sobretudo, como uma ferramenta de extrema importância no mundo do marketing,²⁸ a sua finalidade é criar valor e satisfação ao cliente. E apesar de os museus serem “instituições sem fins lucrativos”, eles têm um caráter institucional ao serviço da comunidade, tem como tal a necessidade de criar valor, para a educação e deleite da sociedade. Por conseguinte, as redes sociais são um instrumento importante na conexão de cada indivíduo com o mundo.

“É através do FB que eu sei o que se está a passar ou quais são as atividades que se vão realizar, é isso, dá-me conhecimento dos eventos que se vão passar, que eu gosto e que possivelmente vou participar.” Daniel

“Eu hoje em dia não consigo viver sem FB, porque eu vejo o que vou fazer durante a semana toda pelo FB, eu tenho tudo sinalizado e ele (FB) avisa-me de tudo o que vai haver, é a minha agenda, e depois dependendo das pessoas com quem nos damos, agora há páginas mesmo das coisas e eles vão-nos convidando e postando lá a informação que nós gostamos, ou seja, mesmo coisas que nós não conhecemos e que vamos gostar eles vão lá e postam, e eu vejo e vou, depois as pessoas põem coisas relacionadas com outras que nunca vi e fico a conhecer ali, e podemos assim descobrir certas coisas mas principalmente os eventos, as páginas que aparecem, os grupos que se criam, por exemplo o grupo da turma e depois há grupos de outras coisas que te interessam.” Alice

As redes sociais que “para muitos são até o novo formato de diário pessoal” (Ribeiro, 2008:3), apresentam-se mais vantajosas do que os outros meios de comunicação, pois oferecem um canal de comunicação bilateral, diminuindo a distância que existe entre instituições e público. O uso das redes sociais pode ser uma mais-valia para os museus, quer pela importância das mesmas como já descrevemos antes, quer por aquilo que parece transparecer do discurso dos jovens como podemos ver mais adiante.

“Vou muito a Serralves porque é de graça, porque tem sempre exposições variadas, fazem workshops e feirinhas que me interessam e eu gosto de ir lá, também um pouco para conhecer, porque o ambiente é calmo, e quando estamos num dia assim mais atribulado é bom

²⁸ É o processo usado para determinar, que produtos ou serviços poderão interessar aos consumidores, assim como a estratégia que se irá utilizar nas vendas, comunicações e no desenvolvimento do negócio.

relaxar, e depois também temos o jardim, estamos ali rodeados de verde, o silêncio e é bom.”
Carina

“Por exemplo, Serralves em Festa são dois dias muito divertidos, também tem a ver com os amigos com que vamos, mas para além disso as atividades que eles têm lá e tudo são bastante interessantes e Eu gosto muito de lá ir, nem que seja só uma tarde, e este ano não sabia quando é que ia calhar e fiquei a saber através do FB porque apareceu lá o evento na página, e Eu fiquei a saber em que fim de semana era, eu já tinha pensado ir ao site ver mas nunca me lembro de ir ao site e o facto de estar no FB é só ligar o pc e vejo, senão passa-me ao lado, grande parte das vezes esqueço-me de ir aos sites procurar as coisas, e o FB está sempre ligado.” Carina

O facebook está sempre ligado, nos Pcs, nos telémoveis, dão conta dos acontecimentos, orientando os/as jovens para determinados espaços, porém é quase como se o que não está no facebook de facto não existisse, apenas o mundo que o facebook filtra. Os museus precisam “entender o novo cenário high tech e suas tendências é condição fundamental para garantir a relevância a partir desse momento pelas suas consequências nos ambientes expositivos mas também na interação com os públicos e no entendimento das suas necessidades” (Mendes, 2012:22). Se os museus tivessem mais presentes no FB, poderiam saber o que está a acontecer e programar ir lá.

“Há exposições que poderia ter ido ou ir, mas como não tenho conhecimento delas através do FB não vou.” Daniel

“Também não há muita gente a partilhar coisas dos museus, então nós nunca chegamos a ver.”
Alice

É preciso mudar “o nosso comportamento cultural através da criação dos avançados mecanismos de busca, das redes sociais e da forma de produzir e partilhar cultura” (ibidem:23). Pois se os museus tivessem uma presença mais assídua nas redes sociais, faria com que os visitassem mais vezes.

“Completamente.” Resposta de todos

“Podia saber o que havia e ir mais vezes...” Alice

“Claro.” Daniel

Outro facto curioso é a utilização do Facebook como uma vertente comercial, a Alice criou uma página profissional, onde promove e vende as suas criações artesanais.

“Depois podes por exemplo criar outras páginas, eu criei uma para vender as coisas que faço, é ótimo para divulgar.” Alice

“Isso é o avanço da tecnologia e não vai acabar.” José

Muito ao contrário dos/as jovens das gerações passadas marcadas por outras condições históricas como as guerras e as revoltas, os/as jovens da atualidade nasceram num período de globalização, vivem na era tecnológica em que as “identidades culturais são permanentemente reformuladas e representadas nas redes sociais” (Mendes, 2012:9). Como tal, o museu é desafiado a transformar a sua linearidade histórica, como condição de possibilidade para se tornar espaço de memória e identidade.

Pois as redes sociais são o gatilho que impulsiona a troca de informações entre amigos, familiares, colegas de trabalho e até mesmo desconhecidos, a uma velocidade nunca antes atingida por qualquer outra rede de partilha de informações como a rádio ou televisão. E mesmo aqueles que não têm Facebook ou qualquer outra rede anteriormente referida, têm um familiar ou amigo que tem uma e que troca informação com ele. Ou seja, as redes sociais estão direta ou indiretamente na vida das pessoas, sendo para muitos fundamentais. Assim sendo, as redes sociais são um instrumento valioso para os museus na atração de novos públicos, especialmente dos/as mais jovens, e outras instituições que querem promover o que são e o que fazem, através de uma página numa rede social, chegam à população de uma forma que por outros meios seria impossível. As redes sociais são como polvos, os seus tentáculos chegam a todos os lugares transportando novos interesses e novas tendências. E as instituições, se apanharem “boleia” nestes meios, poderão despertar interesses nos jovens, e não só, a um nível nunca atingido anteriormente, “talvez seja justamente através dos geeks que os museus encontrem uma rota de relevância e sustentabilidade no futuro” (ibidem:23).

A grande preocupação dos museus e dos serviços educativos é a atração de público, principalmente de jovens, a nossa foi compreender porque é que os/as jovens estavam tão afastados dos museus e intervir no sentido de uma aproximação. Foi neste âmbito que desenvolvemos o nosso projeto de intervenção “Faz-te ao museu” e o pusémos em prática num contexto de estágio através dos serviços educativos do Museu Quinta de Santiago.

Posto isto, é tempo de definir as estratégias metodológicas e os seus princípios que estiveram na base da nossa intervenção.

Capítulo II - Questões Metodológicas

1. Pressupostos epistemológicos

A fundamentação teórica apresentada em capítulo anterior do presente relatório mostra que o avanço da tecnologia trazido pela globalização provocou transformações a diferentes níveis nas sociedades mundiais. Este processo de mudanças desencadeia a necessidade de adaptação à nova realidade por parte das pessoas e das instituições. Dá-nos conta também da relação quase inexistente que os jovens têm com os museus, por falta de uma programação mais apelativa aos seus interesses e pela sua ausência nas redes sociais. Como tal os museus devem apostar numa vertente mais tecnológica e no desenvolvimento de atividades mais atrativas de modo a fazerem parte dos circuitos de lazer dos/as jovens. Podemos dizer que a nossa intervenção ao centrar a procura de modos de trabalho do serviço educativo nos próprios públicos e menos em “tecnologias institucionais”, produz diferentes modos de discutir a inteligibilidade deste tipo de serviços, aproximando-se do paradigma científico emergente ou pós-moderno, pela valorização do senso-comum como a forma de conhecimento mais importante, “pois é ele que, no quotidiano, orienta as nossas ações e a nossa compreensão da realidade” Boaventura Sousa Santos.

Ao longo dos séculos, o campo da investigação tem sido ocupado por equipas de autores que olham para a ciência de forma paradigmática, como produto ou criadora de divergentes realidades. Como Thomas Kuhn (1997) introduzindo a noção de paradigma, este traduz “diversas formas de ver o mundo e a realidade. Não é apenas um entendimento sobre a ciência e o pensamento científico, estrutura igualmente a forma de compreender a vida na sociedade” (p. 32).

Durkheim, a quem Boaventura S. Santos (2000) chama o pai da sociologia académica, teve como cuidado a definição do método e das aplicações desta nova ciência, e que os factos sociais deveriam ser o objeto da mesma. Por factos sociais entende-se os fenómenos no interior da sociedade, como objeto próprio, em que se incluem todos os acontecimentos humanos. A sociedade é um sistema de partes relacionadas entre si e qualquer parte só pode ser percebida como um todo, assim como no corpo humano, o conjunto de órgãos nos mantém vivos apesar de cada um ter a sua função (Durkheim e o princípio do funcionalismo).

Este projeto desenvolve-se tendo por base as ideias de Durkheim, é preciso visualizar todos os componentes que envolvem o objeto de estudo que posteriormente será intervencionado e, sem esquecer as diretrizes que Bourdieu apontou em “A Miséria do Mundo”, é importante escutar cada interveniente do processo para chegar aos grupos de maior e menor poder. Tentar compreender e mostrar o que acontece nas interações sociais

e como o ser humano reage ao invés de tentar provar porque motivos as pessoas agem de uma determinada maneira.

Com tudo isto, pouco a pouco, emerge um novo paradigma que se funda na crise do Paradigma Dominante. Acreditava-se que com a possibilidade da descoberta das leis da natureza, a descoberta das leis da sociedade pareciam alcançáveis, assim pretendia-se que “numa sociedade ela própria revolucionada pela ciência, o paradigma a emergir dela, não pode[ria] ser apenas um paradigma científico (o paradigma de um conhecimento prudente), te[ria] de ser um Paradigma Social (o paradigma de uma vida decente)” (Boaventura, 2001: 37), contemplando o indivíduo, a ação social, o quotidiano e outras manifestações das diversidades da vida social, através de uma abordagem a todos os acontecimentos, na tentativa de compreender os contextos em que ocorrem, orientando-nos para um Paradigma Compreensivo, refletindo sobre a realidade, demonstrando a possibilidade de responder a novos desafios. “O indivíduo e a sua ação são os elementos constitutivos das ações sociais” (Weber, 1913).

A lógica da ação centra-se nos sujeitos para quem esta intervenção foi delineada, importa por isso definir o porquê da escolha de jovens.

2. Porquê da intervenção com jovens

A intervenção com jovens, mais concretamente esta intervenção foi traçada por diversas razões, primeiro porque estamos num domínio de mestrado que nos guia para o campo das juventudes, da educação e da cidadania. Por outro lado, porque foi possível a realização de um estágio nos serviços educativos do Museu Quinta de Santiago. Por último, pelo conhecimento que tenho da relação dos jovens com os museus, potenciado por trabalhar com jovens num contexto escolar e também pela dificuldade que os museus têm em atrair público destas idades.

Ora se a preocupação é a atração do público jovem, a intervenção tem de ser traçada para e com eles, é preciso mobilizá-los para que atuem como agentes políticos e para que sejam parte do processo de mudança que tentamos implementar, pois “ao longo do seu desenvolvimento, os indivíduos constroem ativamente representações sobre a realidade social com base nas suas experiências de interação” (Carlson, Sroufe, & Egeland, 2004:81).

Hoje em dia quando pensamos em intervenção comunitária temos de ter em conta que o desenvolvimento humano e as suas ações estão ligados aos diferentes contextos em

que estão inseridos e com os quais se relacionam, e quais as estratégias que visam privilegiar o seu bem-estar. Segundo Mcmillan e Chavis (1986) cada contexto está relacionado com uma comunidade caracterizado por quatro componentes às quais os jovens se associam, sendo eles: a *pertença*, em que o jovem sente que tem direitos e responsabilidades específicas dentro desta; a *influência*, na comunidade e também o inverso; a *integração* e satisfação das suas necessidades, o jovem sente a partilha da sua visão por parte dos restantes membros e sente-se apoiado; e a *conexão emocional partilhada*, ligação emocional que os membros criam ao longo do tempo através da interação mútua em diferentes acontecimentos de cariz positivo ou negativo (Menezes, 2007:51).

Deste modo ao querer dar voz aos jovens, atribuímos-lhes um sentido de cidadania (pois entendemos ser esse o modo de afirmar mais plenamente as suas sociabilidades), “estatuto de que gozam aqueles que são membros plenos de uma comunidade. Todos os que possuem esse estatuto são iguais com respeito a direitos e deveres” (Marshall & Bottomore, 1992: 28-9), comportando várias dimensões como “participação democrática no enfrentamento e possível resolução de problemas, a expansão de direitos, preocupação com justiça social e com a pertença a uma comunidade, a importância do estado do bem estar e os custos desse mesmo estado, as obrigações daí resultantes” (Araújo, 2007: 83,84). Além disso, se o conceito de cidadania pressupõe uma efetiva participação e filiação numa dada comunidade (Marshall e Bottomore, 1992), “pressupõe também um reconhecimento comunitário dessa pertença” (Pais, 2004: 66).

Esta ideia de cidadania coexiste também com o seu pressuposto universalista moderno de que a cidadania deve ser aplicável a toda a gente, isto é, se ela é um conjunto de direitos e deveres logo esses direitos e deveres devem ser extensíveis a todos/as (independentemente e apesar de os jovens, pela sua condição etária, não usufruírem plenamente desses direitos e deveres), pretendendo assim proporcionar a estes sujeitos outros contextos de aprendizagem e interação que lhes proporcionem outras experiências (mas igualmente o seu reconhecimento num plano formal), visando assim a transformação de atitudes, individuais e coletivas.

3. Porquê da intervenção num contexto cultural

A intervenção surge de acordo com os objetivos do serviço educativo do MQS, pela sua dinâmica e diversidade na aposta educativa e no desenvolvimento de um programa

lúdico e pedagógico dentro e fora do museu e direcionado para diferentes públicos, dando particular atenção aos públicos escolares, apostando fortemente na didática e educação patrimonial, valorizando a história e manifestações artísticas do concelho (refúgio de poetas e pintores, local de veraneio e de moda da elite burguesa e intelectual), bem como o desenvolvimento de experimentações criativas que tocam o campo das artes plásticas e o contato com a natureza, com a realização de atividades ao ar livre nos jardins da Quinta, as quais requerem a educação para e pela arte. As diversas iniciativas surgem num processo dinâmico que acompanha o desenvolvimento do próprio conceito de função educativa, unanimemente reconhecida pelas instâncias internacionais como um dos principais eixos de atuação das instituições museológicas.

Para Durkheim (1978), numa perspetiva sociológica, “a educação tem por objetivo suscitar e desenvolver na criança estados físicos e morais que são requeridos pela sociedade política no seu conjunto” (p. 41) através das influências que meio social e cultural exercem sobre o sujeito. A Arte faz parte desse meio e, como Best refere “ a experiência artística é totalmente cognitiva e racional, e como tal envolve aprendizagem e compreensão como qualquer matéria no currículo, incluindo as denominadas matérias base-como matemática e ciências” (1996:7). Mas não devemos deixar que se confine apenas ao âmbito escolar, no domínio das disciplinas: grande parte dos jovens só frequenta museus aquando das visitas de estudo e quase sempre de acordo com as matérias curriculares das disciplinas.

Como tal o contato com a arte e a educação através de ações ligadas à cultura não se limita apenas à escola mas a todo um meio envolvente, propulsor de um pensamento divergente. Segundo o psicólogo Guilford (1950), é uma forma de pensamento original para resolver problemas, capaz de criar diversas respostas para um enigma, e que aceita diferentes opiniões, levando a que o/a jovem tenha outro olhar sobre os fatos sociais e as conjunturas do futuro enquanto adulto.

“A arte só pode melhorar a tua vida, porque a arte é importante para tu te redimensionares, te reposicionares, a arte tem um papel fulcral como que de terapia sabes, para a tua vida no dia a dia.” Técnica dos SE

A arte tem potencialidades capazes de transformar a vida do ser humano através do senso de estética, sensibilidade e criatividade que o contacto com a mesma desenvolve, possibilitando o encontro consigo mesmo e de si e com os outros, causando no indivíduo alterações nos modos de estar no mundo, vejamos o caso dos/as jovens que apesar de não

frequentarem museus convivem com outras formas de arte com que tanto se identificam, como por exemplo o hip hop e o grafitti.

4. Metodologia utilizada

Após a abordagem teórica na qual construímos a problemática, a definição dos objetivos do projeto e da explanação dos pressupostos epistemológicos onde assenta o nosso projeto de intervenção, é necessário definir os princípios dessa intervenção e quais as estratégias utilizadas ao longo dos diferentes momentos da intervenção.

Vemos este projeto como uma abordagem integrada e de longo prazo, como tal achamos que este projeto pode ser implementado em outros museus. E porque além de procurar envolver, não só os/as jovens no projeto, procura também envolver a população em geral através de uma cooperação entre instituições. No nosso caso, por exemplo, contamos com o envolvimento da Escola Secundária Augusto Gomes, com escolas de surf, de capoeira, de Jiu-jitsu, com a *matosinhos sport*, entre outras, que de certa forma se envolveram no projeto e desenvolveram parcerias que visavam o desenvolvimento dessas instituições e do concelho onde estão inseridas.

Partimos do princípio de que se o grande objetivo dos museus é atrair público jovem, faz todo o sentido que esses/as jovens sejam parte integrante do processo, estando assim subjacente o princípio do empoderamento, atacar as causas e não os sintomas, atribuir liberdade aos/às jovens para que façam parte ativa da sociedade em que vivem.

A intervenção pressupõe que uma vez definidos os objetivos há que definir as práticas necessárias para os atingir, Menezes diz “trata[r]-se de colocar o saber profissional ao serviço da comunidade, o que implica conhecer e dominar estratégias de intervenção – é, em última análise, este conhecimento que legitima o nosso envolvimento na intervenção comunitária”. (2007:71)

4.1. Estratégia Metodológica – Princípios da intervenção

No surgimento da intervenção comunitária, os modelos de intervenção eram centrados no indivíduo e no seu desenvolvimento. Martin Baró (1986) afirmava que estes modelos pretendiam “ (...) fortalecer, direta ou indiretamente, as estruturas opressivas ao desviar a atenção... para fatores individuais e subjetivos” (in Menezes, 2007:36), e, apesar

de ser reconhecida como adquirindo alguma importância, a influência da qualidade dos contextos de vida no desenvolvimento humano sempre apresentou um valor diminuído.

Mais tarde, na década de 60, surge o conceito de psicologia comunitária que defendia uma intervenção mais alargada e mais próxima dos contextos de vida das pessoas, pois compreendia-se que “as interações entre as pessoas e entre estas e os contextos de vida também são realidade psicológica em movimento” (Campos, 1988, in Menezes, 2007: 38). Assim, promove-se uma expansão na intervenção com o trabalho direto não só com as pessoas, grupos de pares, famílias, mas também, com os grupos sociais, as instituições e as comunidades (Menezes, 2007: 38).

Com esta evolução surge uma metáfora ecológica que atribui ênfase à interação entre os indivíduos e os múltiplos contextos em que estão inseridos. Bronfenbrenner, ao estudar a evolução das crianças em diferentes contextos socioculturais e em diferentes momentos históricos, identificou cinco ecossistemas que estão na base do desenvolvimento humano. A relação da criança com os diferentes contextos em que se encontra inserida (família, escola, grupo de pares) formaria o Microsistema. O Mesossistema integraria a relação que os diferentes contextos, em que a criança está inserida, teriam entre eles (família vs escola). O Exossistema refere-se à influência, sem envolvimento direto, que uns contextos têm sobre os outros na tomada de decisões. Os valores, padrões culturais, crenças de cada criança estarão contidos num sistema mais alargado denominado Macrossistema. Por fim, o Cronossistema diz respeito às mudanças históricas influenciadoras no desenvolvimento. Compreender de que forma se pode intervir a todo o nível sistémico permite resultados mais benéficos para o jovem e a sociedade em que se integra. O desenvolvimento resulta da ação do sujeito na direção de uma auto-organização mais complexa e integrada que influencia a capacidade deste para ultrapassar crises caso elas existam.

Hoje em dia quando pensamos em intervenção comunitária temos de ter em conta que o desenvolvimento humano e as suas ações estão ligados aos diferentes contextos em que estão inseridos e com os quais se relacionam estratégias que visam privilegiar o seu bem-estar. O sentido de comunidade tem sido associado de forma positiva ao bem-estar, ao apoio social, ao ajustamento pessoal, à satisfação com a comunidade e ao empoderamento, que será abordado mais à frente.

Um outro conceito que tem sido relacionado aos acima referidos é o de capital social. Este remete-nos para as características das estruturas sociais que facilitam a ação nomeadamente a confiança, ou seja, crença em que normalmente as pessoas que nos

rodeiam são dignas de confiança; as redes sociais densas, resultantes da oportunidade de interação social envolvendo estruturas formais ou atividades de socialização informal; e, finalmente, as normas de reciprocidade, associadas à crença na justiça procedimental em que a cooperação é valorizada como estratégia para gerir conflitos (Menezes, 2007:54). No entanto é reconhecido que o acesso ao capital social não é igualitário, em particular nas redes sociais, sendo afetado por variáveis como o género ou a etnia.

“O desenvolvimento e a ação não são apenas individuais, mas [...] os grupos sociais, as instituições e as comunidades, são também autores no processo de produção de significados e de implementação de projetos de ação sendo desejável intervir no sentido da sua capacitação e empoderamento” (Menezes, 2007:36).

O conceito de empoderamento parece ser uma ferramenta importante no desenvolvimento de uma intervenção. Rappaport (1981) afirma que o empoderamento é o “ (...) processo pelo qual os indivíduos, as organizações, e as comunidades ganham mestria ou controlo sobre as suas vidas e participação democrática na vida das suas comunidades” (in Menezes, 2007:57). Apesar de toda a controvérsia criada à volta deste conceito (Saranson 1993, Montero 2004), Zimmerman (1995) tem vindo a desenvolver um trabalho que pretende clarificar os aspetos relacionados com o Empoderamento, evidenciando que este é composto por três níveis. Num primeiro nível, o Individual, o empoderamento psicológico integra as perceções de controlo, consciência crítica e participação comunitária; no nível organizacional, somos remetidos para as estruturas e processos que habilitam a participação dos membros e a eficácia da organização; por último, o nível comunitário, refere-se às ações dos membros para melhorar a qualidade de vida da comunidade e a relação entre instituições (in Menezes, 2007: 57/58).

O empoderamento parte da ideia de dar às pessoas o poder, a liberdade e a informação que lhes permitam tomar decisões e participar ativamente na sociedade em que estão integradas. Para isso é necessário criar diferentes condições que respondam às necessidades de cada grupo e só assim poderemos ter uma intervenção que potencie o bem-estar das mesmas, sendo que um trabalho conjunto com diferentes profissionais num movimento transversal a toda a sociedade se torna fundamental.

4.2. Opção metodológica – Abordagem qualitativa

A nossa intervenção foi construída assente numa metodologia qualitativa, que depende da compreensão teórica e metodológica, que permite a variabilidade de resultados.

As investigações qualitativas privilegiam, essencialmente, a compreensão dos problemas a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação, interessando-se mais pelos processos do que pelos produtos (Bogdan e Biklen, 1994). Trazem-nos o olhar do sujeito sobre uma determinada realidade, que assoma da experiência e de uma apropriação de conhecimento, que são muito pessoais. Ainda que muitas vezes com caráter de “lugar-comum”, estas histórias pessoais permitem uma reflexão sobre os fenómenos em análise, resultantes da riqueza do produto criado.

A pesquisa qualitativa recorre a uma grande variedade de técnicas de recolha de informação como experiência pessoal, história de vida, estudo de caso, observação, entrevista, textos históricos, interativos e visuais que relatam rotinas, preocupações e significados da vida das pessoas. Essas informações recolhidas permitem a reflexão e compreensão de “significados, sistemas simbólicos e de classificação, códigos, práticas, valores, atitudes, ideias e sentimentos” (Dauster, 1999:2). Portanto a escolha das ferramentas a utilizar depende das estratégias, métodos e recursos (físicos e materiais) disponíveis, em função do desafio a que nos propúnhamos e em constante adaptação aos contextos, pois os investigadores qualitativos estudam os fenómenos nos seus contextos naturais (Nelson et al.1992).

Como tal, com vista à concretização dos objetivos, seleccionámos para a recolha de dados, técnicas diretas e indiretas e interativas e não interativas, como, a entrevista, o Focus Group, registo fotográfico, e do relatório de resultados dos inquéritos institucionais, como recolha de dados de análise e fundamentação concreta. Manipulamos os dados obtidos em diferentes momentos do relatório e de acordo com as necessidades.

4.3. Procedimentos metodológicos de recolha de dados

Numa primeira fase realizamos uma entrevista à técnica fundadora do serviço, na qual esta partilha as suas preocupações relativamente à atração de públicos jovens, foram uma mais-valia para traçar a nossa intervenção. Num segundo momento, preocupados em melhor orientar a intervenção realizamos duas sessões de focus group, e numa fase final realizamos entrevistas e uma sessão fotográfica. A utilização destas técnicas permitiu uma ampla recolha de dados, originando documentos que apoiam e fundamentam o desenvolvimento e os resultados do nosso trabalho.

4.3.1. Entrevista

Segundo Bogdan e Biklen (1994:134), “uma entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo”. Ou seja, permite aceder aos significados que as pessoas atribuem às coisas e às situações, de acordo com o que refere Quivy e Campenhoudt (1992:195) “os seus próprios quadros de referência – a sua linguagem e as suas categorias mentais”.

Pardal e Correia (1995:64), sustentam que a entrevista é uma técnica de recolha de dados de larga utilização na investigação social que possibilita a obtenção de uma informação mais rica. Portanto recorremos a dois tipos de entrevistas em momentos diferentes. Num primeiro momento e em fase de diagnóstico, como já referido anteriormente, recorremos à entrevista semiestruturada, por ser um meio-termo que se situa entre a inflexibilidade da estruturada e a informalidade da não-estruturada. Foi feita apenas uma entrevista, à técnica fundadora dos Serviços Educativos, com o objetivo de recolher informação referente à criação do serviço, das suas linhas de ação, e dos objetivos presentes na captação de novos públicos, especialmente de público jovem. Permitindo ao entrevistador guiar a entrevista para que o discurso do entrevistado flua naturalmente e com alguma abertura, os autores afirmam que, “o questionamento do entrevistador vai surgindo, de modo tão natural quanto possível, com precisão e sentido de oportunidade. A intervenção do entrevistador tem como finalidade encaminhar a comunicação para os objetivos da entrevista, sempre que o discurso se desvie das intenções da investigação” (ibidem:66). Numa fase final dos trabalhos, e em jeito de avaliação de resultados da intervenção, fizemos entrevistas centradas: “a entrevista centrada tem por objetivo analisar o impacto de um acontecimento ou de uma experiência precisa. O investigador dispõe de uma lista de tópicos precisos a abordar” Quivy & Campnhoudt (1992:192). Foram realizadas 30 entrevistas aos jovens visitantes ao longo do dia da realização das atividades em que a intervenção propunha.

Todas as entrevistas foram orientadas respeitando um guião, anteriormente definido e contendo os principais pontos ligados à problemática. Procuramos fazer todas as questões que constavam do guião mas de uma forma flexível, nem sempre pela ordem definida mas de acordo com o desenvolvimento da própria entrevista.

4.3.2. Focus group

“O *focus group* é uma técnica qualitativa que visa o controlo da discussão de um grupo de pessoas, inspirada em entrevistas não diretivas” David L. Morgan (1997), como tal, escolhemos o focus group com o intuito de fazer um levantamento sobre a relação existente entre os/as jovens, os museus e as redes sociais, esta técnica permitiu o desenvolvimento de debates sobre a temática em questão.

É um modo de entrevista, neste caso seletiva e focalizada num pequeno número de temas-chave, com o fim de obter respostas relacionadas com o objeto de estudo e no qual vamos intervir. Usado nas mais diversas áreas, é importante pela recolha de informação que nos proporciona e por permitir uma construção coletiva ou em grupo da complexidade e diversidade interpretativa de determinada temática.

Realizamos no início do estágio²⁹, duas sessões de focus group, com os jovens alunos, da turma de artes, da Escola Secundária Augusto Gomes, que participaram no nosso projeto de intervenção, os quais foram divididos em dois grupos, um de 6 alunos e outro de 7. Estas sessões tiveram lugar na sala de aula de desenho, em tardes em que não havia aulas.

4.3.3. Inquéritos da instituição

Outro dos métodos utilizados, foram os inquéritos que a instituição fez e disponibilizou, assim como o relatório da avaliação de resultados destes. Esses inquéritos foram passados no dia da realização das atividades que a intervenção propunha. Usamos o relatório para analisar os resultados da ação.

Um questionário é um instrumento de recolha de dados, tem por base um conjunto de perguntas a serem aplicadas a uma amostra representativa do grupo que se pretender estudar, os dados recolhidos permitem, através da análise estatística a produção de resultados quantificados. Quivy e Campenhoudt dizem-nos que este método consiste “em colocar a um conjunto de inquiridos, geralmente representativo de uma população, uma série de perguntas relativas à sua situação social, profissional ou familiar, às suas opiniões, à sua atitude em relação a opções ou a questões humanas e sociais, às suas expetativas, ao seu nível de conhecimentos ou de consciência de um acontecimento ou de um problema” (2003:188). Neste caso, os inquiridos foram os próprios visitantes e o acontecimento foram

²⁹ O estágio começou logo no início do mês de outubro mas a sua aprovação oficial, por questões institucionais, só aconteceu no final do mês de janeiro, princípio de fevereiro, altura em que foi possível dar início aos trabalhos, portanto as sessões de focus group realizaram-se no mês de março e de acordo com a disponibilidade dos grupos.

as próprias atividades organizadas ao longo do dia da intervenção. Foram inquiridas 20 das pessoas 350 pessoas que visitaram o museu nesse dia. os dados destes inquéritos foram tratados pela instituição, que nos facultou a posteriori os resultados em forma de relatório.

4.3.4. Fotografias

A escolha deste método atribui-se à sua abordagem mais qualitativa, mas também por ser um instrumento de análise mais apelativo e que mais se aproxima da realidade, ilustrando bem quais os resultados a que nos propúnhamos chegar. A fotografia é uma técnica de excelência da investigação-ação, na medida em que se converte em documentos de prova da conduta humana com características retrospectivas e muito fiáveis do ponto de vista da credibilidade. A fotografia é o registo de uma determinada realidade, é a representação de um acontecimento ou situação. R. Barthes: “Toda fotografia é um certificado de presença”. “...a fotografia é um recorte da sociedade ou de um facto, situação...” é um instrumento de recolha de dados, mas neste caso, pressupõe uma análise dos seus conteúdos que transcende a estrita documentação do real.

Realizamos uma sessão fotográfica, dos visitantes e das atividades em que participaram, ao longo do dia da realização das atividades que a intervenção propunha.

4.3.5. Análise de conteúdo

A análise de conteúdo consiste no processamento das informações existentes nos documentos elaborados nas diferentes técnicas de recolhas de dados, procurando resultados para as nossas questões de partida, tais como: as notas de terreno, registadas num primeiro momento e aquando da nossa observação; o registo dos focus group, debates dos grupos de trabalho sobre a problemática e questões inerentes; das entrevistas, à fundadora do SE, das entrevistas feitas aos jovens visitantes no dia das atividades; do relatório dos inquéritos institucionais onde consta informação sobre a visita, e ainda de fotografias, que registam os resultados da nossa intervenção. Parte destes documentos são uma larga amostra do que os sujeitos pensam, porem outros não são mais do que detalhes factuais. O facto de utilizarmos diferentes métodos de recolha de dados, permite-nos recorrer a diversas perspetivas sobre um mesmo tema ou situação, comparar dados e informações díspares.

Capítulo III – Descrição e análise do Trabalho desenvolvido

1. Apresentação do projeto de estágio – “Faz-te ao Museu”

Como já referido anteriormente o projeto de intervenção em contexto de estágio “Faz-te ao museu” surgiu com o objetivo de atrair mais jovens aos museus, pretendia mobilizar os jovens a partir de contextos e modos de comunicação que fazem parte dos seus quotidianos, através da participação ativa numa rede social, Facebook, desenvolvendo estratégias para a atração de outros/as jovens e da partilha de conhecimentos.

Então e dentro de uma dinâmica promovida pelo Museu Quinta de Santiago, passaremos à apresentação da envolvência do contexto e do que se prende com os objetivos traçados. A afluência dos/as jovens ao museu e aos movimentos culturais do MQS é parco e pretende-se sensibilizar os/as jovens para a necessidade de se relacionarem com os museus da sua residência, aplicando os seus conhecimentos e a construção da sua identidade. Foi para essa finalidade e com vista a colmatar esta falha que tentamos, através de uma rede social, o facebook, captar atenções e fomentar as visitas dos/as jovens participando ativamente na vida do museu.

A nossa preocupação guiou a construção da intervenção dirigida a um público juvenil, e traçamos a intervenção com base nos seguintes objetivos.

1.1. Objetivos

1.1.1. Objetivos gerais

- Dar a conhecer o MQS e as suas atividades;
- Promover a participação dos/as jovens na vida do MQS;
- Aumentar a percentagem de público jovem que visita o MQS;
- Levar os/as jovens a contribuir com ideias e atividades desenvolvidas pelos próprios no MQS;
- Fomentar o uso das redes sociais para o constante envolvimento e participação nas atividades do MQS.

1.1.2. Objetivos específicos

- Valorizar o conhecimento promovendo a ligação com as ofertas educativas do MQS;
- Sensibilizar e motivar para as temáticas da arte, da arquitetura, do ambiente e da cidadania;

- Partilhar conhecimentos, emoções e valores, que estimulam uma aproximação crítica e criativa à cultura, através de uma atitude lúdica de descoberta e participação individual;
- Estimular a identidade própria de cada jovem, através da criação ou interpretação artística;
- Promover o desenvolvimento enquanto pessoa, e nos aspetos da vida social e educativa.

1.2. Atividades

No planeamento da intervenção foram pensadas e desenhadas algumas propostas que a nosso ver faziam sentido na captação do interesse das/os jovens, propostas que surgiram numa fase inicial, quando o projeto ainda se encontrava a incubar. Com a ida para o terreno, houve uma consciencialização do que seria possível ou não realizar, quer pelas questões ligadas ao espaço físico, aos recursos humanos e financeiros, mas também pelo contacto com as/os jovens, que nos mostraram quais os seus verdadeiros interesses, assim como, o que na perspectiva deles seria mais atrativo.

A ideia seria que essas propostas se fossem realizando ao longo do período de estágio, mas o serviço educativo e a direção do mesmo, achou mais pertinente que fossem reunidas todas as propostas e apresentadas num só dia. Como tal foi-nos sugerido o dia 18 de maio de 2013, por se tratar do Dia Internacional dos Museus, e também nesta caso da noite nos museus, pensada como uma boa data e de peso na atração de mais público, mais concretamente de publico jovem, e também, por se pensar que o nosso projeto se enquadrava no tema escolhido para este ano, “Museus, (Memória + Criatividade = Mudança social)”.

Aceitamos a ideia e fomos então fazendo as adaptações necessárias, porém algumas das propostas mantiveram-se e foram aplicadas no decorrer dos meses de estágio, tais como:

- A criação de grupo na página do Facebook do MQS, gerido pela estagiária Cristina Cardoso e com a participação dos/as Jovens estudantes de uma turma de 12ºano de Artes da Escola Secundária Augusto Gomes, concelho de Matosinhos, no qual estes iriam colocar propostas de atividades a ser desenvolvidas no MQS.
- Realização dessas atividades no MQS por esse alunos/as em conjunto com outras atividades propostas pela estagiária, ao longo do tempo de estágio.

Pensamos em:

- Disponibilizar na página do Facebook do museu essas propostas para que os/as amigos/as do MQS possam votar nas melhores ideias a realizar. (apesar de inicialmente aceite, não se chegou a realizar).

1.2.1. Propostas/Desenvolvidas

Elaboramos um quadro com as propostas de atividades, as pensadas inicialmente e as desenvolvidas no dia 18 de maio.

Atividades Propostas	Atividades realizadas
Contador de Histórias	Conta-me Histórias
Concerto de banda de música, composta por jovens do Concelho de Matosinhos	Concertos de 3 bandas de jovens do concelho “Grito!/The Flux/The Gypsies”
Sessão de yoga no jardim	Yoga no jardim
Projeção de fotografias do Museu e do Concelho	Projeção de fotos mas apenas do MQS e do espaço envolvente
Workshop de dança	Atuação de Hip hop* ₁
Workshop cupcakes	Ateliê de transformação de roupa
Workshop de Língua Gestual Portuguesa	Ateliê de personalização de Pins
Parceria com Teatro Reator – Leitura de peça de Thomas Back	Visita especial ao MQS traduzida em Língua Gestual Portuguesa* ₁
Exposição de obras elaboradas pelos alunos com quem trabalhamos* ₂	Capoeira – demonstração e participação
Atuação de um grupo de teatro da Escola Secundária Augusto Gomes* ₃	Pedipaper noturno
Pintura facial* ₄	Acampamento noturno nos jardins do museu
Mural em papel de cenário* ₅ (onde era possível deixar uma mensagem, seria afixado à entrada do jardim)	Reciclagem de lonas usadas (pintadas pelos jovens alunos) para publicitar o dia
	Construção de gaivotas de gesso para a decoração do jardim
	Presença de DJ com música ambiente
	Atuação de Jiu-jitsu

*1 Ambas as atividades não foram realizadas, o Hip hop porque o grupo não compareceu, e para a visita traduzida em LGP também não se realizou, apesar de termos enviado convite para diferentes instituições ligadas à surdez, nenhum surdo compareceu.

*2 Não foi possível reunir as obras e nem dispúnhamos de espaço para as expor.

*3 Não foi possível a realização da atuação porque um membro do grupo se encontrava fora, de modo que não havia tempo para ensaiar uma peça nova, nem substituir a atriz em falta.

*4 Não dispúnhamos de dinheiro para a compra das tintas e restantes materiais.

*5 Não foi possível por razões climatéricas.

1.2.2. Limitações

Durante a realização do estágio e a implementação do projeto de intervenção deparámo-nos com constrangimentos e limitações, sobretudo porque estávamos dependentes dos contextos e dos intervenientes.

Relativamente às/aos jovens alunas/os participantes, que foram peça fundamental na realização deste trabalho, e apesar do interesse e disponibilidade demonstrados, em alguns aspetos foi complicado o avanço dos trabalhos, pois estivemos sempre dependentes dos seus tempos livres, já que se encontravam a maior parte do tempo em aulas, a realizar atividades para a escola e a prepararem-se para os exames.

Outro aspeto que importa referir diz respeito a estarmos dependentes da boa vontade de todos os participantes, já que todas as atividades desenvolvidas foram em regime de voluntariado, quer por não termos dinheiro mas também para demonstrar que é possível realizar eventos deste género, gratuitamente, basta que estejamos abertos a dar oportunidades aos jovens.

As dificuldades encontradas não se prenderam só com os recursos humanos, mas também, com os institucionais. Relembro que o SE e o MQS pertencem à autarquia, o que obriga a que haja uma responsabilidade acrescida sobre os acontecimentos e as ações. Uma das ideias principais era colocar o MQS nas redes sociais, mais especificamente no facebook, mas quando chegámos ao local de estágio tomamos conhecimento que já existia um página do FB pertencente ao MQS, então a ideia passou a ser: criar mais conteúdo e valor na página do museu, potenciando movimento, chegando assim a mais públicos, especialmente aos jovens e ainda um grupo privado composto pela estagiária e os /as jovens participantes funcionando como um local de debate e apresentação de propostas. Para tal dispus-me a fazer uma formação na área das redes sociais e dos museus, pois munida dessa ferramenta entendi que estaria preparada para levar a cabo o que tinha

proposto. Depois de alguma relutância, aliada aos receios da instituição, pois é do senso comum o poder das redes sociais, lá tive a aprovação, mas com algumas limitações, só determinados conteúdos podiam ser postados, e antes de o serem teriam de passar pela aprovação das chefias, atrasando o processo; as redes sociais funcionam no imediato, não podemos adormecer ou então falar de notícias com dias de intervalo. Até porque, quanto mais convivía com os jovens alunos, melhor percebia o peso que o FB tem na sua vida, e através do qual muitos organizam o seu dia e a sua semana.

Outra questão importante, diz respeito ao processo protocolar para a realização do estágio, que a meu ver, alterou o rumo dos acontecimentos e a implementação da intervenção. Apesar de ter iniciado o estágio no início do mês de outubro de 2012, foi só no início do mês de fevereiro de 2013 que tive a aprovação oficial para a realização do mesmo, ora seria neste mês que supostamente ele estaria a terminar, levando a que o contato com a escola e respetivamente com as/os jovens alunas/os com quem trabalhamos, se realizasse a partir do momento em que o protocolo foi assinado, fim de janeiro, embora só se tenha tornado oficial depois do pedido formal da faculdade, para a realização de estágio, que deveria ter ocorrido antes e não depois da aprovação protocolar. Esta situação foi da responsabilidade das duas instituições, do gabinete de pós-graduações pelo atraso na elaboração dos documentos, pelos erros presentes nos documentos iniciais, que necessitaram ser reformulados, e da parte da Câmara Municipal de Matosinhos, pelo processo burocrático moroso, para a aprovação de um estágio, que já tinha sido pré-aprovado meses antes.

Para a realização das atividades inerentes ao nosso projeto foi-nos proposto um dia e um local específico. Nenhuma das atividades propostas pelo grupo de trabalho foi realizada dentro do espaço físico do museu, tendo lugar no jardim e no espaço Irene Vilar, os/as visitantes passaram a maior parte do seu tempo nessas atividades, esta situação afastou os jovens do museu pela falta de identificação com o espaço.

1.3. Cronograma das tarefas

Datas:	Tarefas:
12-09-2012	Contato com a orientadora do terreno para marcação de reunião, com o intuito de dar início ao estágio.
19-09-2012	Reunião com a orientadora nos SE, definição de data para início de estágio e de horário.

01-10-2012	Início do Estágio.
28-01-2013	Participação no debate “Redes sociais em Museus”, realizado no Mosteiro de Tibães em Braga.
31-01-2013	Contato com a Escola Secundária Augusto Gomes, para pedido de colaboração.
02-02-2013	Elaboração de sessão fotográfica no MQS
05-02-2013	Reunião na Escola, com a orientadora e a Professora responsável por nos receber e por fazer chegar o pedido e o projeto à direção da Escola.
05-02-2013	Pedido de colaboração aprovado pela direção da escola.
15-02-2013	Entrevista à técnica fundadora dos SE CB.
25-02-2013	Participação no debate “Serviços educativos em espaços culturais: o que procuram os públicos”, realizado no Mosteiro de Tibães em Braga.
27-02-2013	Primeiro contato e apresentação do projeto à turma.
06-03-2013	Criação do grupo “Faz-te ao Museu” no FB, criado com espaço de debate para as/os jovens alunas/os, apresentação de propostas, partilha de ideias, agendamento de encontros.
06-03-2013	Realização de focus group, com o primeiro grupo.
13-03-2013	Realização de focus group com o segundo grupo.
20-03-2013	Visita das/os jovens alunas/os ao MQS, para conhecerem o espaço.
27-03-2013	Brainstorming com as/os jovens alunas/os, sobre possíveis propostas.
10-04-2013	Reunião para definir quais as propostas mais viáveis.
17-04-2013	Encontro com as/os jovens alunas/os no museu, para levantamento das necessidades referentes às atividades propostas.
23-04-2013	Apresentação das propostas das/os jovens à direção dos SE.
24-04-2013	Encontro com as/os jovens alunas/os no museu, início da construção das gaiivotas e da pintura das lonas.
01-05-2013	Pintura da primeira lona, com a publicidade e parte da programação já aprovada para o dia 18 de maio.
02-05-2013	Afixação de lona na Escola Augusto Gomes.
02-05-2013	Pedido de colaboração da Escola de Surf “SurfAventura”, que patrocinou aulas de surf como prémios ao grupo vencedor do pedipaper.
08-05-2013	Conclusão da pintura da segunda lona, afixada num mupi urbano.
18-05-2013	Dia e noite Internacional dos Museus, realização das atividades selecionadas.
19-05-2013	Entrega dos prémios, aos vencedores do pedipaper.

22-05-2013	Reunião com as/os jovens alunas/os para balanços das atividades e entrega dos certificados de participação.
31-05-2013	Reunião com a orientadora no terreno, balanço das atividades e do estágio.

1.4. Descrição e análise das tarefas

Das tarefas realizadas ao longo do período de estágio as que mais se destacam, no e para o desenvolvimento do nosso projeto são as anteriormente referidas, contudo o estágio permitiu participar em outras atividades ligadas ao museu.

O contato com a orientadora do terreno para marcação de reunião, com o intuito de dar início ao estágio, foi realizado por email, pois já tinham ocorrido reuniões anteriores à data, para conhecer o MQS, o SE e as/os técnicas/os de ambos os serviços, perceber o funcionamento e falar do projeto. Na conversa via web e de acordo com a disponibilidade da orientadora, marcamos reunir no dia 19 de setembro. No dia combinado reunimos, nos SE, para definir o início do estágio e o horário de trabalho, assim como, a apresentação escrita do projeto de intervenção que tínhamos proposto.

Dia 1 de outubro inicio oficialmente o estágio, reunimos com todas/os as/os técnicas/os, para apresentação do projeto, para dar conta de horários, partilhar informações referentes ao SE, troca de contatos e apresentação do funcionamento do serviço. Durante os três meses seguintes, período sem protocolo, serviu para observação, recolha e leitura de documentos referentes ao SE e ao MQS, e participação das atividades desenvolvidas pelos técnicos.

Em janeiro de 2013, surge a oportunidade de participar no debate “Redes Sociais em Museus”, realizado no Mosteiro de Tibães em Braga, onde se partilharam, sensibilizaram e debateram algumas das preocupações dos museus e respetivos SE, pelas questões das redes sociais e da posição que ocupam hoje no mercado, bastante importante para o nosso trabalho. A 25 de fevereiro foi a vez do debate: “Serviços educativos em espaços culturais: o que procuram os públicos”, interessante pelas perspetivas partilhadas pelas/os diferentes convidadas/os, técnicas/os de SE, professores, diretoras/es de museu, etc.

Após assinatura de protocolo pudemos finalmente começar a trabalhar na implementação do projeto, portanto no dia 31 de janeiro entramos em contacto com um pedido de colaboração à Escola Secundária Augusto Gomes. Todos os contactos e conversas nesse sentido foram efetuadas por email.

Uma das propostas de atividade era uma exposição fotográfica, do MQS e do concelho de Matosinhos, promovendo o que de mais belo e interessante tem o concelho. Não tendo sido possível organizar uma exposição de fotografias artísticas do MQS e espaço envolvente, fizeram-se em alternativa duas sessões fotográficas, uma no dia 2 de fevereiro e outra passado dois meses, podendo jogar-se com as diferenças climatéricas e as metamorfoses que provocam no jardim.

A Escola foi rápida a dar-nos resposta, como tal agendamos logo para dia 5 de fevereiro e de acordo com a disponibilidade da professora responsável por nos receber, uma reunião, onde a colocamos a par do nosso projetos e das nossas pretensões. Correu muito bem, pois nesse mesmo dia recebemos uma resposta positiva ao nosso pedido.

Achamos pertinente e importante saber os fundamentos orientadores da criação do SE, e as suas linhas de ação, especialmente no que se refere à atração de público jovem, como tal realizamos uma entrevista à técnica fundadora dos SE CB.

Uma vez que a resposta ao nosso pedido foi deferida, agendamos uma apresentação à turma, nossa, do SE, do MQS e do projeto de intervenção “Faz-te ao Museu”, como estivemos sempre sujeitos ao horário e aos testes das/os alunas/os, só conseguimos concretizar este nosso primeiro encontro no dia 27 de fevereiro. Alguns alunas/os ficaram entusiasmados mostrando-se logo disponíveis, como tal recolhemos os seus contatos “facebokianos” e passamos de imediato à criação de um grupo no FB “Faz-te ao Museu”, onde discutíamos e partilhávamos ideias, trocávamos impressões, planeávamos encontros e atividades, e onde dávamos conta da agenda do museu e outros espaços artísticos do concelho.

Para melhor perceber o funcionamento das/os jovens, as suas inquietações e as suas opiniões, assim como, orientar a nossa intervenção, recorreremos à realização de dois focus group. Das/os 31 alunas/os da turma com quem falamos, só 13 participaram ativamente em todo o processo, as/os outras/os foram desistindo e alguns nunca se mostraram interessados. Dividimos o grupo em dois e fizemos as entrevistas com uma semana de intervalo e de acordo com o horário deles. Estas sessões ocorreram na escola, na sala de desenho, onde não havia aula, mantendo-os tranquilos dentro da sua zona de conforto.

Uma vez que as/os jovens alunos não conheciam o museu e como os trabalhos se iriam desenvolver lá, convidamo-los a fazerem uma visita. Depois disso tentamos sempre agendar os encontros, no MQS. Durante esses encontros, discutimos ideias, a viabilidade das propostas que iam surgindo, e fomos trabalhando nos materiais que necessitávamos para a elaboração das mesmas, por exemplo, reciclamos lonas publicitárias antigas e

pintamos nova publicidade referente às atividades do dia 18 de maio, construimos gaivotas de gesso, recolhemos e organizamos materiais para a realização das atividades, da transformação de roupa, à oficina de Pins, que só foi possível pela cedência de máquina e materiais por parte da escola.

As propostas estavam definidas e aprovadas e já nos encontrávamos muito próximos do dia. Como havia um pedipaper achamos oportuno oferecer um prémio aos vencedores, embora e como já referimos anteriormente, estávamos desprovidos financeiramente, como tal recorremos à escola de surf “SurfAventura” e pedimos que oferecessem eles os prémios aos vencedores, em contra partida faríamos publicidade da escola, nos cartazes evento, no FB do MQS, e com a exposição de Roll Ups no dia do grande evento. Foi importante conseguirmos os prémios, pois permitiu uma melhor divulgação do evento e tornou o mesmo mais atrativo.

O dia 18 de maio começou muito cedo, com uma reunião de equipa, a definição de grupos trabalho, de responsabilidades em cada uma das atividades, de horários de refeições, etc. permitindo assim o planeamento do dia e da noite. As bancas de pins (as pessoas podia fazer os seus pins) e de transformação de roupa (as pessoas levavam uma peça de roupa que queriam alterar) funcionaram todo o dia e enquanto houve material. A primeira atividade da manhã foi a yoga no jardim (foram disponibilizados colchões, a inscrição era aberta a toda a gente); seguiu-se o jiu-jitsu (atuação e experimentação dos interessados); uma visita guiada ao museu para cegos; contamos com o museu fotogénico (exposição das sessões fotográficas feitas ao MQS); “Conta-me histórias” uma sessão de contos pelo contador de histórias Thomas Back; atuação e participação de capoeira; atuação de 3 bandas de música de jovens do concelho de Matosinhos e amigos do grupo de jovens com quem trabalhamos; mais tarde e já pela noite dentro realizou-se o pedipaper, no MQS e pelas ruas envolventes ao museu, dormida no acampamento do museu, preparado e montado pelos escuteiros de São Mamede, e por fim o pequeno-almoço servido de manhã pelo museu aos seus hóspedes campistas. Ainda nessa manhã decorreu a entrega de prémios aos vencedores, e prémios de consolação aos participantes.

Dias depois reunimos com as/os alunas/os, em jeito de balanço dos acontecimentos, para entrega de certificados de participação/realização das atividades e para devolução de materiais emprestados.

2. Caracterização dos/as jovens participantes

Contamos com 13 Jovens alunos/as, entre os 17 e os 21 anos de uma turma de artes da Escola Secundária Augusto Gomes. Dividiram-se em dois grupos diferentes sem que tal fosse pedido, pude perceber que se agruparam de acordo com os gostos e comportamentos, apesar de estarem numa turma de artes um dos grupos não era muito fã da história da arte e referiam também não ter muito jeito para a coisa, já o outro grupo passava o tempo todo, sempre que nos encontrávamos a desenhar ou a pintar. Mas apesar das diferenças era interessante vê-los juntos, pois muitas eram as vezes que estavam nos mesmos espaços, a ouvir as mesmas músicas e a fazer as mesmas coisas, inclusivamente na realização do primeiro focus group, o primeiro grupo apareceu e referiu que o segundo grupo estava num concerto de jazz de onde eles tinham acabado de vir.

3. Parcerias

Para que todo o nosso trabalho fosse possível pudemos contar com a ajuda de muita gente e de outras instituições, sem essas parcerias o nosso trabalho não teria sido possível. A parceria é o trabalho em conjunto que as pessoas fazem para alcançar um objetivo(s) comum. Demonstrando que com vontade e dando oportunidade aos jovens, podemos fazer coisas como estas.

Em termos humanos contamos com a disponibilidade das/os jovens alunas/os, que tiveram uma oportunidade de fazer algo que gostam e de mostrarem o que lhes interessa; as bandas de música usufruíram da possibilidade fantástica de poderem atuar num sítio público, que ao mesmo tempo promove a imagem deles; o fotógrafo, pois sem ele a exposição fotográfica não seria a mesma ou nem existiria; o DJ, que programou as músicas de acordo com o espaço e as atividades que iam decorrer, passando grande parte do dia a criar um ambiente mais acolhedor, e equilibrado entre espaços; ao contador de histórias Thomas Back, que nos alegrou com a sua rapsódia de histórias; as intérpretes de língua gestual que estiveram disponíveis ao longo do dia, embora infelizmente não tenhamos contado com a presença de surdos.

Em termos institucionais foi de grande importância: a colaboração da Escola Augusto Gomes, incansável, disponibilizando-se não só no que dizia respeito os alunos mas também no empréstimo de materiais para a realização das oficinas; a escola de surf “SurfAventura” que ofereceu as aulas de surf como prémio ao grupo vencedor do pedipaper; a Matosinhos sport que disponibilizou material de som, material para a sessão

de yoga ficando responsável pela sua realização; os escuteiros de Leça do Balio, responsáveis pela preparação e montagem do acampamento; a Associação Capoeirarte do Mestre Chapão e a Integração Jiu jitsu, pelas suas atuações gratuitas.

Estas parcerias funcionaram não só como um sinónimo de boa vontade mas como um belo exemplo de cidadania, “participação democrática no enfrentamento e possível resolução de problemas, a expansão de direitos, preocupação com justiça social e com a pertença a uma comunidade, a importância do estado do bem estar e os custos desse mesmo estado, as obrigações daí resultantes” (Araújo, 2007: 83 – 84). Além disso, se o conceito de cidadania pressupõe uma efetiva participação e filiação numa dada comunidade (Marshall e Bottomore, 1992), “pressupõe também um reconhecimento comunitário dessa pertença” (Pais, 2005: 66).

Capítulo IV – Apresentação e discussão dos resultados

Neste capítulo serão apresentados e discutidos os resultados, que foram obtidos através dos instrumentos anteriormente referidos, com o intuito de alcançar e justificar os objetivos propostos. Recordamos os objetivos gerais aos quais nos propusemos:

- Dar a conhecer o MQS e as suas atividades;
- Promover a participação dos/as jovens na vida do MQS;
- Aumentar a percentagem de público jovem que visita o MQS;
- Levar os/as jovens a contribuir com ideias e atividades desenvolvidas pelos próprios no MQS.
- Fomentar o uso das redes sociais para o constante envolvimento e participação nas atividades do MQS.

1. Resultados das Entrevistas

Começamos por analisar a entrevista realizada à técnica dos serviços educativos onde se realizou o estágio, com o objetivo de melhor compreender o funcionamento do serviço, as funções dos técnicos e as estratégias desenvolvidas na captação de público jovem. De seguida fazemos a análise das entrevistas que realizamos no Dia e Noite Internacional dos Museus, dia 18 de maio, que serviram para obter resultados das atividades que nos propusemos desenvolver no nosso projeto de intervenção.

Importa referir que todas as entrevistas respeitaram um guião e foram gravadas, com recurso a um gravador e posteriormente transcritas. Os guiões e respetivas transcrições podem ser consultados nos anexos.

1.1. Entrevista à técnica dos SE

A entrevista foi realizada no dia 15 de fevereiro de 2013 pelas 11 horas da manhã, teve a duração de cerca de uma hora, seguimos a orientação de um guião composto por diferentes temas. Da entrevista faziam parte 20 questões sobre: dados pessoais; a criação e a principal missão dos SE; o funcionamento dos serviços; as competências e funções dos técnicos; as estratégias desenvolvidas na captação de público jovem; a visão que a técnica, enquanto fundadora, detinha sobre os jovens e o seu relacionamento com a arte.

A entrevistada salientou a importância de ter uma equipa constituída por técnicos com uma formação variada, o que possibilita a criação de diferentes dinâmicas para o mais variado público, e as diferentes visões permitem o desenvolvimento de diferentes

estratégias na captação de novos públicos. Uma das preocupações do SE é desenvolver atividades capazes de conseguir atrair mais público jovem aos museus, além dos cinco técnicos referenciados, há também uma parceria no desenvolvimento de estratégias com os museólogos da rede de museus “MuMa” do concelho de Matosinhos. No entanto não verificamos isso na prática, embora a oferta diferenciada possa ser aliciante e as dinâmicas produzidas interessantes, estas não chegam até aos/as jovens, especialmente se avaliarmos pelo relatório de inquéritos feito pelo museu no dia 18 de maio, fala da “fraca adesão destes por interesse próprio e autónomo”.

Quando o serviço educativo começou a funcionar vinha munido de uma ambição: trabalhar os públicos e a coleção. O museu já estava aberto há quatro anos, como tal o fator novidade já não trazia público, além que a oferta deixava de ser apelativa, o museu tinha uma exposição fixa durante todo o ano, precisavam mudar a oferta numa estratégia de atração de público. O que mais interessava captar era as crianças e os/as jovens através do desenvolvimento de um trabalho de parceria com as escolas, se pensarmos como surgiu a ideia desta intervenção então percebemos que esta estratégia não obteve os resultados esperados, certo que os/as jovens vão aos museus, mas uma visita organizada que os coloca lá sem opção atribui-lhes os sentidos que é esperado de quem vai por livre opção a um museu, talvez não, principalmente se pensarmos nos discursos dos/as jovens alunos/as com quem trabalhamos.

Outro ponto que assume alguma relevância está inerente às dificuldades na captação do público jovem, provocada pela oferta artística que afasta o que têm menos conhecimentos, e mais uma vez a escola vem implicada, a entrevistada refere que se os/as jovens vêm com a/o professora/o há todo um trabalho prévio de esclarecimento anterior à visita, mas por outro lado se os/as jovens aparecem deliberadamente a falta de conhecimento pela exposição e pelas técnicas poderá tornar a visita “enfadonha”.

Outra referência curiosa relaciona-se com as atividades que foram capazes de atrair muito público e até mesmo de o fidelizar, essas atividades referidas surgem durante os períodos de férias e assumem o caráter de ocupação de tempos livres, levando-nos a olhar para elas como uma continuação da escola e um modo de ocupar tempo e não de momentos de lazer. A escola assume uma presença forte na relação dos/as jovens com os museus, tornam-se espaços de prolongação ou substituição da escola, camuflando o que realmente é a essência do museu, se trabalhado, capaz de provocar experiências marcantes na vida do sujeito.

Esta entrevista serviu para uma tomada de consciência sobre as questões inerentes ao serviço educativo, do seu funcionamento, das suas propostas e objetivos. Conseguimos através dela compreender que o nosso projeto de intervenção assume todo o sentido para promover transformações nos museus e nos seus técnicos, na mudança de mentalidades capazes de depreender que as modificações têm de ser mais profundas, e para uma conceção do que é esperado enquanto estagiária, orientando mais adequadamente a nossa intervenção.

1.2. Entrevistas a jovens realizadas no dia das atividades (18 de maio)

Um segundo momento de entrevistas teve lugar no Dia e Noite Internacional dos Museus, dia 18 de maio, e foram realizadas 30 entrevistas ao longo do dia e durante o decorrer das atividades, cada uma com a duração de cerca de um minuto e meio. Orientamos a entrevista com base num guião, que continha sete perguntas, nas quais os entrevistados referiam: o nome, facilitando o processo de comunicação, podendo eventualmente quebrar algum gelo inicial aquando da abordagem, assim como, pelo facto de poder distinguir o género; a idade, pela importância que este elemento detém para o nosso trabalho, importa referir as idades de forma a identificar o grupo abordado, e que nos interessava trabalhar, os jovens; local de residência, permitiu-nos aferir o número de visitantes oriundos do concelho, é importante que os jovens do concelho sejam atraídos e conquistados para que através destes consigamos chegar mais facilmente a jovens de outros concelhos; se era a primeira vez que vinham ao museu, esta questão foi de encontro ao objetivo proposto, o de aumentar o público jovem que visita o museu; o que acharam da atividade, ao mostrarem a suas opiniões sobre as atividades realizadas, permitiram-nos saber se tínhamos atingido o objetivo anteriormente referido; a atividade que mais gostaram, esta questão originou respostas que possibilitaram a compreensão sobre as atividades que mais interessam os jovens; e por último se atividades como essas fizessem parte da programação do museu se eles lá iriam mais vezes, serviu para apurar resultados e fundamentar a intervenção.

Das 30 pessoas entrevistadas pudemos dizer que quanto ao género, 16 eram do sexo feminino e 14 do sexo masculino. Relativamente à faixa etária dos inquiridos constatamos que as idades variavam entre os 12 e os 25 anos. Aferimos que 21 dos indivíduos deste grupo pertenciam ao concelho de Matosinhos e que 18 deles estariam pela primeira vez no Museu Quinta de Santiago. Na questão referente à opinião sobre as

atividades desenvolvidas, o total do grupo deu um parecer positivo e efusivo, como nos dão conta algumas respostas: “bastante interessantes”, “são muito fixes”, “são muito giras”, “estão a ser fantásticas”, “são variadas e muito boas”, “são altamente”, “estão a ser brutais”, “Estou a gostar muito, acho que deviam aproveitar e investir mais nestas iniciativas”, “estou a adorar”, “Nices”, “divertidas”, entre outras. Podemos dizer pelas respostas obtidas que a atividade maioritariamente escolhida, como sendo a preferida de 18 dos entrevistados, foi os concertos. Os outros 12 repartiram a sua opinião pelas diferentes atividades realizadas ao longo do dia e da noite. E na última questão, todo o grupo mostrou interesse em que atividades como as realizadas nesse dia se repetissem em outros dias, levando a que visitassem o museu mais vezes: “Voltaria sim, claro!”, “Claro que venho!”, “Com certeza que sim”, “Yep”, “Sim, sim, claro!”, “Com certeza absoluta!”, “Yah”, “Sem dúvida”, “Oh claro!” (...).

Tendo em consideração os resultados obtidos, podemos dizer que os indivíduos da amostra estavam satisfeitos com a programação e demonstraram interesse em voltar ao museu quando ocorressem mais atividades como aquelas. Sabemos que a amostra é pequena mas não foi possível realizar mais por falta de tempo, as entrevistas foram realizadas pela estagiária, que estava responsável por toda a programação proposta, pelo desenvolvimento das atividades e pelos/as jovens alunos/as envolvidos.

2. Resultado do focus group aos alunos participantes

A análise de conteúdo do focus group foi feita num capítulo anterior, estas sessões foram de extrema importância, ao dar voz aos jovens aproximamo-nos o mais possível do olhar deles sobre a sua realidade, e atribuímos-lhe o direito de participação, deste modo ganham empoderamento para o desempenho de um papel ativo na sociedade, que lhes permite adquirir conhecimentos sobre cidadania e ação cívica.

Apesar de os resultados do focus group nos conduzirem para uma intervenção mais assertiva, identificámos algumas limitações. Primeiro achamos que os debates poderiam ter-se tornado mais interessantes se tivéssemos sido nós a separar os grupos. Na verdade eram dois grupos bastante homogéneos que se agruparam de acordo com pontos comuns de interesse e de relações pessoais. E em segundo gostaríamos de ter realizado um segundo focus group com cada um dos grupos após a realização das atividades, com o intuito de saber se as suas perspetivas se mantinham e se estavam satisfeitos com os resultados obtidas. Infelizmente por ser já final de ano letivo, por terem de estudar para os exames

nacionais e tratar da suas candidaturas à faculdade, não nos foi possível voltar a reunir os grupos. O guião e transcrição do focus group podem ser consultados nos anexos.

3. Resultados dos inquéritos elaborados pela equipa do SE no dia 18 de maio

Outro dos instrumentos utilizados para avaliar o Dia e Noite Internacional dos Museus foi os inquéritos, avaliando a satisfação do visitante, elaborados e tratados pelos SE. Foi-nos facultado o relatório de avaliação desses inquéritos de forma a enriquecer e obter mais resultados. Foi utilizado um modelo de inquérito normalmente utilizado pelo museu. Na sua estrutura apresentou questões de resposta direta: a idade; género; localidade;

se é a primeira visita ao museu; se voltariam; como tiveram conhecimento do evento; alguns grupos de resposta fechada, nos quais o indivíduo seleciona a opção que melhor se coaduna com a sua opinião: instalações e serviços; exposição; outras atividades; e questões de resposta aberta, onde o indivíduo constrói as respostas pelas suas próprias palavras, sobre que atividades os trariam de novo ao museu; quais as atividades que levaram, e se levaram, as pessoas a deslocarem-se propositadamente ao museu; e outras sugestões e considerações. Este inquérito foi entregue dentro do edifício do MQS por um funcionário, foram inquiridas um total de 20 pessoas.

Da amostra das repostas obtidas, no que diz respeito às questões de género 70% dos inquiridos eram do sexo feminino e 30% do sexo masculino. De idades compreendidas entre os 30-50 anos eram 57%; entre os 50-65 anos havia 24%, e 19% representavam os jovens. Verificamos que 39% provinham de freguesias entre Matosinhos e o Porto, 22% de Espinho, Valongo, Vila Nova de Gaia e Castelo de Paiva; 75% dos questionados visitaram o museu pela primeira vez. Cerca de 50% tiveram conhecimento do evento através de amigos e familiares, seguindo-se 14% através das redes sociais e através do site da CMM e de publicidade e notícias, 10% cada respetivamente. Apenas 35% se deslocaram ao museu com o intuito de participar ou assistir a uma das atividades em concreto, tendo sido o ateliê de transformação de roupa “(Re)fashion” a mais mencionada. Quanto à questão sobre se outras atividades como essas os trariam de novo ao museu, 95% das respostas foram positivas. As atividades contaram com 100% de assistência na exposição “Vamos a Banhos a Leça” e na visita táctil organizada para invisuais; 90% participaram no ateliê de Pin`s, nos concertos, na capoeira, na exposição fotográfica e ao conto de histórias; e 75% no (re)fashion e no Jiu-jitsu.

O facto de os SE nos facultarem o relatório dos resultados dos inquéritos elaborados por eles, permitiu-nos saber que cerca de 350 pessoas visitaram o museu nesse dia e noite, que 95% dos visitantes deram resposta positiva quando questionados sobre o seu regresso ao museu aquando de atividades similares às que decorreram nesse dia, assim como, da percentagem de participantes em cada uma das atividades realizadas. Mais um elemento que fundamenta o sucesso da nossa intervenção, apesar deste mesmo relatório referir que a adesão dos jovens é parca, este resultado deve-se ao facto de os inquéritos só terem sido disponibilizados dentro do edifício do museu e por um determinado período de tempo, o que impossibilitou que mais jovens os preenchessem, uma vez que todas as atividades propostas pelos/as jovens foram realizadas fora do edifício do museu, no jardim e no espaço Irene Vilar, o museu ficou destinado apenas para a inauguração da exposição “Vamos a banhos a Leça” e para as respetivas visitas fantasma a essa mesma exposição, como tal os inquéritos foram passados a um público específico e não ao público que nos interessava, aos/às jovens. O inquérito e respetivo relatório de resultados dos mesmos podem ser consultados nos anexos.

Para além das entrevistas e dos inquéritos realizou-se uma sessão fotográfica que faz algum relato das atividades desenvolvidas e da adesão/participação do público nessas atividades. Registamos diferentes momentos do dia em 161 fotografias, não apresentamos a totalidade das fotografias por algumas se encontrarem desfocadas e outras não terem visibilidade, como é o caso das correspondentes ao acampamento, uma vez que este foi montado num local do jardim sem iluminação, como tal não existem fotografias do acampamento, e poucas do pedipaper, pela mesma razão.

Escolhemos algumas das fotografias que colocamos aqui para elucidar o leitor, dar conta das atividades realizadas e como uma amostra do dia e noite dos museus resultou, algumas propostas obtiveram mais sucesso que outras, mesmo tendo sido todas elas propostas por jovens, realizadas por jovens e para jovens, com a exceção da atividade “Conta-me histórias”, que curiosamente reuniu uma grande audiência.



Figura 1 - (Re)fashion



Figura 2 - (Re)fashion

Ambas as figuras são referentes à atividade (Re)fashion, que consistia na transformação de uma peça de roupa. Apesar de não ser uma das atividades mais concorridas vieram pessoas propositadamente para participar, esta atividade realizou-se ao longo de todo o dia. Outra das atividades desenvolvidas ao longo do dia e registada nas fotografias que se seguem, foi a oficina de pin's, o visitante podia fazer e criar o seu próprio pin. Ambas as dinâmicas envolviam a participação ativa do público, estimulando a criatividade, a partilha de técnicas e a noção de participação.



Figura 3 - Oficina de Pin's



Figura 4 - Oficina de Pin's

Os concertos foram a atividade com mais audiência. Bandas constituídas por jovens, alguns deles a estudar na mesma escola que os/as jovens com quem trabalhamos. Inquietos pelo acesso a espaços onde possam atuar e partilhar a sua forma de arte e estar com o seu público, além de arrastarem um número grupo de jovens foram também responsáveis por trazer agregados as suas famílias e as de alguns jovens ainda muito novos. Contribuindo assim para o aumento de diferentes públicos no museu.



Figura 5 – Concertos



Figura 6 - Concertos



Figura 7 – Conta-me histórias



Figura 8 – Conta-me histórias



Figura 9 – Capoeira



Figura 10 – Capoeira

É certo que muitos dos resultados não foram os esperados, por diversas razões, sobretudo pelas limitações que fomos falando ao longo do relatório e por outras que nos ultrapassam e se prendem com questões institucionais. Mesmo assim o dia e noite de 18 de maio no Museu Quinta de Santiago revestiu-se de um novo modo de atuar e ofereceu ao público jovem uma programação de acordo com os seus interesses e não deixando de parte as preocupações educativas inerentes aos serviços educativos e ao museu.

Capítulo V - Reflexão final

Reflexão

Neste último momento de relatório cabe agora espaço para uma reflexão final, enquanto estudante de mestrado em ciências de educação e agente de um projeto educativo desenvolvido no âmbito deste ciclo de estudos e em contexto de estágio. A escolha de enveredar por este mestrado deveu-se à necessidade de progressão profissional, busca da aquisição de novos conhecimentos e competências na área da educação e pelo facto de a minha atividade profissional ser maioritariamente desempenhada num contexto educativo, a escola, e por ser com jovens. Não só mas também porque acredito que no desempenho das minhas funções de Intérprete de Língua gestual Portuguesa na escola o meu papel transforma-se deixando de ser apenas destinado a ponte de comunicação, revestindo-se de uma maior importância o envolvimento requerido a um agente educativo, sendo esperado que tenhamos a capacidade de nos adaptarmos rapidamente às diferentes situações de acordo com as características dos diferentes contextos. Confesso que esta é uma visão pessoal sobre os diferentes papéis que um técnico desta natureza pode ter, porém esta não é uma visão partilhada por todos. No entanto nas escolas onde trabalhei tive a sorte de haver sempre espaço para agir deste modo, o que me permitiu responder mais objetivamente às necessidades dos/as jovens com quem trabalhava, e todos os anos letivos sem exceção desenvolvi projetos de intervenção com o objetivo da promoção de uma participação social mais ativa.

Então por forças das circunstâncias optei pelo domínio: “Juventudes, educação e cidadania” e pela escolha da via profissionalizante que me permitiria implementar um projeto de intervenção nesta área. Mas a definição do tema não ficou logo bem clara, pensou-se numa intervenção relacionada com as artes, associada às reações dos/as jovens aquando das visitas de estudo a estes espaços, mas também de um gosto pessoal pela área, que advém da infância, estimulado por educadores da escola e até de 1º ciclo, que se mantém até hoje e ao qual atribuo grande importância na construção da minha personalidade e da relação que tenho com os outros e o mundo. Depois, porque não foi fácil o caminho na busca de um local de estágio, os primeiros contactos foram com a Casa da Música e de seguida com Serralves, de ambas as instituições recebemos respostas negativas por não conseguirem dar resposta a todos os pedidos de estágio, nesse momento confesso ter sentido alguma angústia pois parecia avizinhar-se uma fase complicada, mas felizmente e através da professora Sofia Silva, a quem agradeço, e ao contacto efetuado com dois técnicos, ex-alunos da faculdade a exercer funções no Departamento de Educação da Câmara Municipal de Matosinhos, surge a oportunidade de efetuar estágio no

Museu Quinta de Santiago, através dos seus Serviços Educativos. Contactada a responsável dos serviços, deu-se a confirmação da disponibilidade de nos receber e de podermos desenvolver o nosso projeto, que necessitou ser redesenhado de acordo com o novo espaço.

No início do mês de outubro de 2012 começo funções nos serviços educativos, no MQS. Confesso que as minhas expectativas eram diferentes das que levei para o meu primeiro estágio, resultantes do desconhecido e causadoras de algumas frustrações. As que levei desta vez já assentavam em conhecimentos proporcionados pela experiência que o trabalho nos traz, que nos proporcionam algum conhecimento e autonomia, capazes de nos guiar em diferentes direções, mas desengane-se quem achou que esta experiência se tornaria mais proveitosa, do que a primeira que vos relato. Não há comparação possível, são duas experiências diferentes em contextos e tempos destintos, e mesmo o que nós somos hoje enquanto indivíduos já não o somos amanhã. Portanto vejamos as coisas deste modo, as experiências são sempre positivas, por muito que se mostrem desagradáveis têm sempre a capacidade de nos ensinar algo que nos muda enquanto pessoas.

Fomos bem recebidos, aceitaram o nosso projeto e apoiaram a intervenção a que nos propúnhamos, o que inicialmente nos deu a ideia de uma grande abertura para projetos desta natureza, no entanto ao longo do tempo tudo foi mudando, pensei que por resultado dos problemas burocráticos entre instituições ligados ao protocolo de estágio. Enquanto tudo não se resolvia não foi sendo possível avançar com os trabalhos, mas também não me foi atribuída qualquer qualificação no local, afinal eu não existia oficialmente. Por fim em fevereiro ficou tudo resolvido e pudemos iniciar o contacto com a escola e os/as jovens para ir desenvolvendo e aplicando o nosso projeto, mas foi só no sentido do nosso projeto que nos foi dada abertura para trabalhar, se bem que no que toca às redes sociais, que era uma das nossas propostas o processo não foi tão facilitado: houve relutância em ceder autorização para a gestão da página do facebook, e mais tarde complicações relacionadas com essa gestão - tudo o que era postado tinha de passar por algumas aprovações, o conteúdo de comentários devia respeitar os critérios definidos pela autarquia - causaram dificuldade na gestão do facebook por as autorizações não serem imediatas. Isto conduziu à minha desistência na gestão da página, por vários motivos: o que acontece no facebook é imediato, temos de estar sempre ligados, não podemos simplesmente postar algo e só passado dois dias responder a um comentário, ou então postar notícias de um evento que se vai realizar na véspera do evento, ou ainda colocar uma seleção de imagens de um evento que se realizou uns dias atrás. O facebook é uma ferramenta que nos dá conta do imediato,

onde as pessoas partilham o que está e o que vai acontecer, não o que já aconteceu, o objetivo é criar movimento, o indivíduo tem que sentir que faz parte.

Esta situação, este modo de pensar, que compreendo ser aliado à preocupação que as instituições que usam o FB têm de ter em relação à proteção da sua imagem, não pode incompatibilizar-se com a necessidade de compreender que o mundo está em mudança e que temos de ser capazes de acompanhar essa mudança. Mas esta forma de pensamento faz-me olhar para o MQS, não como um organismo pertencente à Câmara, antes sim como uma extensão da mesma, e não podemos gerir um museu com a mesma visão que se gere uma autarquia. Isso importa para compreendermos o funcionamento dos serviços educativos. É certo que não desenvolvi atividades no estágio para além das que constavam do nosso projeto, no início não podia porque não era oficial a minha existência e depois certamente por ser estagiária, mas pude observar o seu funcionamento. O serviço tem uma grande oferta educativa de que damos conta no 1º capítulo, dedicada a todos os grupos de público, obtendo mais sucesso junto dos mais novos, através de atividades desenvolvidas para os jardins de infância e escolas e junto dos mais velhos com atividades promovidas com a universidade sénior. O grupo a quem têm mais dificuldade em chegar é, sem dúvida, o dos jovens, há ofertas nesse sentido mas colocando sempre o museu como uma extensão da escola, ou vêm com a escola, ou nas férias na substituição da mesma, como se só através da escola estivéssemos perante uma abordagem educativa. As estratégias são boas mas o modo como se põe em prática não têm gerado grande eficácia no público jovem, senão este grupo não seria o causador de preocupações aos técnicos do SE, que tentam através das suas competências nas diferentes áreas de formação criar meios de chegar até eles/as. Importa, no entanto, referir que nenhum dos elementos que compõe os serviços é da área da educação. E é esta realidade que me faz perceber como o nosso projeto faz todo o sentido, mas é um trabalho muito mais árduo e profundo do que aquele a que nos propusemos; não é só importante dar espaço aos jovens na partilha de inquietações e na liberdade de participação, mas também mudar a visão que estas instituições têm sobre a educação e os/as jovens.

Estas são as circunstâncias em que afirmo ser de extrema importância a presença de um profissional em ciências da educação nos serviços educativos e especialmente nos museus, pelas competências que permitem a compreensão dos diferentes campos educativos e juvenis, clarificando deste modo que não é só a escola que detém competências para abordagens educativas, estas instituições também podem e devem ter, não só na educação mas também nas juventude(s). Ora os museus querem agir no sentido

de conquistar público jovem, então há que envolve-los/as no processo, como tal é necessário promover uma relação para chegar até eles/as, o que é facilitado pelos conhecimentos sobre jovens e o seu funcionamento que a formação em Ciências da Educação nos possibilita. Penso que este é um fator que facilitou o desenvolvimento do nosso projeto, a minha aproximação deles/as permitiu ver o mundo através dos seus olhos e compreender melhor as suas necessidades, além de encurtar a distância entre nós e, apesar das diferenças de idades, agiram a maior parte do tempo como se eu fosse uma entre eles.

O estágio permitiu-me ver por dentro e de uma forma mais profunda o funcionamento destas instituições, percebendo que num projeto futuro a ação vai muito para lá dos sujeitos envolvidos. Acredito que este mestrado me fez descobrir competências que desconhecia, me atribuiu novas competências e fez-me mudar a minha visão sobre os/as jovens. Hoje tenho a consciência que as minhas ações no que lhes diz respeito serão diferentes, mais objetivas e mais adequadas, e de que o seu envolvimento e participação estão sempre inerentes a tudo o que se cogite para eles/as.

Referências Bibliográficas

Referências Bibliográficas

- ALLEN, Alfredo Aires de Gouveia (1958) *Apontamentos sobre a família de João Allen*. Porto: BCCMP.
- ANDERSON, Benedict (1991) *Imagined Communities. Reflections on the origins of Spread of Nationalism*. New York: Verso.
- BARBOSA, Ana Mae (2011) *Arte/educação contemporânea: Consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez.
- BENNETT, Tony (1995) *The birth of the museum: history, theory, politics*. London: Routledge.
- BEST, David (1996) *A racionalidade do sentimento, O papel das artes na educação*. Lisboa: Edições Asa.
- BLANCO, Ángela Garcia (1988) *Didáctica del Museu – El descubrimiento de los objetos*. Madrid: Edicions de la Torre.
- BOGDAN, Robert, & Biklen, Sari (1994) *Investigação Qualitativa em Educação - Uma Introdução à teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora, Lda.
- CASTELLS, Manuel (2001) *La Galaxia Internet*. Barcelona: Plazo & Jan's Editores.
- DURKHEIM, Émile (2001) *Sociologia, educação e moral*. Trad. Evaristo Santos. Porto: Rés Editora.
- DURKHEIM, Émile (1895) *As Regras do Método Sociológico*. trad. Eduardo Lúcio Nogueira (1980) Lisboa: Editorial Presença.
- FERNANDES, Domingos; NEVES, Anabela; GIL, Dulcinea (1998) *Reflexões de escolas e de professores*. Lisboa: Departamento do Ensino secundário – Ministério da Educação.
- GIDDENS, Anthony (1991) *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: Editora UNESP.
- GIDDENS, Anthony (1995) *Transformações da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*. Oeiras: Celta Editora.
- GIDDENS, Anthony (2000) *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora Ltda.
- GUILLAUME-HOFENUNG, Michele (2005) *La Mediation*. Paris : Puf.
- GONÇALVES, Rui Mário; FRÓIS, João Pedro; MARQUES, Elisa (2002) *Primeiro olhar Programa Integrado de Artes Visuais Caderno do Professor*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- HALL, Stuart (1997) *Representation: cultural representations and signifying practices*, Londres: Sage/The Open University
- HARVEY, David (1989) *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Edições Loyola.
- Instituto Português de Museus, (2002) *Encontro museus e educação: atas*. Lisboa: IPM.
- KUHN, Thomas S. (1997) *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Editora Perspetiva.
- MAGALHÃES, António & STOER, Stephen (2005) *A Diferença somos Nós. A Gestão da Mudança Social e as Políticas Educativas e Sociais*. Porto: Edições Afrontamento.

MARSHALL, Thomas Humphrey and BOTTOMORE, Tom (1992) *Citizenship and social class*. London: Pluto Press.

MENEZES, Isabel (2007) *Intervenção Comunitária- Uma perspetiva Psicológica*. Porto: Legis Editora.

MENDES, Luís Marcelo (2012) *Reprograme – Comunicação, Branding e Cultura numa nova era de Museus*. São Paulo: Catarse.

MCROBBIE, Ângela (2005) *Postmodernism and popular culture*. New York: Routledge.

NELSON, C.; TREICHLER, P.A.; GROSSBERG, L. (1992) *Cultural Studies*. New York: Routledge.

OLIVEIRA, Ana & GALEGO, Carla (2005). *Mediação sócio-cultural: um puzzle em construção*. Lisboa: ACIME, Observatório da Imigração.

PAIS, José Machado (1993) *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

PAIS, José Machado (2006) Buscas de si: expressividades e identidades juvenis in ALMEIDA, Maria Isabel & EUGÉNIO, Fernanda (orgs.), *Culturas jovens: Novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor.

PAIS, José Machado; BENDIT, René; FERREIRA, Vitor Sérgio (2011) *Jovens e Rumos*. Lisboa:ICS.

PARDAL, Luís; CORREIA, Eugénia (1995) *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Areal Editores, Lda.

QUIVY, Raymond & CAMPENHOUDT, Luc Van (1998) *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (2ª ed.). Lisboa: Gradiva - Publicações, Lda.

SAGAN, Carl (1994) *Os Dragões do Eden*. Lisboa: Gradiva.

SANTOS, Boaventura de Sousa (2000) *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. Porto: Edições Afrontamento.

SANTOS, Boaventura de Sousa (2001) *Um discurso sobre as Ciências*. Porto: Edições Afrontamento.

SANTOS, Boaventura Sousa (2002) Os processos de globalização in *Globalização: fatalidade ou utopia*. Porto: Afrontamento.

SILVA, Sofia (2011) *Da casa da Juventude aos Confins do Mundo*. Porto: Edições Afrontamento.

SILVA, Costa Maria & MOREIRA, Maria Alfredo (2009) *Formação e Mediação Sócio-educativa. Perspetivas teóricas e práticas*. Porto: Areal Editores.

SOUSA, Alberto B. (2003) *Educação pela Arte e Artes na Educação*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.

STOER, Stephen R.; MAGALHÃES, António (2005) *A Diferença Somos Nós*. Santa Maria da Feira, Edições Afrontamento.

Artigos:

CAETANO, Ana Paula (2005) *Mediação em educação: da conceptualização e problematização de alguns lugares comuns à modelização de casos específicos*. Revista de Estudos Curriculares, Ano 3, Número 1, p 41-63.

CARDOSO, Ana Paula (1992) *As atitudes dos professores e a inovação pedagógica*. Revista Portuguesa de Pedagogia, Ano XXVI, nº1, pp.85-99.

CARLSON, Elizabeth A., SROUFE, Alan; & EGELAND, Byron (2004). *The construction of experience: A longitudinal study of representation and behavior*. Child Development, vol. 75, nº 1, pp. 66-83.

DAUSTER, Tania (1999) *A Fabricação de livros infantojuvenis e os usos escolares: o olhar de editores*. Revista Educação/PUC-Rio, n. 49, p. 1-18.

FOUCAULT, Michel (1986) *Of the Other Spaces*. Diatribes, Vol.16, nº1. Pp. 22-27.

NILAN, Ram (2004) *Culturas Juvenis Globales*. Estudios de Juventud, nº64, p. 39.

RUDDOCK, Jean & FIELDING, Michael (2006) *Student Voice and the peril of popularity*. Educational Review. vol. 58, número 2 pp. 219-231.

SANTOS, Boaventura Sousa (2006) *Globalizations in Theory, Culture & Society* nº 23, pp. 393 – 399.

SEMEDO, Alice (2004) *Da Invenção do museu público: tecnologias e contextos*. Revista da Faculdade de Letras Ciências e Técnicas do Património, I série, vol. III, pp. 129-136.

Tese de Mestrado:

GUIMARÃES, Sandra (2006) *Serviços Educativos Online nos Museus: Análise das Atividades*. Tese de Mestrado em educação área Tecnologia Educativa. Universidade do Minho, Braga, Portugal.

Comunicação publicada:

CAETANO, Ana Paula (2005) *Mediação em educação: da conceptualização e problematização de alguns lugares comuns à modelização de casos específicos*, Revista de Estudos Curriculares, Ano 3, nº 1, p. 42.

CAMPOS, Ricardo (2008) *Movimentos da Imagem no Graffiti: as ruas da cidade para os circuitos digitais*. VI Congresso Português de Sociologia, Mundos Sociais: saberes e práticas. Faculdade de ciências sociais e humanas. p.1-6. Lisboa: UNL.

DAMASCENO, Maria Nobre (2008) *Populações, Gerações e Ciclos de Vida: Juventude: Educação e cidadania no contexto da diversidade cultural*. VI Congresso Português de Sociologia, Mundos Sociais:saberes e práticas. Faculdade de ciências sociais e humanas. p. 6. Lisboa: UNL.

PAIS, José Machado (2005) *Jovens e Cidadania* in Sociologia: Problemas e Práticas. in Simpósio Internacional sobre a Juventude. Sociologia, problemas e práticas, nº49, pp.53-70. Rio de Janeiro.

RIBEIRO, Ana Bela; MENEZES, Isabel (2008) *Usos, significados e contextos de utilização da Internet e dos novos média por crianças e jovens: Os blogues como Contexto de Participação Juvenil*. VI Congresso Português de Sociologia, Mundos Sociais: saberes e práticas. Faculdade de ciências sociais e humanas. p. 1-4. Lisboa: UNL.

Documento eletrónico:

ARAÚJO, Helena Costa (2007) *Cidadania na sua polifonia: debates nos estudos de educação feminista*, in Educação, Sociedade e Culturas. Retirado a 12 de maio de 2012 de:

<http://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC25/HelenaAraujo.pdf>

MACHADO, J.R. & TIJIBOY, A. V. (2003). *Redes Sociais Virtuais: um espaço para Efetivação da aprendizagem cooperativa*. Retirado a 5 de junho de 2013 de:

http://www.cinted.ufrgs.br/renote/maio2005/artigos/a37_redessociaisvirtuais.pdf

WEBER, Max (1913) *Economia e Sociedade*. Fundamentos da Sociologia Compreensiva. Retirado a 24 de janeiro 2013 de:

<http://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/weber-m-economia-e-sociedade-fundamentos-da-sociologia-compreensiva-volume2.pdf>

Anexos

Guião da Entrevista Técnica dos serviços educativos

1. É pretendido com a entrevista fazer um levantamento sobre o aparecimento do SE da câmara municipal de Matosinhos, qual o seu percurso e principal missão. Esta é importante pois permite recolher informações de forma a responder às questões de investigação sobre os SE onde me encontro a estagiar.
2. O objetivo da entrevista é:
 - Saber o que esteve na base do aparecimento dos SE;
 - Perceber qual a influência destes nos espaços culturais;
 - Compreender as estratégias de intervenção do SE na atração de novo público, especialmente jovens;
 - Perceber a influência das atividades realizadas pelo SE no percurso educativo do público;
 - Compreender a missão dos SE.
3. Entrevistada:
 - Técnica (iniciadora) do SE da Câmara Municipal de Matosinhos.
4. Local e duração:
 - Museu Quinta de Santiago;
 - Entre 20 e 30 minutos.
5. Meio de comunicação:
 - Oral, gravada.
6. Planeamento da entrevista:

Tema: Dados pessoais.

- Idade;
- Habilitações académicas;
- Atividade profissional;
- Local de trabalho.

Tema: Descrição do percurso do SE, como foi criado e qual a sua principal missão.

- Quando surgiu o SE
- Porque surgiu
- Qual é a principal missão do SE

Tema: Questões referentes aos técnicos e aos objetivos do SE perante as necessidades inerentes.

- Quantas pessoas trabalham no SE
- Quais as habilitações académicas dos técnicos
- O que achas desta variedade dentro do SE
- Há quantos anos existe
- O que achas que mudou desde então
- Qual é o público mais difícil de chegar
- Quais as estratégias que têm utilizado para captar esse público.

Tema: Relação existente com as artes e influência desta na vida dos jovens.

- O relacionamento que os jovens têm com a arte;
- Qual a influência da arte nos estilos de vida;
- Há jovens na tua vida;
- Qual a relação que tens com esses jovens;
- Qual a tua visão sobre os Jovens de agora.

Qual o conceito de Cultura juvenil que o entrevistado tem.

Entrevista Técnica dos SE

1. Idade

36.

2. Habilitações Académicas

Licenciada em Gestão do Património, vertente História de Arte.

3. Atividade profissional

Técnica de Serviço Educativo.

4. Local de trabalho

Museu Quinta de Santiago.

5. Quando surgiu o serviço educativo?

O SE surgiu em 2003 a nível oficial, portanto foi a proposta a assembleia municipal de reunião de câmara, salvo erro em setembro, mas já desde 2002 que fazíamos algumas ações de exploração da exposição. E também a primeira ação que até hoje se mantém, as festas de aniversário que são realizadas a partir de 2002, portanto desde 2002 que se fazem ações, no entanto oficialmente os SE só existe a partir de 2003.

6. Como e porque surgiu?

Basicamente surgiu da minha parte, isto para além da minha formação académica que efetivamente tem algumas áreas relacionadas com os SE e outras muito mais abrangentes, com património em outras vertentes. Mas tirei um curso, um mini curso de um ano de SE feito na Câmara do Comércio Italiano e foi uma aposta que abracei mal entrei no MQS, foi o local para o qual eu fui destacada como técnica profissional de museografia. No entanto, foi-me dada bastante liberdade a nível de propostas, que na altura até seriam entendidas como propostas de uma técnica superior, mas sempre me foi dada muita liberdade a nível superior, então fui fazendo algumas propostas com o objetivo de chamar mais visitantes ao MQS. Dado que na altura em que eu entrei o museu já estava aberto à cerca de 4 anos desde 96 e já tinha passado a fase da novidade, portanto foi preciso começar a trabalhar muito melhor os públicos e trabalhar a coleção, que na altura é uma exposição fixa durante todo o ano composta por Agostinho Salgado pelo Augusto Gomes e pelo António Carneiro, portanto era necessário captarmos e conseguirmos pensar em atividades e ações que pudessem trazer nomeadamente escolas, não escondo que foi sempre o público pelo qual a aposta se sentia mais forte, não é, ou pelo menos o público que era necessário, mesmo porque a nível de frutos no futuro é realmente a nossa melhor escolha. Desde o início, isso foi mais pensado trabalhar só com crianças, o trabalho com o público sénior e um trabalho com público especializado foi feito posteriormente, as primeiras ações eram mesmo mais direcionadas para o ensino básico e secundário. Pronto começou por ser só comigo mas no entanto havia por parte das outras divisões da câmara, havia também vontade de colaborar entre divisões, entre departamentos, por isso, não só promovíamos

ações relacionadas com a exposição aqui no MQS, com o património artístico da câmara, como também, começamos a promover ações na área do ambiente e do património paisagístico, usando para esse efeito os nossos colegas da divisão do ambiente. Como também simultaneamente começamos a promover a área do nosso património arquitetónico, usando também ou colaborando neste caso com os colegas da divisão da arquitetura, portanto não se restringiu só ao departamento da cultura, era aberto a outros departamentos e por isso mesmo é que quando a proposta da casa do bosque surge como SE da Câmara Municipal de Matosinhos tendo como grande objetivo as questões da cidadania ou a educação estética para a cidadania porque como a câmara possui precisamente todos esses tentáculos ou toda essa macroestrutura, como se costuma dizer, que nos permite trabalhar sobre o concelho e todo o património que esse concelho pode ter.

7. Qual é a principal missão do SE?

São duas, atrair público educando para a cidadania.

8. Quantas pessoas trabalham no SE?

Agora, atualmente são 5.

9. Quais as habilitações académicas dos técnicos?

Isso é interessante, temos uma equipa polivalente, aliás para o serviço educativo é sempre muito importante teres diferentes valências, temos uma técnica de dança, temos uma técnica relacionada com as artes plásticas e pintura, tem Eu, eu própria que sou técnica de SE mas que sou de gestão de património, temos um parte administrativa que é mais representada por duas pessoas, portanto uma que foi recrutada à pouco tempo e outra que já está connosco à cerca de um ano e meio, e temos eventualmente colaboração com os próprios museólogos, no caso das ações aqui do museu, e das ações da MUMA, da rede de museus de Matosinhos. Temos colaborado com os museólogos que embora não façam parte da equipa dos serviços educativos, trabalham connosco a miúdo para conseguirmos realizar as nossas ações

10. Esta variedade dentro do SE é importante?

É, sem dúvida, até mesmo por diferentes aspetos, os diferentes lados de um objeto de uma árvore (risos) ou seja, é importante realmente trabalhares com pessoas que têm visões diferentes, para poder enriquecer a tua e ao mesmo tempo para podermos apresentar um conjunto de visões que possa ser partilhada com o público. Não quer dizer que o público use essas visões, não é isso, pretendemos sim incitar a dúvida e o pensamento livre e a criação de opiniões e de pontos de vista em redor de uma coisa, de um objeto, ou até próprio de um conceito.

11. O que achas que mudou desde do início até agora?

Mudou muito o conceito da interdisciplinaridade e da “intercomplementaridade” dos pontos de vista do património, porque efetivamente quando eu comecei, o intuito seria não

só abranger a área das infraestruturas culturais, embora isso esteja previsto no projeto, o projeto faz essa referência, faz a referência que o SE é importante nas infraestruturas culturais e até divide que tipo de ações é que o SE poderá ter num gabinete municipal de arqueologia. No MQS, na galeria municipal, na altura na galeria nave que neste momento provavelmente estará pronta para ser retomada, que foi ocupada pelo CAM (centro de arte moderna), mas não só, e também na área do ambiente, na área da arquitetura, na área até das próprias profissões. Portanto não lidávamos só com esses departamentos mas sim com toda a câmara, porque algumas das ações que nós promovíamos eram por exemplo ações de uma semana, eram projetos de continuidade, tinham exatamente essa semana e o resto era dar a conhecer as profissões da câmara, iam tanto á secção de carpintaria, como á secção de juristas da câmara, como iam á secção da arquitetura, e aí sentia-se perfeitamente a interdisciplinaridade e basicamente a colaboração entre os diferentes departamentos. Entretanto a coisa foi ficando maior e atualmente o que podemos dizer é que em termos de orientações, temos como infraestruturas obrigatórias, em que é obrigatória a nossa presença e obrigatória a realização de ações, temos o MQS, temos a galeria municipal e depois a par temos o MA (gabinete municipal de arqueologia e história) e a MUMA. Portanto perdeu-se alguma dessa complementaridade com outras divisões foi-se perdendo ao longo do tempo, isto porquê, também porque as apostas que em 2003 ou em 2004 eram feitas mas não eram tantas as ações que eram realizadas aqui no museu, acabando por ser um programa mais curto de ações, porquê, para permitir dar-me espaço, na altura era mesmo só eu, a Fernanda Pinho só entra mais tarde. Mas o número de ações aqui no museu era diminuto, porque assim permitia a mim dar-me espaço para colaborar noutras áreas da câmara municipal, não podia estar em dois sítios ao mesmo tempo. Agora ao longo do tempo foi-se sentindo uma exigência, porque também foi sendo perceptível o papel de um SE numa estrutura, foi-se sentindo a exigência de haver mais apostas do número de ações no MQS, porque de todos os museus da MUMA é o único que é municipal, e recentemente há cerca de dois anos também começou a sentir a necessidade de aumentar o número de ações da galeria municipal, porque nós atualmente temos orientações para dinamizar e explorar todas as exposições da galeria e todas as exposições aqui do museu, para além de colaborações em eventos como a noite dos museus, o dia da criança, o dia dos namorados que já passou, como é o “Mucéu”, portanto alguns dos eventos fazem parte do nosso mapa de programação do ano, por isso, sem dúvida afunilou-se essa conceção de SE mais para o nosso departamento, para o departamento da cultura e para as infraestruturas que esse departamento promove, à exceção do cineteatro Constantino Nery que não está abrangido. Foram realizadas algumas ações no âmbito de trabalhar a exposição do Augusto Gomes que esteve patente durante algum tempo no cineteatro em 2011, o Augusto Gomes e o seu trabalho como cenógrafo e encenador para o teatro experimental do Porto e aí tivemos

algum papel mais preponderante a nível do SE, no entanto não temos realizado, embora seja um equipamento que está, é um gabinete que a nível de macroestrutura repõe perante o presidente e está ligado com o departamento de cultura mas é um espaço que nós ainda não temos contemplado muitas ações para lá.

12. E o que achas que mudou em relação ao público, à sua adesão, o que achas que mudou?

Desde 2002 hum, tem sido uma curva ou várias curvas ao longo dos anos, julgo que entre 2006 e (...) não, entre 2005 e 2007 nós, tenho a perceção que tivemos mais atividades e recebemos um maior número de público, e até conseguimos ter público fidelizado e com isto, refiro-me a coisas mais específicas como o “Salvé Língua de Camões” que tinha 22 pessoas certas todos os meses, e eram o nosso público fidelizado. Mas também me refiro ao “Aprender com a Arte”, às nossas ações que eram realizadas durante o período de férias e ocupação, não era bem uma ocupação de tempos livres porque nós entendíamos mais como um workshop continuado, precisamente com o mesmo grupo durante 5 dias da semana era das 9h às 18h e também tínhamos ao longo dos anos crianças que cresceram connosco, portanto que entraram para cá com 6 anos e que aos 12 ainda continuavam a vir. Eu julgo que nessa altura entre 2004 e 2007 na altura em que o museu faz a sua mudança para a câmara, porque há um segundo restauro, aí nessa altura tenho a perceção que nós tínhamos um número de público mais significativo do que temos atualmente. Também porque tínhamos muitas ações, não tínhamos infelizmente um registo que fosse a par e paço com cada ação, por isso mesmo é que eu uso a palavra “eu tenho a perceção” porque números exatos e precisos não os tenho, era na altura uma das nossas falhas que agora estamos a colmatar, que era o tratamento pós atividades e o tratamento de avaliar a atividade a nível de objetivos propostos se eram alcançados ou não. Se nos surpreenderam porque algum dos objetivos que não tínhamos pensado surgiram, essa avaliação era feita, não era feito um registo exaustivo do número de visitantes, fchas etárias, registo exaustivo das instituições que nos procuravam, embora eu tenha a perceção que muitas das instituições eram fidelizadas portanto procuravam-nos a miúdo. Este ano e no ano passado para além da conjuntura, toda a gente usa esta expressão mas é verdade, para além da conjuntura nós tivemos também uma nova adenda que modificou também um pouco o acesso aqui ao museu só recentemente é que as escolas do concelho, em reunião de câmara, foram isentas ou foi decidido serem isentas no acesso portanto à visita ao museu e de ateliês que aqui no museu se façam mas até finais de 2011. As escolas tinham uma taxa associada e isso parece que não mas dado que falamos de 2€ por aluno e temos que ser avaliados a nível de apoios sociais escolares, era sem dúvida um dos motivos de afastamento das escolas... **(e do restante público?)**...e do restante público também porque a entrada antes dava acesso a tudo era de 1€, as próprias festas de aniversário iniciaram

gratuitamente, portanto durante um ano fizemos várias festas de aniversário de forma gratuita e depois começaram-se a pagar 2€, os próprios ateliês de ocupação de tempos livres ou os ateliês de férias “Aprender com a Arte” passou de 2,50€ por semana para 50€ por semana, todas estas modificações de aumentos de taxa também se fizeram refletir na adesão do público e até os próprios cursos, nós antes promovíamos cursos, cursos de ervas aromáticas, de teatro, também promovemos agora mas era um curso que não tinham, alguns deles eram gratuitos e outros tinham um valor quase simbólico de 10€ a inscrição por dois meses por exemplo e agora não, também esses valores mudaram.

13. Qual é o público mais difícil de chegar?

Basicamente é muito o público que tu estás a trabalhar agora para o 18 de maio, embora eu tenha a perceção, mais uma vez falo em perceção, de que esta casa é apelativa para jovens, o próprio discurso, se falarmos do museu e se calhar é melhor focarmo-nos no museu, porque já a galeria por exemplo tenho um outro tipo de perceção na galeria municipal, e tenho outra perceção nos restantes museus da MUMA, lá está, eu falo de perceção porque falo de experiência, na galeria municipal a não ser que sejam grupos que vão propositadamente porque são levados pelo professor portanto no âmbito escolar, professores que fazem a preparação prévia da atividade com os seus alunos, os restantes grupos que foram recebidos por mim pelo menos. A linguagem da arte contemporânea e da arte abstrata por vezes torna-se um pouco estranha, invulgar e até enfadonha mas é uma arte ou é uma expressão estranha para eles a não ser que venham, lá está se vierem preparados pelo professor é muito mais fluente o diálogo, mas tentar dialogar sem os alunos estarem preparados porque vieram para aquela exposição porque até foram contactados, a escola foi contactada pelo SE mas não houve um entrosamento um engajamento dentro do público com o que iam ver, choca muito e não facilita o diálogo que se pode ter com os grupos. Aqui na casa (MQS) curiosamente é apelativo até a própria forma como está disposta, a casa museu uma abordagem da casa museu no primeiro piso e um centro de arte no segundo piso, até essa separação acaba por ser apelativa para grupos com essa idade. Como é que funciona, como é que podemos ver formas de trabalhar com jovens aqui no MQS, podemos pensar em formas da diferenciação e das diferenças entre o que é que era um espaço do séc. XIX uma casa nesse século e o que é um espaço uma casa nos dias de hoje, isso costuma ser apelativo para jovens mesmo como a moda, a moda costuma ser um tema muito apelativo para eles e o próprio conceito de harmonia que se sente em toda a casa, a harmonia criada pelo arquiteto Nicola Bigaglia. Como já é muito raro isto ser visto, é também um foco de atenção para público desta idade, mas é sem dúvida o público que eu julgo que está mais em falta a nível de ser trabalhado, só jovens. Público sénior, podia ser quer dizer todos os públicos deviam ser mais trabalhados.

14. Quais as estratégias que têm utilizado para captar esse público?

O “Salvé Língua de Camões” foi muito desenvolvido nessa perspetiva e funcionava, e este ano só recentemente é que tivemos orientações para poder promover o “Salvé Língua de Camões” em escolas secundárias, isto porque nós há alguns anos fazíamos o “Salvé Língua de Camões” fora de portas e tivemos alguma experiência com o público, inclusivé tivemos uma peça do “Salvé” que foi feita por reclusas de santa cruz do bispo foi apresentada aqui no museu, e foi apresentada também lá em Santa Cruz do Bispo para a comunidade feminina reclusa. Tivemos essa experiência durante 2 anos, no ano passado não tivemos orientações para o fazer, este ano também continuamos sem orientações para o fazer com a comunidade reclusa, mas já tivemos orientações para fazer o “Salvé” fora de portas e em escolas, então a nossa proposta vais ser apresentar na semana aberta de final de período não digo uma peça inteira mas digo um show case, um excerto da peça. Isto porque o “Salvé” é também uma proposta muito informal, e por ter também ligações às novas tecnologias tem ligação com o autor que está do outro lado do atlântico a falar com o público, não é, acaba por ser também um ponto importante para a comunidade jovem que é muito ligada às novas tecnologias e ao acesso à informação e à comunicação, mas eu julgo que até é mesmo pela própria estrutura informal do “Salvé Língua de Camões”, não é, efetivamente o autor não está no palco, portanto há uma proximidade gritante de quem está a interpretar o texto e a informalidade presente na própria proposta. E depois tínhamos os nossos cursos, tínhamos um programa de cursos, que até tinha teatro para jovens por exemplo, mas este ano não estamos com um programa de cursos muito extensivo muito completo, porque foi nos dadas orientações para não ser a aposta fulcral para este ano.

Falta-nos uma estratégia de comunicação direcionada para o publico jovem, isso sem dúvida, o facebook não é só pelo facebook é necessária uma estratégia mais diversificada de comunicação e promover, que também é uma das propostas do SE, promover na área da música, julgo que a música é uma boa arte para captar público jovem e aqui com certeza faríamos a relação, depois chamaríamos o público para dentro do museu, iríamos arranjar assim outra ação em paralelo para conseguir chamar o público para dentro do museu, mas sem dúvida a proposta que nós tínhamos que era de fazer festas na quinta com música moderna portuguesa com projetos divergentes da música moderna portuguesa, isso ia ser uma das formas de captar o público jovem. Para além disso faltava-nos algumas instalações, algumas performances e algumas ações dentro de expressões artísticas mais atuais, mais contemporâneas, falta-nos isso também e ter sem dúvida uma boa estratégia de comunicação e de divulgação por trás. Nada adianta pensares em propostas se não chegarem até ao teu público-alvo, é frustrante e isso já me aconteceu.

15. Na tua opinião qual é o relacionamento que os jovens têm com a arte?

Eu não gosto de generalizar, de um modo geral é um publico que precisa de ser cativado, estando cativo (risos) consegue-se trabalhar tudo mas é essencial ser cativado e formas de

cativar público jovem passam sempre por surpreender e por responder lá está também aos seus anseios, falta ouvi-los e acordá-los porque por vezes dá-me a, que é a minha perceção e mais uma vez lá vou eu generalizar e eu não gosto de fazer isso, mas tenho a perceção que o público jovem precisa de ser acordado, acho que às vezes os jovens são ouvidos mas não são levados muito a sério, mas isso é um problema geracional mas são ouvidos por vezes precisam mesmo é de ser acordados. Eu tenho a perceção e mais uma vez em alguns grupos que recebo, faço inventários a partir dos 15-16 anos que a criatividade e a dúvida não são exatamente áreas muito trabalhadas neles, mas isto falamos depois de estruturas ao nível do ensino e por isso mesmo é que eu digo do acordar, precisam de ser acordados na medida que a criatividade deles já está muito estrangulada pelos próprios programas educativos aos quais os professores também são obrigados e não estou a... Não porque à programas muito fixos que muitas vezes também toldam a criatividade e a forma de apresentação....

16. Qual a influência da arte nos estilos de vida?

A arte só pode melhorar a tua vida, porque a arte é importante para tu te redimensionares, te reposicionares, a arte tem um papel fulcral como que de terapia sabes, para a tua vida no dia a dia.

17. Há jovens na tua vida?

Sim há, familiares são bastantes até! Tenho muitos amigos e familiares jovens, aliás a maior parte dos meus amigos são um bocadinho abaixo dos 30 anos.

18. Qual a relação que tens com esses jovens?

Uma relação boa, agora e como sou mãe sinto alguma diferença entre nós, pois aí há comportamentos diferentes mas barreira ao nível próprio de pensamentos, de opiniões não sinto diferença nenhuma.

19. Qual a tua visão sobre os Jovens de agora?

Eu não gosto de generalizar, efetivamente não gosto de sacos plásticos (risos) embora eles andem todos nos mesmos circuitos, é normal, se formos pensar aqui em Matosinhos não há muita oferta, há sítios que são vistos como locais para frequência jovem mas que abrangem ali muitos outros grupos de jovens, no Porto já se diversifica, cá são dois grupos diferentes e andam nos mesmos circuitos. No Porto já não se sente tanto isso pois dois grupos totalmente diferentes andam efetivamente em sítios diferentes porque há mais oferta, só por isso, se fores por exemplo para Seia ou para Oliveira do Hospital, todos os grupos desde o Heavy metal ao que gosta de Shakira frequentam os mesmos espaços porque só há aqueles espaços onde os quais os jovens se sente bem. Mas também vês alguns grupos que inovam, quando se fala de preferir este local ou aquele por exemplo há grupos que gostam de estar no jardim, que não é um local onde um jovem (risos) normalmente é visto mas alguns jovens gostam de estar e aí já há alguma inovação, quer de noite quer de dia, mais

provavelmente associado a outro tipo de consumos a outro tipo de necessidades que não podem ser realizadas no interior de um estabelecimento, mas de dia já se vê também no jardim jovens a curtir, mas sim vou ensacar vou generalizar, mas a vontade de, não é o motor que os faz levantar e ir num grupo não são todos assim, não é, há sem duvida uma grande parte que é seguidora e a outra que lidera, mas isso há em todos os grupos, de todas as idades, tu sentes mesmo quem lidera e quem segue, nestas coisa do ir, do vamos.

20. Achas que o 18 de maio vai resultar na captação de público jovem?

Acho que sim, sim, nós tivemos em 2003 o “Museu Non Stop” foi antes do “Serralves em Festa” da primeira edição deles que nós nem sabíamos que ia haver “Serralves em Festa”, só mais tarde é que surgiu a divulgação, nós no 18 de maio fizemos o “Museu Non Stop” e tivemos portanto das 10h da manhã do dia 18 até às 10h da manhã do dia 19 e à noite nós tínhamos da meia noite às 2h o visionamento de filmes, filmes antigos de Matosinhos e depois às 3h da manhã tínhamos uma visita teatralizada e depois engajava outra vez no visionamento de filmes, e tivemos muitos jovens que tinham vindo do “Batô” e vieram à visita e tivemos outras atividades durante o dia. Mas lá está, como também convidámos escolas não é, eles vinham também porque a escola tinha sido convidada mas tivemos também jovens, mas curiosamente o grupo de jovens que veio sem ter sido trabalhado para vir com a escola foram esses senhores e senhoras que vieram às 3h da manhã para ver a “Rosa Maria”, e correu bem esse dia todo, foi um dia de loucos mas foi assim muito enriquecedor e muito louco mesmo porque ainda éramos menos do que os que somos agora, portanto foi uma carga horária assim de loucos mas correu muito bem.

Museu da Quinta de Santiago

Informações Gerais:

Edifício

A Missão: Preservar e divulgar a memória histórica de Matosinhos e Leça da Palmeira através da arte é a missão central deste museu municipal tutelado pela Autarquia de Matosinhos.

A Casa de Santiago, concluída presumivelmente em 1896, foi construída para residência da família Santiago de Carvalho, com projeto do arquiteto italiano Nicola Bigaglia.

A Casa compõe-se de um primeiro piso, térreo, onde se situava a cozinha e a carvoaria (e hoje a cafetaria do museu); um segundo, que corresponde à entrada principal e no qual se localizavam dois salões, a sala de jantar e o jardim de inverno, e que era destinado à receção dos visitantes e encontros sociais (e que é hoje um espaço musealizado, procurando recriar o ambiente original desta casa); um terceiro piso, destinado aos quartos (atualmente vocacionado para exposições de arte do museu); e finalmente as águas furtadas, anteriormente uma área destinada aos criados (hoje ocupada com os serviços administrativos do museu).

Breve Historial do Museu

Criado em 1996, o Museu encontra-se instalado num edifício histórico, em local proeminente da cidade, rodeado por um jardim. Adquirido pela Câmara Municipal em 1968, o imóvel é testemunha privilegiada das profundas transformações urbanísticas e sociais que a cidade conheceu nos últimos cem anos. A preservação da memória histórica é, assim, fortemente potencializada neste espaço que, recordando muito do que Matosinhos/Leça foi no final do século XIX (refúgio de poetas e pintores, local de veraneio e de moda da elite burguesa e intelectual) permite também (porque debruçado sobre o porto de Leixões e com base nas suas coleções) abordar as transformações portuárias e industriais da cidade ao longo do século XX.

Encerrando para obras de restauro da estrutura a 29 de julho de 2006, reabriu em 28 de junho 2009, mantendo a linha orientadora de ser um espaço de arte e cultura no qual, além das exposições, têm lugar concertos de música, apresentações teatrais e de dança, conferências, ateliês artísticos, cursos, entre outros.

Integra, desde 2003, a Rede Portuguesa de Museus criada pelo Ministério da Cultura, e é um dos espaços museológicos fundadores da MuMa – Rede de Museus de Matosinhos.

Tutela

Câmara Municipal de Matosinhos

Informações

Rua Pinto de Araújo

Localização: 41°11'34.49"N | 8° 41'28.89"W

OU

Rua de Vila Franca, 134, 4450 - 802 Leça da Palmeira

Telefone : 229 9 52 401 / 939798900

Email: museuqsantiago@cm-matosinhos.pt

Site: www.cm-matosinhos.pt

Acessibilidades

Autocarros STCP (nº507)

Autocarros Resende (nºs 105, 106, 120)

Metro do Porto (Estação Mercado de Matosinhos, linha Azul – A)

Horário Museu | Espaço Irene Vilar

De 1 de outubro a 31 de março

3.ª Feira a 6ª feira: 10.00h-13.00h e 15.00h-18.00h | Sábados, domingos e feriados: 15.00h-18.00h

| Encerrado: 2ª Feira

De 1 de abril a 30 setembro

3.ª Feira a Domingo: 10.00h-13.00h e 15.00h-18.00h |

Feriados: 10.00h-13.00h e 15.00h-18.00h | Encerrado: 2ª Feira

Horário Jardim

De 2 de janeiro a 31 de dezembro

2.ª Feira a Domingo: 10.00h-18.00h

Ingresso Museu

Bilhete de Entrada: 1,00€

Ateliês e visitas especiais: €2,00

Descontos

Desconto no bilhete de entrada para portadores de cartão Matosinhos Jovem e cartão Matosinhos Sênior

Isenções

Entrada gratuita ao domingo à tarde; Visitas de escolas do Concelho de Matosinhos; Menores de 12 anos acompanhados.

Serviços Disponibilizados ao Público

Loja

Cafetaria
Esplanada
Auditório
Espaço de Serviços Educativos

Exposição atual:

Patente até 17 fevereiro 2013

TRAÇO LINHA FORMA

Nesta exposição, que resulta da participação da Autarquia na *DESENHA '12 – Trienal Movimento Desenho*, o desenho é abordado sob várias facetas e funções:

O desenho como estudo. No Salão Luís XVI, espaço mais nobre do edifício, expõem-se um conjunto significativo de desenhos e esboços originais, aquando do projeto de construção da Casa de Santiago, em finais do século XIX, da autoria do prestigiado arquiteto veneziano Nicola Bigaglia e do antigo proprietário João Santiago, coleção da Família Santiago Sottomayor.

O desenho técnico de arquitetura. Na Sala de Jantar, procura-se recriar um gabinete de arquitetura, na mostra dos diferentes materiais e equipamentos de desenho técnico. Destaque para o estirador que pertenceu a Siza Vieira, onde terá projetado inúmeras obras célebres, assim como para o projeto de restauro da Casa de Santiago, da autoria de Fernando Távora, e de plantas e alçados elaborados por Álvaro Siza, espólio do arquivo histórico municipal.

O desenho de arqueologia. Na Sala do Piano, damos a conhecer o importante trabalho de registo, através de desenhos, na sua maioria da autoria do arqueólogo matosinhense Joaquim Neves dos Santos (1918-1979), de peças e artefactos arqueológicos encontrados no concelho, como forma de estudo, investigação e inventariação, coleção do Gabinete Municipal de Arqueologia e História.

O desenho topográfico. Na mesma sala, com base no espólio da Autarquia, pretende-se dar a conhecer um conjunto de plantas topográficas, que descrevem de forma exata e detalhada um determinado lugar e sua implantação no terreno. Equipamentos e utensílios associados a esta atividade estão também expostos.

O desenho como obra de arte. No segundo andar do museu, no antigo piso dos quartos da família Santiago, expõem-se de forma cronológica, desde meados do século XIX até aos inícios do século XXI, cerca de três dezenas de desenhos, que integram a coleção artística da Câmara.

ATIVIDADES EXPOSIÇÃO TRAÇO LINHA FORMA

CARVÃO À VISTA - ateliê de desenho.

Atividade de expressão plástica, desenho à vista , aprendizagem de várias técnicas e desenvolvimento na manipulação dos diversos materiais.

Públicos: PRÉ – ESCOLAR, ENSINO BÁSICO E SECUNDÁRIO

Atividades adaptadas a PÚBLICO COM NECESSIDADES ESPECIAIS.

DURAÇÃO: 2 horas

CUSTO: 2€/participante

HORÁRIO: 10h-12h, 15h-17h

DATAS - NOVEMBRO: 7, 9, 14, 16, 21, 23, 28, 30 | DEZEMBRO: 5, 7, 12, 14

JANEIRO: 2, 4, 9, 11, 16, 18, 23, 25, 30 | FEVEREIRO: 1, 6, 8, 13, 15

PARTICIPANTES [1 turma/sessão]

Informações e Marcações: casadobosque@cm-matosinhos.pt

CARVÃO À VISTA - ateliê de desenho.

Atividade de expressão plástica, desenho à vista, aprendizagem de várias técnicas e desenvolvimento na manipulação dos diversos materiais.

Público GERAL

DURAÇÃO: 2 horas

CUSTO: 2€/

HORÁRIO: 15 - 17h

DATAS: NOVEMBRO: 3 | DEZEMBRO: 1 | JANEIRO: 5 | FEVEREIRO: 4

PARTICIPANTES [Min. 5 | Máx. 10]

Informações e Marcações: casadobosque@cm-matosinhos.pt

DESENHO LIBERTÁRIO

Tendo como ponto de partida a aprendizagem do desenho, a que não se esgota num contexto de aula, e sim a que se consolida numa prática quotidiana e em contextos informais, esta atividade é baseada em quatro simples exercícios:

1º - o participante desenha sem qualquer orientação e sem definição de tempo.

2º - a conceção gráfica obedece ao seguinte princípio: traçar linhas até percorrer na totalidade a figura;

3º - o participante traça linhas (de modelação) evitando os limites de contorno da figura;

4º - sem olhar para o papel, elabora o registo gráfico correspondendo o registo motor ao da velocidade do registo visual.

Público: ENSINO BÁSICO 2º e 3º ciclo, ENSINO SECUNDÁRIO

DURAÇÃO: 1h30 (aprox.)

CUSTO: 2€/participante

HORÁRIO: 10h30 - 12h00

DATAS - NOVEMBRO: 6, 13, 20, 27 | DEZEMBRO: 4, 11 | JANEIRO: 8, 15, 22, 29 |
FEVEREIRO: 5, 12

PARTICIPANTES [Min. 10 | Máx. 25]

Informações e Marcações: casadobosque@cm-matosinhos.pt

Q2 –MUSEU ABERTO ATÉ Á MEIA NOITE

VISITAS TEATRALIZADAS pelos serviços da Casa dos Santiago.

Público: GERAL

DURAÇÃO: 1h00 (aprox.)

CUSTO: 3€/participante

HORÁRIO: 21h30

DATAS - NOVEMBRO: 15 | JANEIRO: 10 | FEVEREIRO: 14

PARTICIPANTES [Min. 10 | Máx. 25]

Informações e Marcações: casadobosque@cm-matosinhos.pt

OUTRAS ATIVIDADES

Casa do Bosque – Serviços Educativos da Câmara Municipal de Matosinhos

Além de visitas guiadas adaptadas a diferentes tipos de público, o Museu e a Casa do Bosque - Serviços Educativos da Câmara Municipal de Matosinhos, asseguram ao longo do ano:

Visitas Teatralizadas diversas personagens realizam as visitas teatralizadas, como a Aia Maria Felicidade, Conchita, a Criada espanhola, o Mordomo Batista, o Cocheiro Gervásio, a Criada Rosa Maria. Público: Geral

Visitas Animadas- para público com necessidades especiais, recorrendo a contornos de objetos associados à utilização dos espaços da Casa dos Santiago.

Visitas às escuras, direcionada para os pormenores decorativos da Casa. Público: Geral

Aprender com Arte - Ateliês nas férias vocacionados para o desenvolvimento de conhecimentos nas artes plásticas e para a descoberta do património concelhio. Cada ateliê tem a duração de uma semana. Horário das 9h30 às 18h. Público: Infantil e Juvenil.

O Museu é + velho do que eu – Festas de aniversário. Através de visitas guiadas e da realização de oficinas, o Museu assegura a componente pedagógica no dia da festa. Público: Infantil (dos 6 aos 12 anos)

Criança traz adulto: no primeiro domingo do mês há atividades para as famílias. Público: Famílias.

Cursos e oficinas - Astronomia, pintura, teatro para crianças, desenho, curso de história da arte,

curso de história e património de Matosinhos, cursos de história do porto, viagens.
Público Geral.

Edições do Museu

- A Casa de Santiago em Vila Franca. Leça da Palmeira no final do séc. XIX, 1996 (livro)
- António Saura. Obra Gráfica, 1996 (brochura)
- 7 Jovens Escultores de Passagem, 1996 (brochura)
- Rui Anahory. Formulações Mínimas, 1996 (brochura)
- Dordio Gomes. Frescos, 1997 (brochura)
- Resende. Sinais no Tempo e no Espaço, 1998 (brochura)
- Quadros da Coleção do Prof. Pina Cabral, 1999 (brochura)
- Na Casa de Santiago há cem anos atrás, 2000 (livro)
- Panorâmicas. Fotografia de José Manuel Rodrigues, 2003 (desdobrável)
- 150 Anos. Elevação de Matosinhos e Leça a Vila, 2003 (catálogo/desdobrável)
- Augusto Gomes. Ilustrações 1935-1937, 2003 (catálogo/desdobrável)
- Jovens escultores, 2003 (catálogo/desdobrável)
- Diversas coleções de postais com reproduções de obras do espólio do Museu
- . Esculturas de andar e ver. Onze projetos no Jardim da Quinta de Santiago, 2004 (catálogo)
- . Irene Vilar, do gesto ao gesso, 2005 (catálogo)
- . Mandar acender o céu. Augusto Gomes, o TEP e Matosinhos, 2005 (catálogo)
- . Urbevoluções. Telas de Matosinhos séc. XIX-XX, 2009 (catálogo)
- . Ecce Homo. António Carneiro, 2010 (catálogo)

Outros

O jardim, convidativo a uma tarde de deleite, dispõe para usufruto do visitante espreguiçadeiras e baloiços suspensos.

As antigas cavalariças, com a reabertura do museu em junho de 2009, foram transformadas em Espaço Irene Vilar: um espaço polivalente que inclui um auditório com uma mostra dedicada à escultora e áreas oficinais para os Serviços Educativos.

Em permanência, o Museu disponibiliza visitas à Cascata Leceira, situada na antiga casa do guarda.

Focus Group

(no início das atividades e antes do dia internacional dos museus)

Participantes: 1 grupo de 6 elementos; 1 grupo de 7 elementos

Duração: 1h/2h

Registo: Gravação e notas

- A visita aos museus faz parte dos vossos circuitos enquanto jovens? Porquê?
- A oferta museológica condiciona a adesão dos jovens aos museus?
- Na vossa opinião o que faz falta aos museus para atrair mais público da vossa idade? (quais as atividades que gostariam de encontrar)
- Qual a importância da relação dos jovens com as artes.

Focus Group: (no fim das atividades)

Participantes: 1 grupo de 6 elementos; 1 grupo de 7 elementos

Duração: 1h/2h

Registo: Gravação e notas

- Pós realização das atividades a vossa visão sobre os pontos anteriores alterou-se?!em quê?!

Nota: Não foi possível realizar um segundo focus group com os mesmos jovens pela falta de disponibilidades destes, para se prepararem para os exames nacionais e respetiva candidatura à faculdade. Como tal não foi possível voltar a reuni-los.

Focus Group – 7 participantes, realizado a 6 de março de 2013

Participantes: José; Verónica; Maria; Miguel; Carla; Vanessa; Amélia

Ação: Escrever a primeira palavra que vos vem à cabeça quando se fala em Museus

Verónica: “Seca”, porque os museus ultimamente não têm nada que chamem os jovens a irem lá!

Amélia: Eu pensei exatamente o contrário, eu pensei assim, vou pôr uma palavra que eu gostava que no museu estivesse inserida.

Carla: Eu associo logo a exposições, não sei se era suposto ser isto?!

Miguel: Eu pus tédio! Porque é aquilo que normalmente sinto, e eu falei com os meus primos sobre isso, os mais novos, e não gostavam nada quando tinham uma pessoa a falar para eles tipo: “aqui passou-se isto blá blá blá, ali foi aquilo blá blá blá (...)” tornando a exposição por si só mesmo entediante!!! Tem de ter algo que chame mais à atenção dos jovens, apesar de ser importante nós não queremos nada estar a ouvir o “Em 1900 aconteceu trá-lá-lá, passou-se isto e aquilo”, chega a uma altura em que as datas e o que ele diz já nos passa ao lado!

Vanessa: Antiguidade! Daquilo que eu me lembro de museus é que só tem coisas mais antigas e muito mais aborrecidas!

José: Explorar! Porque é algo que é suposto fazermos quando vemos uma exposição, explorarmos a vida do artista e pronto, é algo que comigo não acontece porque não me relaciono com muitas coisas, mas acho que é o suposto acontecer.

Maria: Monotonia! porque quando vamos a um museu estamos a ver os quadros, ou seja, cada um por si, cada um faz a sua observação do quadro, raramente conseguimos visitas guiadas porque tem de se pagar mais um bocado, também é chato porque as visitas guiadas é em grupo e quando é em grupo não conseguimos ouvir tudo, porque os guias não usam microfone não é, e acho monótono estarmos a olhar para um quadro sem termos atividades ou sem ter algo lúdico.

Com que frequência vão aos museus?

Verónica; Vanessa; Miguel; Carla; José; Amélia – Não vamos.

Amélia: Gostava de ir porque só vou a Serralves e com a escola.

Carla: Em visitas de estudo da escola.

Maria: Gostava de ir mais, mas não tenho companhia e também é monótono ir sozinha.

Amélia: Pois...

Carla: Eu aqui não vou aos museus, só vou aos museus quando vou assim a uma terra diferente, se for a Lisboa por exemplo vou aos museus.

Amélia: Acho que o que acontece quando entramos num museu, é perceber que ele não era nada daquilo que estávamos a pensar.

Miguel: E a informação que recebemos lá não é aquela que estávamos à espera de receber, muitas vezes o cartaz é Wooh espetacular e chegamos lá e depois fica um bocado aquém!

Amélia: Acho que os museus, hum não sei explicar bem isto, mas acho que não devia ser só a exposição do artista, ter só ali o quadro, acho que por exemplo na parede devia haver assim uma intervenção do próprio museu.

Maria: Ter por exemplo o pincel que o artista utilizou para fazer aquele quadro, já mudava tudo, ou o resto das tintas, isso já é diferente.

José: Não sei lá está, nós ao exploramos as obras do artista exploramos o espaço psicológico dele, talvez, Eu acho que nós talvez nos interessemos mais pelo espaço físico associado ao psicológico.

Miguel: Eu pego um bocado na palavra dele, explorar, e penso que talvez se os museus explorassem mais a arte atual, pronto é certo que pode ser importante para o nosso conhecimento ensinar-nos a nós jovens a vida de antigamente, os artistas antigos mais famosos como é lógico, mas o que está a sobressair agora não são os artistas antigos não é mesmo a pintura, o que está a sobressair agora é o Hip Hop, são os graffitis, talvez este tipo de arte fizesse os jovens ir mais aos museus, se calhar explorar mais esta vertente. A maior parte dos museus quer por exemplo um Van Gogh ou então um artista que já morreu há mais de 500 anos atrás, em que é que isso atrai um rapaz ou uma rapariga da nossa idade...

Maria: Não deixa de ser arte!

Miguel: (...) sim tudo muito bem mas não atrai, pelo menos eu acho que não atrai, os miúdos da nossa idade para ir ao museu ver isso, mas agora se meteres lá algo ligado ao Hip Hop.

Maria: O graffiti também não atrai, só se for por causa das cores, mesmo assim eles ficam a olhar para aquilo e...

Carla: E graffiti à na rua!

Miguel: Exato.

Amélia: Eu vi um graffiti mesmo giro e depois tentei pô-lo no meu diário gráfico, eu adorei aquilo, eu vi-o no meio da rua e adorei mesmo aquilo.

Miguel: Há certas coisas que...

Carla: Tem de ser num contexto.

Miguel: (...) podiam ser mais bem materializadas.

Verónica: Podes ter uma peça de Van Gogh ou outra peça antiga e recriar aquilo para os dias de hoje, para que os jovens possam ter interesse de ir lá ver, sei lá, por exemplo uma instalação, por vezes os museus podiam fazer instalações que chamasse os jovens e, mesmo assim, ter os trabalhos antigos, ter artistas que são antigos.

Maria: Eu costumo ver exposições de fotografias, e a fotografia mostra o lado psicológico do fotógrafo, ou seja, ver o mundo sobre a objetiva e o olho do fotógrafo, mas não há nada físico, nós estamos a olhar para as fotos mas não conseguimos imaginar nada em concreto para nos podermos basear, se calhar até ter a própria máquina, fotografei com esta máquina, é este modelo tem estas características e dá para fazer um efeito como o que está naquela fotografia, conseguimos ver sei lá, por exemplo uma fotografia tem uma planta, trazer uma amostra da planta era interessante em

vez de se estar só a olhar para a fotografia, porque estar só a olhar para a fotografia só imaginamos aquilo, mas não nos transmite grande coisa. Por exemplo, fotografar um olho, é muito bonito o olho e toda a gente tem olhos, uns de uma cor outros de outra, mas precisamos de saber o que é que ele fez para chegar lá, sei lá, até uma simples descrição debaixo do quadro. Outra coisa, e já que peguei neste assunto, a minha mãe vai ver uma exposição e diz: - Eu olho para aquilo e não percebo nada do que está lá, não sei nada de arte e estavam lá uns rabiscos no quadro! Se tivesse uma descrição, ou mesmo, uma simples frase do artista debaixo do quadro já muda.

Amélia: Faz toda a diferença!

Maria: Exato.

Amélia: Por exemplo, eu gostava que os museus fizessem uma espécie de concurso e, que por exemplo, numa semana pusessem exposições das pessoas que participassem no concurso. Concursos abertos a novos artistas tipo novas oportunidades.

José: Eles existem! Eles acabam por existir.

(risos)

Verónica: Nós estamos em artes e por exemplo queríamos expor os nossos trabalhos e não temos essa possibilidade mesmo nos museus, não temos onde expor o nosso trabalho.

José: Redes Sociais, e quisermos entrar por aí eu acho que sim, que é uma ideia, uma forma de divulgarmos o nosso trabalho, redes sociais já que não temos espaços físicos nem conhecimentos, é uma boa aposta.

Amélia: Eu acho que isso nos museus acontece, porque as pessoas estão tão preocupadas em pôr um quadro de um artista muito bom, que se esquecem depois dos mais jovens.

Miguel: Exatamente.

Amélia: Aquilo é arte, concordo com a amostra mas as pessoas já viram aquilo tantas vezes, pode não ser ao vivo, podem ver na internet, eu por exemplo se vir um quadro na internet depois posso ver ao vivo, ok é sempre aquela cena do eih olha aquele quadro mas não ia ser nada wooh! Quando vemos um quadro na internet já sabemos como é que vai ser.

Miguel: Eu acho que falta dar valor ao artista de hoje, ao artista de agora, pronto, apesar de os de antigamente serem muito bons, sem duvida alguma, estão a deixar e como ela disse e muito bem, estão a deixar de lado os jovens e quando eu digo jovens refiro-me a pessoas até aos 40, os de agora que ainda estão vivos, estão a deixá-los de lado apesar dos trabalhos deles serem, não digo tão bons, mas a um nível bastante razoável, e neste momento nós temos é de dar valor àquilo que temos e, sem deixar de parte como é lógico os míticos não é, eu acho que os museus têm mesmo de dar valor ao que têm, e à artista portuguesas jovens com imenso talento e que têm ficado à margem.

Amélia: Não é só os jovens, por exemplo há várias pessoas na rua santa catarina que desenham e que não têm a oportunidade de expor o que fazem, só na rua!

E do ponto de vista de jovens que não são de artes, acham que eles sentem o mesmo?

Maria: Toda a gente que goste de praticar arte e mesmo não sendo de artes devia ter essa oportunidade, acho que não precisa de estudar, se falarmos em muitas das pessoas que estão em santa catarina muitas delas não estudaram artes e desenhavam melhor do que eu.

Miguel: A arte tem muito que se lhe diga, não é só pegar num lápis ou num pincel e fazer. Por exemplo um grupo que dança Hip Hop, nós temos na nossa turma um rapaz que dança Hip Hop, vê aquilo e diz ah eles fizeram uns trabalhos são jovens da nossa idade porque é que nós não vamos tentar, se calhar nós podemos dar alguma coisa aos museus que chame a atenção de outros.

Amélia: Era expor coisas de ciências.

Vanessa: Eu acho que uma forma de cativar os jovens é pôr coisas mais atuais e com interação.

Verónica: Sim, só o fato de interagir com o público, só a questão de interagir com o público já cativa mais.

Amélia: Podia haver uma parte de pintura, uma parte de cinema, outra parte de ciência, outra parte de...

Maria: Eu acho que nós só nos estamos a focar na arte e como disse o Marco, também damos muito valor aos clássicos, os artistas clássicos, estou a lembrar-me por exemplo de Fernando Pessoa que fomos à casa dele, ele escrevia mas também estudava astrologia, ele estudava muita coisa, por exemplo Leonardo da Vinci também fazia muita coisa, desenhava, dissecava corpos, estudava medicina, fazia muita coisa e nós só nos estamos a basear na arte, para o pessoal de ciências não é isso que importa, se fosse por exemplo um artista que estudasse os átomos, também gostava de ter essa exposição no museu, lá tá devíamos expor outras coisas no museu, abrangendo outras áreas. Todos nós temos gostos diferentes!

Miguel: E porque não fazer com que os jovens que não sejam de artes interajam na própria exposição do museu, já que nós de artes estamos a ajudar para cativá-los, que tal a melhor forma de os cativar é dizer a eles, tu podes participar, tu com uma ideia, com uma frase, um relatório que tenhas feito, alguma coisa pode resultar numa grande ideia para uma exposição, depois vai ser ótimo porque ia chamar amigos e conhecidos e depois isto espalha-se muito rapidamente porque as pessoas falam.

Verónica: E por exemplo a questão de, hoje em dia nós expomos num museu, é sinal que se nós estamos com a nossa exposição naquele museu, é porque somos bons ou é porque conseguimos ter reconhecimento do nosso trabalho, e depois é como se estivéssemos no cume de uma pirâmide, porque nós conseguimos fazer aquilo! É tão complicado nós jovens conseguirmos expor e ter nome no mercado.

Maria: Mas em Portugal isso não é possível porque dão mais valor às ciências.

Amélia: Em Portugal e se calhar nos outros países.

Maria: Só ouves tipo construir centros de investigação, um no Porto, outro em Lisboa, outro no Algarve e só ouves falar de museus e casas de artistas porque são os próprios artistas que dão uma ajuda monetária para fazer as casas.

Verónica: Estou aqui a lembrar-me mas não sei quando foi, tivemos a exposição do corpo humano que mostrava os músculos e não sei o quê e aderiram muitas pessoas, de ciências, de artes, foi tudo. Foi um interesse tal, para nós que estamos em artes foi para conhecer melhor os músculos e os de ciências também, foi uma exposição pensada.

Maria: Porque toda a gente quer saber disso, são temas que toda a gente gosta.

Amélia: E não só, é um tema que uma pessoa fica logo eyh que cena! Músculos, eyh a sério?!

(risos)

Miguel: Era uma questão de aplicar as artes às várias áreas, medicina, advocacia, mecânica. Há vários jovens que são loucos por carros, motas, porque não ir por aí, apostar aí. Nós desenhamos carros, desenhamos motores e coisas do género e isso vai captar alunos de fora, por exemplo desenhar músculos, e aí os de medicina talvez estivessem mais interessados, em advocacia desenhar por exemplo o juiz e as salas de tribunal em 3D, olhar para lá e parecer real. Há muitas coisas que se podem dinamizar para chamar os jovens aos museus, sem eles serem obrigados ou muito obrigados.

Verónica: Eu não sei porquê, mas insisto muito nas instalações nos museus...

Maria: E nas atividades.

Verónica: (...) um museu que tenha uma instalação é completamente diferente, é por exemplo o que ele estava a dizer da parte mecânica e motores, e nós podemos pegar por exemplo em peças de mecânica e fazer uma instalação, fica muito mais chamativo.

Carla: Para mim a pior parte é não contatar mesmo com a obra de arte, quando vamos a um museu passamos pelos quadros, vemo-los, observamo-los e depois, não nos marcam, eu pelo menos sinto que a mim não me marca de nenhuma maneira, estar ali a peça, olhar simplesmente para ela e depois seguir em frente, é quase como se estivéssemos a ver um centro comercial cheio de montras.

Maria: Do estilo, tu só vês e não compras.

Verónica: As instalações são boas porque em algumas podes tocar e nas outras podes fazer parte delas...

Carla: E como é que podes transformar uma exposição só de quadros em algo mais interessante?

Maria: Porque às vezes os quadros não transmitem nada e não és capaz simplesmente de arranjar uma palavra ou um sentimento que o descreva, mas se por outro lado lá tivesses uma nota do artista, podias sempre tentar perceber o que ele quis fazer e construir uma crítica, tinhas ali um ponto de partida!

Amélia: às vezes também tem a ver com a decoração, com o espaço! Já fui a museus, por exemplo, Serralves que os quadros estão todos direitinhos, seguidos naquela ordem, se a disposição deles fosse em diferentes posições a aleatória seria mais criativo!

Maria: Podes por exemplo, fazer uma instalação ligada aos quadros, um labirinto dentro de uma sala com esses quadros!

Verónica: às vezes não consigo perceber como é que há pessoas que ficam duas horas a olhar para um borrão! 5 minutos a olhar para um determinado quadro e eu fico chateada.

Amélia: Eu acho que depende do quadro, se for um quadro cheio de cor eu também fico a olhar para ele e a construir uma história.

Verónica: Então e se for um quadro que tem um quadrado no meio pintado de verde também ficas ali duas horas?!

Maria: Mas ficava muito tempo a olhar para a “Mona Lisa”.

Carla: Eu também.

Vanessa: E Eu!

Miguel: Fala-se na “Mona Lisa” e já toda a gente sabe o que é de cor e salteado!

Amélia: Eu acho que ficava mais tempo a olhar para um quadro com um quadrado do que para a “Mona Lisa”, para tentar perceber o que queria dizer o quadrado porque a “Mona Lisa” já eu sei!

José: Os abstratos, é preciso saber o que querem dizer, por isso perdemos mais tempo a olhar para eles.

Maria: Não propriamente, eu gosto dos clássicos e de perder tempo a olhar para eles, para os pormenores todos.

Carla: A mim a “Mona Lisa” atrai-me porque, há um programa de televisão que eu vejo, onde falam sobre as curiosidades dos quadros, falam por exemplo na possibilidade de aquilo poder ser um auto retrato do artista, e o fundo da paisagem também é associada a uma certa cidade, faz continuação de um lado para o outro, mas quando olhamos de repente não parece nada pois parece deslocado.

Miguel: É lógico que, esta é a minha opinião pessoal, se me pusessem à frente de três quadros, “Mona Lisa”, “Última Ceia” e aquele do Picasso que é a “Origem do Mundo”, que é aquele com um pontinho no meio da tela, é lógico que ficava lá a olhar pois sempre achei esse quadro uma barbaridade, como é que aquilo é considerada uma obra de arte?! Mas preferia e perderia mais tempo a olhar para a “Mona Lisa” e a “Última Ceia”

Amélia: Ah Eu não!

Vanessa: Isso vai sempre depender das pessoas.

Miguel: É como já disseram aqui, a explicação tem de estar lá, não pode ser só uma legenda a dizer sem título e sem data, e às vezes mesmo quando tem título não elucida.

José: Mas se tivesse a explicação não tinhas lugar para interpretações, por isso...

Miguel: Não tem de lá estar tudo mas podiam por exemplo colocar lá uma frase do artista, que permitiria às pessoas dar asas à imaginação, umas palavras, como ela disse e muito bem (Maria), que permite a quem está a ver concordar ou discordar do que vê, perceber melhor o que vê.

Maria: As pessoas precisam das descrições porque às vezes olham para lá e aquilo não lhes transmite nada, nós estamos familiarizados com as obras de arte e sabemos dizer mais ó menos

algumas coisas, mas há pessoas que não sabem nada, se perguntares sobre algumas obras de arte que temos no livro de filosofia a um aluno de ciências, ele se calhar não nos vai saber dizer nada!

José: Eu acho que aí cabe a cada um necessitar ou não das descrições, acho que por isso é que se deve ter optado por não haver!

Miguel: Se a intenção é captar jovens que não estão nem familiarizados nem sensibilizados para as artes, é importante que lá se coloque algo, com ou sem descrições, mas que lhes permita perceber aquilo que veem e como foi feito!

Qual é o vosso ponto de vista no que diz respeito à relação dos jovens com a arte?!

José: Amor à distância!

Miguel: De zero a dez -2!

Verónica: Inexistente!

José: Metafórica.

Maria: Eu acho que os jovens só vão aos museus quando à “Serralves em Festa” porque tem atividades que os atraem, tem concertos por exemplo, e tem coisas dinâmicas e alguns vão, nem que seja só para passear no jardim, andam cá fora nas atividades, não sei se vão lá dentro ao museu.

Carla: Eu acho que alguns vão ver a exposição, é gratuita!

Ação: Escrever a primeira palavra que vos vem à cabeça quando se fala em Facebook.

Miguel: Cusquice.

Amélia: Invasão.

José: Inevitável.

Maria: Comunicação.

Vanessa: Social.

Verónica: Facilidade.

Carla: Eu queria dizer algo que tivesse a ver com privacidade ou a falta de privacidade, mas acabei por pôr desperdício, de tempo. Eu por exemplo continuo a ter facebook só para ter acesso ao grupo da turma, mas depois acabo por passar lá muito tempo, que podia no fim do dia ter aproveitado muito melhor.

Maria: Não é só com o Facebook que perdemos tempo mas com outros sites, por exemplo, os sites de imagem.

Amélia: Sim. (risos) Eu não tenho FB e sou completamente viciada nesses sites

Miguel: Mas é sempre bom, pois podemos aprender algumas coisas com isso.

Amélia: Sim, no FB eu acho que é mais tempo perdido.

Maria: Eu acho que é meio meio, por exemplo, eu e a Verónica falamos muito na escola “até amanhã”, e eu já lhe disse que não é até amanhã mas sim até já, porque chegamos a casa e valos

logo falar pró FB, e é bom , porque eu vejo uma imagem e digo, podíamos fazer isto e envio-lhe a imagem para ela ver, ela vê outra e manda-me, temos muitas ideias que trocamos ali através do FB, isso não é tempo perdido, mas também passamos, também lá passamos muitas horas à espera que algo aconteça, ou a ver se se passa alguma coisa.

Carla: Se calhar depois também estão muito tempo no FB a procurar essas imagens que vos dão as ideias, que gastam aí tanto tempo e depois não as conseguem concretizar.

Amélia: Pois isso acontece muitas vezes!

Maria: Vou estudar para geometria e entretanto vou só ao FB 5 minutos...5 horas depois...

Miguel: (...) Vou jantar, e depois tou cansado...

Miguel: O FB é viciante.

Amélia: Eu não passo horas nenhuma.

José: Teoricamente.

Maria: Nós não gostamos mas passamos lá a vida!

Verónica: Toda a gente passa lá a vida, as páginas têm cor e imagem. Se um museu tiver página de FB toda agente vai poder saber o que lá acontece.

Maria: As imagens são sempre muito chamativas e o FB é bom por isso, porque tem muitas imagens, espetáculos, concertos, se uma pessoa seguir essa página e aparecer uma imagem que nos chame a atenção nós vamos ler a descrição, o que vai acontecer e quando vai acontecer.

José: Eu recentemente comecei a colocar no FB as obras que crio nas aulas.

Amélia: Nem pensar, depois as pessoas vão lá e apoderam-se delas como se não fossem nossas, eu não gosto dessas coisas.

José: Isso é uma questão de criar um logótipo e colocares na tua imagem...

Amélia: Mas as pessoas cortam...

Maria: Tens de meter marca de água...

Amélia: Então vou fazer FB e publicar lá algumas coisas.

Maria: Pois porque só 0,5% de jovens é que não têm FB.

Amélia: O FB muda as pessoas, principalmente as raparigas mas até nos rapazes se vê as mudanças.

Carla: E para muita gente aquilo parece um diário.

Amélia: Sim, eu quando tinha FB e ia sair dizia sempre para tirarmos fotos para colocar no FB e agora isso não me acontece, porque já não tenho e até tento não tirar fotografias.

Maria: É bom isso mas às vezes também é aborrecido. É bom, mas é como a Carolina diz, eu só ainda não apaguei o FB porque tenho lá o grupo da turma e dá jeito para trocarmos ideias e informações e os TPCs.

José: Alguns de nós nem têm FB nos telemóveis.

Maria: Eu tenho FB no telemóvel para casos extremos.

Amélia: Eu às vezes vou sair e aquilo é horrível, porque as meninas passam horas assim a clicar no telemóvel, espera tenho de pôr aqui uma coisa...

José: Isso é o avanço da tecnologia e não vai acabar.

Amélia: E por falar em FB, ouvi dizer que agora se vai começar a pagar as mensagens que envias para aqueles que não são teus amigos no FB, acho que li no jornal.

Carla: Então e quem não tiver FB?

Amélia: Não paga. Eu acho que os museus deviam ter coisas ligadas às obras que nós pudéssemos trazer sem pagar muito.

Maria: Uma vez estive numa exposição sobre dinossauros, igual a uma que houve agora recentemente e o que mais me marcou não foi ver os dinossauros, nem os esqueletos, foi ver a loja e trouxe de lá montes de coisas ligadas aos dinossauros, e também porque havia lá um que se mexia e a gente podia tirar fotos com ele, no fim havia um concurso de desenhos e então eu fiz para aí três desenhos sobre dinossauros.

Amélia: Pois foi, eu também fui.

Maria: Gostei, porque participei e deixei uma marca minha. Também era interessante se os museus oferecessem um lápis ou uma caneta ligada ao museu.

Carla: Sim, pagamos a entrada e no final ofereciam alguma coisa.

Verónica: Eu ia lá mais vezes.

Amélia: Eu também.

Vanessa: Depende, alguns museus não se paga e à domingos que também não.

Verónica: Os museus cobram bilhetes cada vez mais caros e mesmo ao domingo é o único dia que não se paga, então vai tar cheio, pode até não ter muita gente mas as pessoas pensam que sim, que vais estar cheio.

Maria: Tipo mentir é feio, quero estar em casa a dormir.

Amélia: Não se tiver solzinho até ia. Em Ponte de Lima há lá uma torre, que também faz muitas exposições, e eu vou lá com os meus Pais e não se paga nada.

Maria: Os museus também têm falta de divulgação, deviam estar mais presentes no FB.

Amélia: Eu acho que era mais giro se houvesse cartazes espalhados por toda a cidade.

Maria: Os cartazes são caros. Na rua Miguel Bombarda, eu não decoro quanto tempo é que aquelas exposições estão lá, se 7 semanas, se 3 meses, então vou ao FB ver quando é para poder ir à festa.

Nota: Este foi o primeiro grupo a realizar o Focus Group, antes da sessão estavam junto com o resto do grande grupo, com quem trabalhamos, a assistir um concerto de Jazz num espaço contíguo à escola.

Focus Group – 5 participantes, realizado a 13 de março de 2013

Participantes: Beatriz; Daniel; Alice; Carina; Mário

Ação: Escrever a primeira palavra que vos vem à cabeça quando se fala em Museus

Carina: Arte.

Alice: Quadros.

Daniel: Arte.

Beatriz: Arrumação.

Alice: Eu foi porque me lembrei, quando me lembro de museus lembro-me logo de quadros na parede, tipo “Mona Lisa” e coisas assim, foi a imagem que me veio à cabeça neste momento.

Carina: Eu foi porque os museus estão cheio de arte e, é tudo o que se vê num museu.

Daniel: Eu também escolhi essa palavra, porque também é o que se vê nos museus.

Beatriz: Eu escolhi arrumação porque é o que sinto, quando chego lá aos museus está sempre tudo muito arrumadinho, muito estático e muito certinho, não há nada desorganizado, se fosse por exemplo uma instalação artística gostava mais, pois a organização dos sítios onde têm as coisas expostas é diferente.

Com que frequência vão aos museus?

Daniel: Não vou.

Alice: Não vou.

Carina: Vou muito a Serralves porque é de graça, porque tem sempre exposições variadas, fazem workshops e feirinhas que me interessam e eu gosto de ir lá, também um pouco para conhecer, porque o ambiente é calmo, e quando estamos num dia assim mais atribulado é bom relaxar, e depois também temos o jardim, estamos ali rodeados de verde, o silêncio e é bom.

Beatriz: Eu não vou porque moro longe de todos os museus, eu moro na Senhora da Hora, antes até ia aqui ao CAM (Centro de Arte Moderna), mas chegava lá e perguntava quanto era, e quando diziam 3€ então eu voltava para trás, e também não tenho ninguém na família que queira ir comigo, ir sozinha não me puxa, é o que eu digo não acho interessante ir aos museus, os museus são uma coisa muito estática, arrumadinha, não puxa...

Daniel: Eu não vou muito, por falta de conhecimento pelo que está exposto e por falta de curiosidade, e é como ela disse (referindo-se à Beatriz), ir sozinho não é uma das coisas que me agrada muito, é mesmo mais por não saber o tema da exposição ou o porquê, e eu também não procuro muito isso, por exemplo, eu moro na Senhora da Hora e nem sabia da existência de museus lá até tu nos dizeres, eu conheço mais Serralves mas também ir lá é mais complicado.

Alice: É assim, eu até vou aos museus mas estranhamente não vou aos de cá, aos que estão perto de mim, por exemplo os meus Pais e eu desde miúda que fazemos muitas viagens e vamos a todo sítio, e sempre que vou, vou a todos os museus e tudo o que há à beira, mas aos de cá nunca fui praticamente a nenhum, só vou tipo a Serralves, acho que não vou, porque quando tenho tempo

livre prefiro ir a alguma coisa que esteja a acontecer, do que propriamente estar-me a deslocar para um museu, porque gasta-se dinheiro , pois vou pagar para entrar no museu e depois não se passa nada. Não me passa pela cabeça ir para sítios onde não se passa nada, é tudo muito parado, muito silencioso, estou sempre atenta ao que está a acontecer, não vamos de propósito ver uma exposição se não se passa lá mais nada, isso está fora de questão...

Bestriz: É o problema dos museus que querem conservar tudo direitinho...

Daniel: Eu não gosto nada disso, é muito silencioso, tens de ter muito cuidado...

Alice: É, porque há muitos eventos que acontecem que têm exposições e que toda a gente adora ver, só que cá está, a gente vai, há festa e vemos as coisas e elas têm algum sentido, não é vamos lá e olhamos todos em silêncio ...

Beatriz: ...não há interação...

Alice: ... e depois também às vezes não ter um guia à entrada, às vezes é tão...

Beatriz: Eu prefiro sem...

Alice: ... Eu prefiro com, porque às vezes há muitas coisas que eu não percebo nada

Beatriz: Eu gosto de fazer a minha interpretação, não gosto que me informem sobre o que está ali...

Alice: mas isso é relativo, há alguns que se não tiveres uma explicação não percebes nada do que pra ali está...

Beatriz: Mas para isso tens de pagar, senão ninguém te explica nada!

Alice: Por isso é que eu prefiro os museus interativos, como quero sempre saber tudo e também gosto de coisas que se mexam, tem mais barulho, mais movimento, por exemplo os museus de Londres além de serem todos de graça, são espetaculares e cheios de coisas gigantes e imensas coisas interativas, e mesmo a forma como as coisas estão expostas não é como aqui em Portugal, é mais dinâmico.

Daniel: Torna o espaço mais vivo

Alice: É! É espetacular, parece que estamos noutro mundo!

Carina: Pois é, são muito interativos!! E faz sentido, senão estamos apenas ali parados a olhar para as coisas, por isso é giro porque nós interagimos e divertimo-nos imenso porque podemos ter contato com as coisas, que no nosso dia a dia não temos acesso, e lá fazemos parte, é giro.

Alice: As próprias salas dos museus são uma obra de arte e sabe bem entrar lá.

Qual é o vosso ponto de vista no que diz respeito à relação dos jovens com a arte?!

Carina: Hoje em dia poucos são os jovens que se interessam por esse tipo de coisas .

Daniel: Não há nada que os chame para lá ir.

Beatriz: Na televisão passa muito e no FB, mas é coisas ligadas ao consumo, tipo rock in rio e isso, porque têm patrocinadores que têm dinheiro para divulgar o que acontece.

Daniel e Alice: Muita informação está na internet...

Carina: Mas muita gente acha uma seca ir a museus, acham aborrecido...

Daniel: Acham uma tremenda seca, o problema é que nos museus não se pode fazer barulho, para mim é muito difícil, se houver muito silencio, eu até tenho medo de caminhar porque faço muito barulho, e o silencio incomoda-me, não consigo estar em ambientes com muito silencio e isso incomoda-me bastante, e isso torna toda a exposição aborrecida.

Alice: Não é uma coisa enérgica, é uma coisa estática. E quando nós queremos ver alguma coisa podemos ir ver à internet, porque por exemplo, se são quadros dá para ver, não é igual mas também sem ser os mais conhecidos, porque uma pessoa tem mais curiosidade de os ver ao vivo, os outros que não são tão conhecidos uma pessoa pode vê-los na internet.

Carina: Às vezes vês o quadro na internet e até dizes que é bonito e tal, mas no fundo não te diz nada e depois ao vivo o impacto é brutal, também tem a ver com o tamanho, as cores que ao vivo são diferentes

Alice: Sim, quando passas por lá sentes isso, mas por vontade próprias às vezes não vais lá, para mudar de opinião é preciso passar pela experiência mas se não tiveres vontade de ir lá não mudas.

Beatriz: Eu acho que faria coisas diferentes, eu acho que há muitas formas de mostrar as obras às pessoas e podia-se mudar a forma como se colocam as coisas nos museus, é preciso que as coisas façam parte de algo e não estejam só ali, eu acho que assim ia mais vezes aos museus, até porque se funcionassem todos mais como Serralves que tem um espaço de lazer além da galeria.

Alice: Exato, um espaço onde tu podes conviver e por acaso tem exposições, tu acabas por ir ver.

Daniel: E eu acho que as pessoas se interessavam mais assim.

Alice: Ter coisas interativas, como as coisas estão dispostas para chamar mais a atenção e não tudo tão direitinho, quadros todos colocados uns ao lados dos outros em linha reta.

(Entretanto chega um dos membros do grupo que faltava)

Mário: Raramente, embora esteja ligado às artes, hoje em dia sempre que eu queira ver alguma coisa posso sempre ir ver à internet, tenho sempre esse recurso, embora seja muito mais divertido ir ao museu mas só se for na companhia das pessoas certas, pessoas essas que querem ir museu também. As pessoas não vão aos museus porque não se interessam, não sentiram essa necessidade de ocuparem os tempos livres com idas ao museu, é melhor ir para a praia! As exposições têm de ser muito interessantes para nos atraírem aos museus, as melhores experiências são as que partilhamos, depende muito de com quem vamos, de como estão dispostas as obras, porque por exemplo há museus que propõem atividades e há outros museus que não, porque captam mais o interesse da pessoa que está ali a interagir com a obra.

Mário: Se os jovens vão aos museus, a maior parte eu diria que não porque não têm absolutamente interesse nenhum, as razões podem ser as mesmas que as minhas ou então porque não se

interessam por museus, e também porque algumas pessoas não gostam de sair da sua zona de conforto e preferem fazer coisas que já conhecem e já estão habituadas

Mário: Para mudar e atrair os jovens aos museus, a primeira coisa que eu faria é música, é uma coisa que toda a gente gosta, não há ninguém no mundo que não ouça musica e que não goste de musica, mesmo aquelas pessoas que às vezes dizem que não, ouvem sempre musica, por isso, eu tentaria encaixar a musica com as obras, para criar ambiente, por exemplo, eu acho que a ideia de um acampamento é muito boa porque é uma coisa que não costuma acontecer, tentaria sempre inovar, pelo que é mais original, coisas que não costumam acontecer nos museus, que é isso que interessa às pessoas, principalmente às pessoas da nossa idade porque são coisas fora do comum, nós estamos a descobrir tudo ao máximo, queremos todas coisas novas, por isso se eu tivesse um museu tentaria sempre optar pelo mais original pelo mais fresco

Alice: Basicamente é quase que fazer eventos, porque nós, quando nós vamos sair, queremos é ir para as coisas que estejam a acontecer, um concerto ou uma festa, nós queremos é que esteja a acontecer alguma coisa. Por exemplo se o museu tiver um café, uma pessoa vai lá convive, porque uma pessoa ir a um museu simplesmente dá uma volta e depois o que é que faz, queremos fazer alguma coisa na mesma, uma pessoa não pode ir só ver o museu à tarde, tem de fazer mais coisas, ou seja, se uma pessoa pudesse ir a um museu como uma experiência quase para o dia todo, vai lá, toma um café, vê o que estava a acontecer lá, era muito melhor.

Mário: Por exemplo eu vou muito mais a Serralves do que a outro museu, porque tem ali o jardim ao lado.

Carina: Serralves é excelente, porque se quiser vejo a exposição, depois vou dar um passeio lá fora, o jardim é giríssimo!

Mário: Mas eu não costumo deslocar-me para lá só por isso, vou ao museu quando tenho de ir.

Carina: Eu não, eu vou lá muitas vezes.

Ação: Escrever a primeira palavra que vos vem à cabeça quando se fala em facebook

Carina: Social.

Beatriz: Para mim é mais cusquice.

Daniel: Eventos.

Alice: Festas.

Mário: Dependência.

Carina: O FB está associado e é uma maneira, não só mas para além disso, de encontrar pessoas, ficamos a saber de uma série de eventos e conhecemos páginas de artistas ou quem quer que seja, nós vamos conhecendo através do FB, pq o FB não é só para falar com amigos e cuscar, também serve como uma fonte de conhecimento, e hoje tem-se vindo a tornar cada vez mais como uma fonte de conhecimento e a deixar para trás aquela mais estilo Hi5, que era mesmo só para comentar

as fotografias dos amigos e partilhar comentários, e também, porque no FB podemos partilhar ideias, imagens de sítios onde vamos, que podem ser interessantes para as outras pessoas, criando mudança na vida delas, passar uma mensagem ou algo que faça as pessoas pensar.

Daniel: Eu escolhi a palavra evento, porque é através do FB que Eu sei o que se está a passar ou quais são as atividades que se vão realizar, é isso dá-me conhecimento dos eventos que se vão passar, que eu gosto e que possivelmente vou participar.

Alice: Eu por festas queria dizer eventos, eu hoje em dia não consigo viver sem FB, porque eu vejo o que vou fazer durante a semana toda pelo FB, eu tenho tudo sinalizado e ele (FB) avisa-me de tudo o que vai haver, é a minha agenda, e depois dependendo das pessoas com quem nos damos, agora há páginas mesmo das coisas e eles vão-nos convidando e postando lá a informação que nós gostamos, ou seja, mesmo coisas que nós não conhecemos e que vamos gostar eles vão lá e postam, e eu vejo e vou, depois as pessoas põem coisas relacionadas com outras que nunca vi e fico a conhecer ali, e podemos assim descobrir certas coisas mas principalmente os eventos, as páginas que aparecem, os grupos que se criam, por exemplo o grupo da turma e depois há grupos de outras coisas que te interessam, depois podes por exemplo criar outras páginas, eu criei uma para vender as coisas que faço, é ótimo para divulgar.

Mário: Eu disse dependência, porque vai um pouco de encontro ao que a Alice disse e ao que os outros disseram, e muito provavelmente ao que a Beatriz vai dizer, porque o FB não haja duvida que é uma coisa super útil, para ver eventos, datas de aniversários, para falar com as pessoas que estão mais longe, só que ao ser muito útil torna-se também muito uma ferramenta da qual nós nos tornamos demasiado dependentes, neste caso, eu acho, eu considero que embora seja uma ferramenta útil já não é a meu ver agradável, aqui não se junta o útil ao agradável, porque eu já dou por mim muitas vezes a abrir o FB e a dizer, bem eu vim cá fazer qualquer coisa, mas eu vou já fechar que é para não, não quero ficar dependente, não quero e não gosto de falar com as pessoas através de uma máquina, porque eu estou a teclar para o ecrã e não a falar com a pessoa, isto já há imensa gente que concorda comigo, mas apesar de concordarem comigo, há muita gente que continua no FB e prefere muitas vezes usar o FB em vez de ir simplesmente tocar à porta, que é uma coisa que antes quando era mais novo e não tinha nem Hi5 nem FB, nem telemóvel e queria falar com alguém, simplesmente ia bater à porta para falar com a pessoa que queria, as pessoas que eu vejo agora com a idade que eu tinha nessa altura, também já não fazem isso, as pessoas já se estão a condicionar ao uso das máquinas, eu vejo o FB, sinceramente, claro que foi uma boa invenção do Mark Zuckerber, embora já existissem redes sociais e é algo que é muito útil, mas eu sinceramente estou a ficar um bocado assustado, porque já está a ficar demasiado grande e não tarda nada os serviços secretos não vão precisar ter uma base de dados porque vai estar tudo no FB. Uma coisa que o FB faz e que eu acho absolutamente terrível, é que eu apago a minha conta do FB, fotografias, publicações, tudo, e quando volta a ativar uma conta no FB está lá tudo na mesma, ele

afinal não apagou nada e isso a mim faz-me confusão, eles têm lá apagar conta quando na verdade só estão a “adormecer a conta”.

Beatriz: Eu escolhi a cusquice, porque não acho que as pessoas em geral não estão preparadas para aquilo que é o FB, um mundo virtualmente, culturas a mostrarem-se e ideias diferentes e as pessoas a respeitarem-se mesmo assim, eu acho que não há capacidade ainda para isso e corre-se o risco de se darem mal se forem para lá (FB), eu tenho mesmo má imagem do FB, eu acho que se for para lá, o que vou criar é um perfil para fins profissionais ou informativos, mas eu não tenho paciência para gerir aquele tipo de página, porque é como ele disse (Mário), acaba-se por se ficar lá muito tempo e eu não quero nada disso, por isso eu não tenho FB.

Daniel: À exposições que poderia ter ido ou ir, mas como não tenho conhecimento delas através do FB não vou.

Alice: Também não há muita gente a partilhar coisas dos museus, então nós nunca chegamos a ver.

Carina: Por exemplo, Serralves em Festa são dois dias muito divertidos, também tem a ver com os amigos com que vamos, mas para além disso as atividades que eles têm lá e tudo são bastante interessantes e eu gosto muito de lá ir, nem que seja só uma tarde, e este ano não sabia quando é que ia calhar e fiquei a saber através do FB porque apareceu lá o evento na página, e eu fiquei a saber em que fim de semana era, eu já tinha pensado ir ao site ver mas nunca me lembro de ir ao site e o facto de estar no FB é só ligar o pc e vejo, senão passa-me ao lado, grande parte das vezes esqueço-me de ir aos sites procurar as coisas, e o FB está sempre ligado

Alice: Eu tenho sempre o meu ligado.

Daniel: Eu também, sempre aberto.

Se os museus tivessem mais presentes nas redes sociais os jovens aderiam mais?

Resposta de todos: Completamente.

Alice: Podia saber o que havia e ir mais vezes...

Daniel: Claro.

Nota: Este foi o segundo grupo a realizar a sessão do Focus Group, na semana seguinte ao outro grupo e no mesmo espaço. Faltou um dos elementos.

Guião entrevistas dia 18 de maio:

1. É pretendido com a entrevista fazer um levantamento sobre a opinião dos/as jovens, referente às atividades que decorreram no âmbito do dia e noite internacional dos museus.
2. O objetivo da entrevista é:
 - Perceber se havia jovens presentes pela primeira vez;
 - Se achavam as atividades interessantes;
 - Quais eram as preferidas;
 - Se repetiam a experiência;
 - Se fomos bem-sucedidos com a nossa intervenção.
3. Entrevistados:
 - Jovens visitantes.
4. Local e duração:
 - Museu Quinta de Santiago;
 - Entre 2 e 4 minutos.
5. Meio de comunicação:
 - Oral, gravada.
6. Planeamento da entrevista:

Tema: dados pessoais:

 - Nome
 - Idade
 - Localidade

Tema: opinião sobre as atividades desenvolvidas:

 - Se interessantes;
 - A preferida.

Tema: relação com o museu:

 - Se era a primeira visita;
 - Se voltam aquando de atividades similares.

- 1. Nome**
- 2. Idade**
- 3. Residência**
- 4. É a primeira vez que vens ao MQS?**
- 5. O que estás a achar das atividades?**
- 6. Qual foi a atividade de que gostaste mais?**
- 7. Se houvesse mais atividades como estas voltarias cá mais vezes?**

1. Mafalda
2. 25
3. Porto
4. Sim
5. Estou a gostar muito, há ideias muito interessantes.
6. Gostei muito da atividade dos Pins! Foi muito original!
7. Voltaria sim, claro!

1. Isabel
2. 17
3. Leça da Palmeira
4. Não
5. Tou a gostar muito, principalmente dos Gypsies
6. Dos concertos
7. Claro que venho!

1. Selmo
2. 14
3. São Mamede
4. Sim
5. Boas
6. Os concertos, vim mesmo por causa dos concertos
7. Volto

1. Pedro
2. 16
3. Leça da Palmeira
4. Sim
5. Por acaso estou a gostar das atividades

6. Gostei daquelas histórias que o senhor contou no jardim
7. Sim, sim

1. Marco
2. 20
3. Lavra
4. Não
5. Bastante interessantes
6. Os concertos sem dúvida
7. Com certeza que sim

1. Maria João
2. 13
3. Matosinhos
4. Sim
5. São muito fixes
6. Os concertos
7. Sim

1. Mariana
2. 13
3. Matosinhos
4. Não
5. Estão a ser muito boas
6. Adorei os concertos
7. Sim sim, claro

1. Joana
2. 13
3. Matosinhos
4. Sim
5. Estou a gostar muito
6. Os concertos
7. Sim

1. Daniela
2. 19

3. Rio Tinto
4. Sim é a primeira vez que venho
5. Eu gostei imenso de várias atividades, achei muito interessantes
6. Os concertos e a capoeira
7. Sim, sim

1. Ana
2. 17
3. Vila Nova de Gaia
4. Sim
5. São muito giras
6. Pedi paper
7. Sim, volto

1. Sofia
2. 24
3. Rio Tinto
4. Não
5. Estão a ser fantásticas
6. Gostei muito do conto de histórias
7. Claro que sim

1. Gabriel
2. 18
3. Águas Santas
4. Sim
5. São variadas e muito boas
6. Capoeira
7. Claro

1. André
2. 17
3. São Mamede Infesta
4. Sim
5. Muito boas
6. Os concertos
7. Com certeza absoluta

1. Bruna
2. 16
3. Santa Cruz do Bispo
4. Sim
5. São muito boas
6. Os concertos
7. Sim

1. Diogo
2. 16
3. Leça da Palmeira
4. Sim é
5. Tão a ser fixes
6. Dos concertos
7. Vinha

1. Teresa
2. 15
3. Leça da Palmeira
4. Não
5. São altamente
6. Os concertos
7. “Yah”

1. Francisco
2. 15
3. Vila do Conde
4. Não
5. São fixes
6. Os concertos
7. Sem dúvida

1. Francisco
2. 15
3. Perafita
4. Sim

5. Estão ser brutais
6. Os concertos
7. Sim

1. Diogo
2. 16
3. Freixieiro
4. Não
5. Bastante interessantes
6. Os concertos
7. Sim, sim

1. Bruno
2. 12
3. Vila do Conde
4. Não
5. Estou a gostar
6. Os concertos
7. Oh claro!

1. Ricardo
2. 22
3. Castelo Branco
4. Não
5. Estou a gostar muito, acho que deviam aproveitar e investir mais nestas iniciativas
6. Dos concertos sem dúvida
7. Sim, sem dúvida

1. Tiago
2. 20
3. Leça da Palmeira
4. Sim
5. Pelo que vi até agora acho que são boas
6. Os Pins
7. Sim voltava

1. Paulo

2. 20
3. Perafita
4. Sim
5. Estou a adorar
6. Das bandas
7. Vinha, claro

1. Clara
2. 17
3. Porto
4. Não
5. Gostei, foram bastante interessantes
6. Os concertos
7. Claro

1. Joana
2. 19
3. Perafita
4. Sim
5. Tou a curtir
6. Contador de Histórias
7. Claro que sim

1. Rui
2. 20
3. Lavra
4. Sim
5. “Nices”
6. Jiu jitsu
7. “Yep”

1. Laura
2. 18
3. Leça
4. Sim
5. Divertidas
6. Das fotos

7. Sim, sempre

1. Raquel
2. 15
3. São Mamede
4. Não
5. Gosto
6. Pedi paper
7. Sim

1. Patricia
2. 17
3. Gaia
4. Sim
5. Tá a ser fixe
6. Do yoga
7. Sim, claro.

1. Carina
2. 17
3. Porto
4. Não
5. Estou a gostar
6. Do Pedi paper
7. Sim, voltaria.

Relatório final do evento

Data: 18 de maio de 2013

Coordenador: Ana Paula Costa e Cláudia Almeida

Equipa: MQS, SE, Tânia e Bárbara

Caracterização dos participantes

Das 9h à 01:30h da manhã. O Museu contou com a presença de cerca de 350 pessoas, que foram fluindo ao longo do decorrer das atividades, sendo que as visitas, os concertos e o fogo de Artíficio do SR. De Matosinhos, aquelas que obtiveram maior público.

Direcionada a programação para o público mais jovem, o evento acabou por contemplar também a presença de público adulto e sénior.

A julgar pela amostra dos inquiridos, num total de 20 inquiridos, mais de 70% eram mulheres, e a grande maioria situada entre os 30-50 anos com 57%, seguindo-se o intervalo de idades dos 50-65 anos com 24%. Não só a avaliar pela amostra, mas também visível pela observação no dia, foi notória, apesar do envolvimento de um grupo de jovens nas atividades, a fraca adesão destes por interesse próprio e autónomo, vindos do exterior.

Em relação à proveniência do público, esta distribuiu-se equilibradamente, com 39%, entre Matosinhos e Porto, e cerca de 22% vieram de outras freguesias como: Espinho, Valongo, V.N. Gaia e Castelo de Paiva.

75% visitavam o museu/jardim pela primeira vez.

Mais de 50% tiveram conhecimento do evento através de amigo/familiar, seguindo-se as opções “Redes Sociais” e “Outros”, com 14%, e Publicidade/notícias e site CMM com 10% cada.

Apenas 35% deslocaram-se ao Museu com o intuito de participar/assistir a uma das atividades em concreto, tendo sido a atividade (Re)fashion – ateliê de transformação de roupa, a mais mencionada.

Quanto às atividades que trariam de novo ao museu, 95% das respostas foram positivas, referenciando especificamente, e na sua maioria, a exposição, seguindo-se a criação de pin's, capoeira, contador de histórias e visita “Fantasmas à solta”.

Relativamente ao Acolhimento/Informações prestadas e organização, a primeira contou com uma satisfação inferior à segunda, recebendo 88% e 915 respetivamente.

Na generalidade todas as atividades agradavam em muito ao público. Nomeadamente, com 100%, estiveram a visita inaugural da exposição “Vamos a banhos a Leça” e a Visita tátil; na casa dos 90%, por ordem decrescente, o ateliê de Pin's, os Concertos, a Capoeira, Histórias e Museu Fotogénico; com 75% o Jiu-jitsu e (Re)fashion.

**Propostas de atividades para o dia e noite internacional dos museus 18 de maio de
2013**

Atividades	Local	Horário/Duração
Yoga – sessão de yoga	Jardim	9 horas / 45 minutos
Artes Marciais – apresentação de técnicas e participação do público	Espaço Irene Vilar	A aguardar confirmação da hora e duração
Oficina de Pins – Os visitantes podem fazer o seu próprio Pin e levar para casa gratuitamente (vender Pins já feitos do MQS com o objetivo de pagar o material utilizado)	Primeiro piso espaço Irene Vilar	11 horas / 45 minutos
Transforma a tua roupa – cada visitante traz uma peça de roupa que transformará em conjunto com os alunos da ESAG	Banca no Jardim ou primeiro piso espaço Irene Vilar	14 horas / dependente da adesão
Capoeira - atuação de grupo escola Matosinhos	Jardim	*16 horas / 30 a 60 minutos
Dança HipHop – atuação de grupo escola Matosinhos	Palco / Jardim	18 horas / 45 minutos
Luta de almofadas – todas as pessoas presentes	Jardim / exterior do MQS	19 horas / 30 minutos
Concerto – Atuação de três bandas de jovens de Matosinhos (The Flux; The Gypsis; Grito!)	Jardim	Início do espetáculo às 22h, término pós fogo de artifício
Pintura facial	jardim	-----
Mural em papel de cenário – cada um deixar a sua marca	Muro / parede	-----

* Único horário possível

DIA E NOITE DOS MUSEUS 18 MAIO » 2013

DAS 09H ÀS 02H

*criatividade
faz-te ao museu*



DIA

- 9H YOGA NO JARDIM - aula aberta
- 10H* PIN_COLADO - personalização de pin's
- 10H* [RE]FASHION - transformação de roupa
- 10H JIU-JITSU - demonstração no Jardim
- 10H MÃOS QUE VISITAM ** - visita táctil ao museu
- 11H MÃOS QUE VISITAM ** - visita especial ao museu traduzida em língua gestual portuguesa
- 12H* MUSEU FOTOGÉNICO - mostra de fotografias de Nuno Silva no Auditório Espaço Irene Vilar
- 15H THE BLING CREW - actuação de hip-hop
- 16H CAPOEIRA - demonstração
- 17H VAMOS A BANHOS A LEÇA - inauguração da exposição
- 17H CONTA-ME HISTÓRIAS - por Thomas Bakk

NOITE

- 18H30 [GYPSIES, SOUL DOUBT & GRITO!] - actuação
 - 20H00 ASSENTAR ARRAIAL - montagem acampamento
 - 22H FANTASMAS À SOLTA! ** - visita assombrada à mansão maldita dos Santiago
 - 00H FOGO DE ARTIFÍCIO - Festas da Cidade - Senhor de Matosinhos
 - 00H30 FANTASMAS À SOLTA! ** - visita assombrada à mansão maldita dos Santiago
 - 01H30 PROVA DOS 9 - pedipaper com 9 desafios, na zona circundante ao museu
- PRÉMIO—1 AULA SURF para cada elemento da equipa. Na escola Surf Aventura.
PERNOITA no acampamento. ALVORADA às 9h c/ pequeno almoço. SAÍDA até às 10h.
- programação sujeita a alterações | *ao longo do dia | **inscrições prévias e limitadas



matosinhosport

MUSEU
QUINTA DE SANTIAGO



CONTACTOS + INFORMAÇÕES:
MUSEU DA QUINTA DE SANTIAGO
TLF: 229952401

EMAIL: museuqsantiago@cm-matosinhos.pt | casadobosque@cm-matosinhos.pt